

ICC - Trabalho de Conclusão de Curso - FE/UNICAMP Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editar Favoritos Ferramentas Ajuda

Endereço C:\WINDOWS\Desktop\resumo_tcc\loc.htm

Voltar Avançar Parar Atualizar Página inicial Pesquisas Favoritos Histórico Correio Impedir Editar Messenger Real.com

CARLA FABIANA TENANI



PAPET (PROGRAMA DE APOIO PEDAGÓGICO NA RELAÇÃO EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS) : UM HISTÓRICO DO PROJETO

Campinas, SP
2002



1290000293



FE

TCC/UNICAMP T251p

Concluído

Iniciar

Microsoft Word - cape2.doc

TCC - Trabalho de Co...

Meu computador

21:13

CARLA FABIANA TENANI



**PAPET (PROGRAMA DE APOIO PEDAGÓGICO NA RELAÇÃO
EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS) : UM HISTÓRICO DO PROJETO**

Campinas, SP

2002

CARLA FABIANA TENANI

**PAPET (PROGRAMA DE APOIO PEDAGÓGICO NA RELAÇÃO EDUCAÇÃO E
TECNOLOGIAS) : UM HISTÓRICO DO PROJETO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
exigência parcial para o curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação, UNICAMP, sob a orientação
da Prof. Ivany Rodrigues Pino

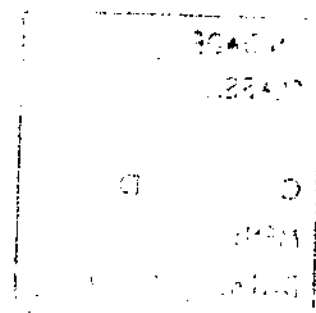
Campinas, SP

2002

COMISSÃO JULGADORA

Prof.a Ivany Rodrigues Pino
Orientadora

Profa. Dra. Vera Lucia Saborgi de Rossi
2ª Leitora



**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

T251p Tenani, Carla Fabiana.
Papet (Programa de Apoio Pedagógico na relação Educação e
Tecnologia) : um histórico do Projeto / Carla Fabiana Tenani. -- Campinas,
SP: [s.n.], 2002.

Orientador : Ivany Rodrigues Pino.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação. 2. Tecnologia educacional. 3. Metodologia. 4. Prática de
ensino. 5. Computadores. 6. Ensino auxiliado por computador. I. Pino,
Ivany Rodrigues. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

02-0159-BFE

AGRADECIMENTOS

*Acima de tudo à família que me foi concedida nesta vida.
Eva minha mãe, Valdir meu pai e Fábio meu adorado irmãozinho.*

À Ivany minha gratidão por acreditar tanto em algo que eu mesma não acreditei existir em mim.

À minha grande amiga Andressa por todas as “seguradas de barra” durante todo o processo do curso de Pedagogia e do TCC, a minha gratidão por me suportar sempre (risos), presenciando TUDO o que passei – dentro e fora da Universidade.

*À Deivany Lima e Felipe Trovato pela ajuda “técnica”, atenção e carinho...companheiros de trabalho,e mais novos integrantes da minha mais nova família!!!
p.s. Bel, obrigada por acreditar em mim! Fazendo-me sentir muito bem nesse momento tão importante e decisivo de minha vida acadêmica...*

E anche...

*A una forza che è arrivata di lungha distanza, tra il mare e il Brasile... à Ezio, a che hai fatto tanto bene a me, in questi l'ultimi mesi.
Baci e grazie bello! ;)*

*Termino dedicando também ao grande amor desta minha vida.
Amor que, até o momento, não conheço...*

DEDICATÓRIA

Á todos os educacionais e tecnologicamente excluídos ...

INTRODUÇÃO

Intenções iniciais para a elaboração do TCC	9
--	----------

CAPÍTULO I

Considerações a respeito da Educação e Tecnologia	12
--	-----------

CAPÍTULO II**Processo de criação do PAPET (Programa de Apoio Pedagógico na relação Educação e Tecnologias)**

3.1 Antecedentes históricos	17
3.2 O laboratório de pesquisas LITE - Base de surgimento do PAPET	26
3.3 O experimento do Repositório	34
3.4 Bolsistas Trabalho no LITE – um estilo de bolsa diferenciada	35
3.4.1 A participação dos bolsistas nos Projetos do LITE	

CAPÍTULO III**PAD (Programa de Apoio Didático) – origem** **38**

4.1 PAD (Programa de Apoio Didático) – processo de criação	42
4.1.2 Desenvolvimento do processo de criação	44

4.2 Relatos

4.2.1 Interesse em utilizar recursos tecnológicos como apoio à educação	53
4.2.2 Recursos mais utilizados	56
4.2.3 Administração da metodologia e didática	66
4.2.4 Bloqueios com relação ao uso da tecnologia	68
4.2.5 Aprendizagem	70
4.2.6 Nova cultura	73
4.2.7 Rupturas Pedagógicas	75
4.2.8 Descoberta	81
4.2.9 Perspectivas em relação ao Programa	82

4.3 Um dos princípios do PAPET	83
---------------------------------------	-----------

4.4 Avaliação do PAPET	84
-------------------------------	-----------

5. Considerações Finais	87
--------------------------------	-----------

6. Referências Bibliográficas	93
--------------------------------------	-----------

6.1 Bibliografia lida	93
------------------------------	-----------

6.2 Bibliografia lida on-line	94
-------------------------------	----

7. Bibliografia utilizada	96
----------------------------------	-----------

7.1 Bibliografia utilizada on-line	
------------------------------------	--

8. E-mails	97
-------------------	-----------

9. Anexos	98
------------------	-----------

*Realmente, o passado não deixa de indicar-nos que a evolução é evolução apenas quando
ela não seguiu processo provável.*

Edgar Morin

INTRODUÇÃO

Intenções iniciais para a elaboração do TCC

Era início do 3º semestre do curso de Pedagogia, minhas idéias eram diversas, sentia-me ansiosa e ao mesmo tempo muito motivada para começar a pesquisa. Meu grande interesse era realizar algum estudo no campo da educação relacionado à informática.

Nesse primeiro momento não possuía muito contato com a prática relacionada a este assunto, mas a partir de algumas observações em escolas, acompanhadas de leituras, senti finalmente que o horizonte de informações e idéias ampliava-se.

Minhas observações foram poucas mas suficientes para que eu constatasse como poderia ser interessante o uso de computadores como recurso didático na escola.

O computador pode ser um recurso de apoio à aprendizagem dentro do campo educacional, porém, o acesso a este torna-se muitas vezes um bloqueador dos interesses e das vontades dos alunos. O número reduzido de computadores, organização espaço/pessoal, ausência ou insuficiência de metodologias quanto ao uso, formação de professores, fazem parte de outras problemáticas que envolvem escolas, universidades e tecnologias.

Falo de minhas intenções no passado porque foram as iniciais; entretanto, todos esses fatos continuam ainda hoje muito freqüentes, como pude constatar em estágios realizados durante o curso de Pedagogia.

Para realizar este trabalho de conclusão de curso escolhi como objeto de estudo o PAPET (Programa de Apoio Pedagógico na relação Educação e Tecnologias), do qual participei ativamente desde o início do processo de sua criação – 1º semestre de 2000 – auxiliando a Coordenadora e idealizadora do Projeto Ivany Rodrigues Pino. Portanto, sobre este, sinto segurança e prazer em reconstruir seu trajeto, podendo, assim, dar sequência aos meus anseios de estudo sobre a relação educação/tecnologia, que surgiu no início do curso.

Minha pretensão aqui é realizar um trabalho de reconstrução histórica da trajetória do Programa PAPET a partir do início - 1º semestre de 2000 - até o 1º semestre de 2002.

Para isto, através de uma pesquisa, reuni dados do Repositório LITE (Laboratório Interdisciplinar de Tecnologias Educacionais), documentos da Coordenadora do Projeto - Relatório Trienal LITE – 1999/2001, Documento SAE/LITE 2002 - dados e informações consultados nos próprios sites do LITE* e do PAPET¹. Em relação aos documentos tive acesso a todos, analisando-os conforme maior relevância para meu trabalho. Optei por colocar partes destes, levantando assim um maior e mais seguro número de informações.

A fim de enriquecer o trabalho foram realizadas 4 entrevistas, semi dirigidas, com 4 docentes selecionados entre aqueles que participaram do Projeto desde seu início. A partir dos pólos de interesse:

- Utilização de recursos tecnológicos como apoio à educação
- Recursos mais utilizados
- Administração da metodologia e didática
- Bloqueios com relação ao uso da tecnologia
- Aprendizagem
- Nova cultura
- Rupturas Pedagógicas
- Perspectivas em relação ao Programa
- Limites e alcances
- Descoberta
- Perspectivas em relação ao Programa

Preparei um roteiro (anexo1, pág 98) que serviu de orientação durante as entrevistas, áudio gravadas e transcritas posteriormente. Estes pólos de interesse são as categorias que centralizaram os diferentes depoimentos, permitindo que fosse reconstituída a partir da experiência de professores, participantes do PAPET, a outra dimensão da trajetória do projeto. Esses procedimentos metodológicos baseados no referencial teórico permitiram o aprofundamento da análise dos documentos e significados dos entrevistados.

*<http://www.LITE.fae.unicamp.br>,

¹<http://www.LITE.fae.unicamp.br/papet>

Dos quatro professores selecionados tive oportunidade de acompanhar, desde o início, seus trabalhos pedagógicos no PAPET, monitorando suas disciplinas durante o segundo e terceiro semestres de desenvolvimento do Programa.

No final, através de seleção de leituras, compreensões, análises e interpretações de significados, de teorias, documentos, entrevistas, tentei localizar todos esses dados e organizá-los de modo a obter como resultado final um trabalho que traça a trajetória do Projeto nos cursos de graduação de Pedagogia e Licenciaturas, dentro da Faculdade de Educação da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas).

Portanto, meu maior ideal era e continuou sendo realizar uma pesquisa sobre as TICs (tecnologias de informação e comunicação) - o computador em rede – como recurso para a educação do ponto de vista pedagógico. Como as TICs, considerando seus limites e alcances, contribuem para ao processo de ensino aprendizagem? Como ocorre em situação presencial a incorporação das TICs no trabalho pedagógico? E de que forma está sendo aplicada?

CAPÍTULO I

Considerações sobre Educação e Tecnologia

A evolução da humanidade vem sendo marcada por uma nova revolução, estamos vivenciando a chamada "Revolução Tecnológica"; esta por sua vez, vem modificando e influenciando cada vez mais o modo de ser, agir; enfim, o modo de viver de toda sociedade mundial. Como não poderia deixar de ser, esta Revolução tem influenciado de modo significativo o campo educacional... E nesse contexto de mudanças educadores e indivíduos têm refletido a necessidade de compreender estas transformações e como incorporá-las, socializando experiências. Pensemos então, de que maneira esta influência tecnológica educacional vem contribuindo para a educação.

Há 15 anos a informática era um mundo monopolizado pelas grandes corporações. Depois da popularização dos computadores pessoais, a informática começou a invadir outros campos de atuação. A educação então tenta apropriar-se dessa invasão tecnológica.

Os recursos tecnológicos das NTICs (Novas Tecnologias de Informação e Comunicação), que estão sendo aos poucos incorporados na educação tiveram sua origem através de empresas ou área militar, exemplo: internet.

Tais tecnologias da informação e comunicação, com seus limites e potencialidades, são diversificadamente amplas, permitindo ao professor selecionar os mais adequados processos pedagógicos para trabalhar com seus alunos.

Segundo FAZENDA et al. (1999, p.114) "A INTERNET pode propiciar o "estar junto" através do virtual, de especialistas externos com os elementos da escola, vivenciando com eles o processo de implantação da mudança na escola.". Fato importante é que os ambientes de aprendizagem podem facilitar a construção de novos conhecimentos; o aluno aprende nesses ambientes, buscando informação na construção de novos conhecimentos.

SANCHO (1998) lembra que a busca de interação vem impulsionando o desenvolvimento de mecanismos que permitem a ação compartilhada da informação no sentido da

comunicação. Um salto de qualidade. A interatividade, homem/máquina, através do uso de computadores como recurso didático, permite o acesso a conteúdos que estão na memória do computador, podendo assim se constituir na informação que se deseja, no ritmo e forma pessoais. Esta interatividade possibilitará a organização de alguns ambientes de aprendizagem (físicos e simbólicos) que situem discentes e docentes nas melhores condições pedagógicas para perseguir algumas metas educacionais consideradas pessoal e socialmente valiosas.

Embora, as condições financeiras do nosso país contribuam para o atraso desse processo de apropriação da tecnologia por parte das escolas, não há como negar que estamos em uma época de transição, em que a presença das NTICs no ensino espera por uma definição mais clara dos rumos a serem seguidos.

Com todo o avanço tecnológico e possivelmente com o aprofundamento das desigualdades e aumento de exclusão serão considerados analfabetos os que não possuem nenhum conhecimento em tecnologias, linguagens computacionais ou aqueles que têm acesso e não dominam as NTICs? A resposta a essa questão é de grande importância porque esse impacto social será inevitável devido ao avanço das tecnologias. Os primeiros analfabetos apareceram com o surgimento da imprensa, os segundos possivelmente surgirão com o avanço das linguagens computacionais.

Na educação a atenção e a crítica presentes já no *PNE (Proposta Nacional de Educação) à postura de certos profissionais tanto da educação quanto das tecnologias fazendo ressurgir:

“A ‘era dos pacotes educacionais’, pensados por quem sabe, a serem executados e gerenciados por quem não sabe [...]: nos kits “modernidade”...” (p.73)

O que podemos concluir com isto? Fica claro que o que está em jogo não é a preocupação com o processo de ensino aprendizagem mas sim uma “fobia” em estar “dentro”, estar “modernizado” e aplicar de qualquer forma esta modernidade, sem uma reflexão pedagógica crítica de aplicação sobre qual o objetivo que se pretende atingir com estas chamadas modernidades, e qual a melhor forma de aplicá-lo para que este venha realmente a significar positivamente o processo de aprendizagem do aluno.

Pesquisadores, docentes e críticos vêm divergindo sobre a questão, fazendo discursos inflamados contra ou a favor. Enquanto um primeiro grupo de professores fascinam-se com deslumbramento acrítico aos computadores e a "nova onda" de informatização escolar, obcecados pelo "novo", um segundo e minoritário grupo debruça-se sobre a questão e suas tramas, preocupados em realizar reflexões críticas e teóricas priorizando o processo de construção da aprendizagem interligando-o ao contexto político, econômico, cultural e social das nações.

Assim, como a maioria das pessoas não percebem as mudanças e transformações do mundo, alguns professores insistem em perpetuar metodologias de ensino que não respondem ao desenvolvimento contemporâneo, afastando o aluno do processo de construção do conhecimento, contribuindo para a preservação de uma sociedade incapaz de criar, agir, construir e reconstruir o conhecimento. Uma escola que divide os conhecimentos por assuntos, centrada no professor e na transmissão de conhecimentos, considerando o aluno como uma tabula rasa, perpetuando a submissão, castrando a autonomia e criatividade desse, depositando o saber no aluno através do professor, "educação bancária" segundo Paulo Freire.

Alguns professores preocupam-se com a questão de que as novas tecnologias, em específico computadores, usados em situação de Educação à Distância (EAD) poderão vir a substituí-los. Entretanto, os docentes continuam inseridos no contexto escolar agora como mediadores; mediadores do processo de ensino-aprendizagem.

Uma relevante questão seria sobre a interação docente, computador on/off e discente, a qual deve ser cuidadosamente trabalhada e pensada.

FAZENDA (1999) fala sobre a interação aluno – computador que necessita da intervenção de um profissional - mediador da aprendizagem - que tenha conhecimento do significado do processo de aprender por intermédio da construção do conhecimento

“...Este tem que mediar as idéias do aprendiz sobre como atuar no processo de construção do conhecimento para intervir apropriadamente na situação, de modo a auxiliá-lo nesse processo, este pode ser o professor...”

Computadores vêm sendo utilizados em algumas escolas públicas e até em universidades, apenas como ferramenta, quando estes deveriam estar sendo melhor utilizados no sentido de colaborar no processo de construção da aprendizagem. Utiliza-se apenas a máquina e seus recursos informáticos dentro de Instituições Educacionais sem que se atente para o fato da incorporação educacional, isto é, a utilização do computador usado como um recurso didático, partindo da educação para o tecnológico e trazendo-o para a educação.

Como a inserção das novas tecnologias da comunicação e informação podem contribuir na melhoria da qualidade dos processos de ensino aprendizagem? O aumento da capacidade de raciocínio e criatividade dos discentes, desenvolvimento integral, cidadania, através de desenvolvimento da autonomia, criticidade, etc, possivelmente seria mais forte através da amplitude de possibilidades oferecidas pelos recursos didáticos tecnológicos?

“Precisamos então retomar a discussão sobre o que estamos entendendo como sendo o uso dessas tecnologias e quais as possibilidades para a educação [...] O uso das TIC na educação já é objeto de estudos e experimentos em praticamente todo o mundo e já começamos verificar um certo descaso sobre a sua verdadeira eficácia. Já é quase consensual a idéia de que a incorporação dos computadores na educação não pode ser mera repetição dos tradicionais cursos ou aulas, estando as mesmas, no entanto, ainda centradas na superada e tradicional concepção de tecnologias educacionais, associadas às práticas de instruções programadas de algumas décadas atrás, tão conhecidas dos educadores.

Também já é quase consensual a percepção de que o uso das TIC será um fracasso se insistirmos na sua introdução como ferramentas, apenas como meros auxiliares do processo educacional... (PRETTO, 2001, p.41)

A Educação pode apropriar-se do computador utilizando-o como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem do aluno, permitindo a apropriação nas diferentes disciplinas curriculares. A grande discussão sobre esse assunto é quanto a abordagem pedagógica a ser utilizada nesse processo. Em relação a isso BELLONI (2001) nos lembra que essa integração das TICs aos processos educacionais, como eixo pedagógico central pode ser estrategicamente de grande valia desde que se considere estas técnicas como meio e não como finalidades educacionais, que as integre:

“...em suas dimensões indissociáveis: como ferramentas pedagógicas extremamente ricas e proveitosas para a melhoria e expansão do ensino; e como objeto de estudo complexo...exigindo abordagens criativas, críticas e interdisciplinares.” (BELLONI, 2001, p.69)

Não podemos mais ficar de “braços cruzados” assistindo mudanças acontecerem no cenário educacional. Seria interessante que houvesse um esforço conjunto em prol da educação, ou seja, que profissionais das duas áreas – educacional e tecnológica – pensassem em soluções para reunir recursos novos e antigos que a tecnologia oferece ao processo educativo visando com isso obter um resultado onde se pudesse auxiliar diretamente este com o apoio de uma ação inovadora como pensa Pretto:

“...penso ser necessário considerar que esse movimento contemporâneo nos proporciona uma oportunidade sem igual de se aproximar novas (e velhas!) tecnologias ao processo educativo, como uma possibilidade única de superar as falácias dos sistemas tradicionais de ensino... levando-nos a compreender a educação enquanto processo que se constrói a partir da diferença... Mais do que isso, não é possível que os educadores fiquem esperando que as outras áreas...ocupem sozinhas esse espaço, que é eminentemente pedagógico.” (PRETTO, 2001, p.43)

Segundo MORIN (in SILVA, 2001) “o passado não deixa de indicar-nos que a evolução é evolução apenas quando ela não seguiu processo provável”

Reafirmando, SILVA (2001, p.29) fala:

“E é justamente esta capacidade de adaptação (ou reação), que se impõe à educação. Essa incapacidade de responder às novas exigências de nossa época é refletida na suspensão das propostas pedagógicas, que navegam sem rumo entre as incertezas angustiantes dos modelos redutores...Impõe-se à educação uma nova percepção do espaço-tempo. A sala de aula não tem, como hoje estruturada, a menor capacidade para isso. Na modernidade clássica, onde a escola nasceu como a conhecemos, tínhamos um projeto, uma utopia que regulava os meios para atingir um futuro emancipatório; hoje temos um programa: organizar o tempo...e a complexidade de informações.”

CAPÍTULO II

Processo de criação do PAPET

3.1 Antecedentes históricos

Para apresentar o processo histórico de criação do meu objeto de pesquisa que é o PAPET, não poderia iniciar sem apresentar previamente sua base de surgimento que foi o LITE. Através de um relato oral a coordenadora do laboratório descreveu o processo histórico que deu origem ao LITE, lugar de criação do PAPET.

A idéia de criação do LITE atendeu a solicitação em 1995 da reitoria à Faculdade de Educação para apresentar uma proposta de um possível modelo de educação e novas tecnologias para a universidade. A razão da necessidade de definições de modelos associando novas tecnologias e educação surgiu no interior de movimentos tanto internos na universidade, quanto externos, no âmbito de um consórcio interuniversitário, que reforçou e começou a dar alguma visibilidade a questão da educação à distância, sobretudo para as universidades públicas.

Embora, o consórcio tenha sido uma forte marca do debate é interessante salientar que foi durante a elaboração da LDB, a partir de 1988, que essa temática começa a ser presente nas preocupações dos educadores, pois um dos capítulos da lei em desenvolvimento tratava da educação à distância.

O movimento social do Fórum em Defesa da Escola Pública na LDB, organização que reunia associações científicas e sindicais nacionais e que participou da construção do projeto de lei no Congresso Nacional, desde 1988 até 1996, quando foi aprovado o projeto do novo governo, considerou o capítulo de Educação a Distância complexo e provocante.

Representando o Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES), no Fórum Nacional as professoras. Ivany Pino e Maria Rosa Abreu, esta uma especialista/ pesquisadora desta temática, consideraram-na inovadora e crucial para a educação, porém, reconhecendo que ela mais lhe coloca problemas do que soluções, decidiram investir fortemente na problemática da educação á distância.

Maria Rosa Abreu participando de debates a nível nacional sobre a questão, articulando-se com grupos do MEC, participou da constituição do processo de cooperação entre aquele Ministério e o de Comunicações com a finalidade de implantar e desenvolver um Sistema Nacional de Educação à Distância, com a participação do CRUB, CONSED e UNDIME (Protocolo no. 003 de 26/05/1993). Entre as ações privilegiadas ganha prioridade os termos de compromisso segundo os quais o MEC deveria estabelecer na área da Educação Superior, juntamente com o CRUB, um consórcio interuniversitário para desenvolver um programa de aprendizagem a distância, incluindo a educação continuada, visando a capacitação de professores de todos os níveis do sistema educacional brasileiro e para implementar pesquisa e desenvolvimento no uso das novas tecnologias de informação e comunicação na educação.

Criado o Consórcio em junho de 1993 a Universidade de Brasília recebeu a delegação do MEC para sediar, como pólo experimental, o Consórcio interuniversitário de Educação e Formação Continuada em Educação a Distância. Devendo promover a cooperação das universidades e de organismos nacionais e internacionais foi estabelecido um termo de convênio para implantar um Consórcio de Universidades Públicas Brasileiras, tendo em vista uma cooperação técnica científica na área de Educação à Distância. A UNICAMP convidada a participar assinou-o, em 1994, e solicitou à Faculdade de Educação a designação de um professor como executor. A Faculdade de Educação indicou a professora Ivany Pino que, como executora do convênio, passou a desenvolver e coordenar os trabalhos na universidade e a representa-la no Consórcio.

Tendo em vista as complexas experiências na década de 70 entre educação e tecnologia, sobretudo do ponto de vista ideológico, a coordenação do consórcio na universidade considerou a necessidade de que sua representação tivesse respaldo e refletisse os interesses da instituição. Assim, decidiu por uma trajetória em duas dimensões: uma interna e outra externa..

O desenvolvimento da trajetória interna deveria passar por um forte processo de mobilização dos docentes e de suas respectivas unidades. Foi organizado um seminário na universidade, quando docentes exporiam suas experiências com o objetivo de socializá-las,

bem como manifestar seus interesses e iniciar um lugar de debate sobre a educação à distância.

A reduzida participação de docentes e a fragmentação das poucas experiências apresentadas evidenciaram a necessidade da organização de um grupo de trabalho com representantes das unidades. Ocorreram várias reuniões, algumas com mais de 80 participantes constando sempre da pauta a problemática questão da educação à distância na UNICAMP. Discutia-se Educação à Distância dentro de uma nova perspectiva das tecnologias de informação e comunicação, não somente de vídeo, televisão, fita cassete, o texto impresso, preocupava-se incluir as grandes transformações relativas ao conhecimento decorrentes das tecnologias da comunicação e informação.

Esse movimento no interior da universidade despertou forte interesse, inclusive de representantes de Núcleos de Pesquisa e dos Centros de Comunicação. Seguiu-se o desenvolvimento de um levantamento (relatório janeiro de 1995) sobre EAD na UNICAMP com os objetivos de localizar, caracterizar e analisar os projetos existentes nas diferentes unidades.

A análise dos dados evidenciou, dentre outras, de um lado, a ausência de uma cultura em educação à distância, conhecimento teórico fragmentado e confusões conceituais, bem como pouca especialização dos docentes. Por outro lado, o levantamento deu ocasião à manifestação de forte expressão dos interesses de unidades e docentes sobre a EAD, acentuando a necessidade de institucionalizar, na universidade, o espaço acadêmico em EAD, a exemplo da educação presencial, para que as ações pedagógicas dos professores em projetos de cursos e pesquisas não fossem considerados marginais às atividades de docência e pesquisa já consagradas academicamente.

Dentre os instrumentos disponíveis o computador despontou como uma grande potencialidade estratégica de uso nas possíveis ações porém, não como única alternativa. Esse movimento de articulação interna na universidade acabou por construir vínculos institucionais com o Consórcio das Universidades Públicas.

Entretanto, o Consórcio em fase de organização, ampliava-se com a participação de novas universidades. Muitas reuniões foram realizadas na UNB e nelas discutia-se, sobretudo, a questão da infraestrutura, em razão da participação do Ministério das Comunicações no Sistema Nacional de Educação à Distância.

As possibilidades relativas à construção da Rede de Comunicações centralizavam os interesses da grande maioria das universidades participantes. A Embratel, centrada na importância da rede de comunicação, apresentou seu projeto de construção das supervias de comunicação ligando internamente Brasília e mais tarde esta a São Paulo e a várias capitais do país.

Enquanto a tecnologia ocupava grande espaço do e no Consórcio as questões relacionadas a Educação pareciam ser mais secundárias. As ações eram primordiais para muitas universidades o que levava as discussões sobre educação mais para o lado de definições das prioridades dos sistemas educativos e planejamento de projetos coletivos. Também não se pode afirmar que havia tanta clareza (diz Ivany) sobre a relação extremamente complexa entre a educação e a Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC).

Qual era a grande preocupação de algumas universidades? Que se iniciasse a criação de grupos interdisciplinares de pesquisa, de grupos de trabalho com o objetivo de discutir as questões teóricas, políticas e ideológicas da educação e da tecnologia e de suas relações. Começa a delinear-se a necessidade de definições de políticas educativas no campo da EAD. E muito depressa também evidenciou-se a urgência de debater a organização do Consórcio. Atendendo a solicitação do Consórcio que lhe apresentou princípios gerais, a UNICAMP, através de sua Procuradoria Geral, elaborou os estatutos que após discussões foi aprovado.

Do ponto de vista legal os Estatutos ajudaram a consolidação do consórcio. Talvez, devido a qualidade do trabalho e sua repercussão entre os representantes das universidades consorciadas, bem como as implicações das ações internas na UNICAMP iniciou-se um movimento entre algumas universidades federais e estaduais, com mais penetração no campo da pesquisa e do ensino no país, para a mudança do consórcio para a UNICAMP, por ocasião das novas eleições de seus dirigentes. Acredita Ivany que reforçou também este

movimento a posse do novo Ministro da Educação, o Prof. Paulo Renato, ex-reitor da UNICAMP, em decorrência da posse do Presidente eleito, Prof. Fernando Henrique Cardoso.

Entretanto, a idéia não foi tão bem incorporada na UNICAMP. De um lado, a Reitoria manifestou posição contrária que, possivelmente, tenha sido reforçada pela opinião do Ministro da Educação, não manifestando seu interesse pelo Consórcio. De outro lado, a Faculdade de Educação também contrária, expressou muito mais seu interesse no sentido do fortalecimento do movimento interno sobre EAD na universidade.

Realizou-se então na UNICAMP uma reunião do Diretor da FE, Prof. Sanfelice, com a presença da prof. Ivany, com o Reitor Martins. O Reitor comunicou sua decisão de não abrigar o Consórcio na UNICAMP, mas solicitou a direção da FE a apresentação de alternativa de modelo para introduzir a EAD na universidade.

A existência do movimento de docentes articulado pela FE deu-lhe uma base de legitimidade para a construção da proposta. A prof. Ivany foi convidada, por sua direção, para reunir na FE docentes interessados no processo da EAD, inclusive de outras unidades, para construção de uma proposta por um grupo organizado em torno do interesse em pensar a questão da educação e tecnologias e suas relações, abordada interdisciplinarmente.

A presença da Faculdade de Educação marcou definitivamente a história da educação e novas tecnologias/ EAD na UNICAMP, diferentemente do ocorrido em outras universidades. Sua participação ativa no processo, incentivando, organizando, debatendo marcou a proposta que foi construída pelo grupo e que recebeu o nome de Laboratório Interdisciplinar de Tecnologias Educativas – LITE.

Ao apresentar o LITE à Reitoria houve uma certa surpresa, porque na verdade estava sendo apresentado a criação de um laboratório que incorporava representantes de todos os Institutos. Segundo Ivany era um processo muito interessante do ponto de vista de concepção democrática, para a concretização de uma idéia muito nova dentro da Universidade e que deveria ser pensada e articulada dos prismas teórico, político,

ideológico e financeiro e, sobretudo, com o interesse daqueles que iriam participar do processo.

A Reitoria achou bastante interessante, porém, o processo foi lento e de repente percebeu-se que essa lentidão da Reitoria deveria ter algum significado, ou seja, as questões que começaram a ser colocadas pelo grupo, e sobretudo, o grupo que tinha elaborado o projeto eram as seguintes: “a Reitoria realmente tem interesse nisso?”, “em assumir de desenvolvimento de EAD na Universidade?”

Um dos princípios da proposta do LITE, consensual no grupo, foi a relação educação e tecnologia, vista do lugar da educação, portanto a tecnologia considerada como um meio, um recurso devendo responder às concepções teóricas e práticas do trabalho pedagógico. A tecnologia na educação não é o centro do processo, ela não é o conteúdo.

Independente de uma resposta formal da Reitoria são iniciados os contatos e articulações para composição da equipe e decisões sobre desenvolvimento de projetos tendo em vista a criação do LITE. Constituído o grupo de trabalho, já agora pesquisadores associados do LITE, graças a uma negociação bem sucedida com o então diretor da FÉ, foi agregada uma analista de sistemas, bastante interessada em trabalhar com EAD.

De fato já acontecia um redirecionamento do LITE em virtude do interesse que o novo diretor expressou em que a proposta do laboratório abrangesse o âmbito da universidade via FE. Era sua intenção criar algo semelhante ao LITE caso não houvesse da parte do laboratório um novo recorte de atuação. O professor estava disposto a criar uma estrutura paralela e semelhante ao LITE, porque ele queria desenvolver pesquisa e ações em educação e TICS na Faculdade, entendendo-a, como nós, como um lugar privilegiado dentro da universidade para o trato das questões educação/tecnologias e reconhecendo aí a existência de grande potencialidade crítica, teórica e de produção de conhecimento.

Esse xeque mate provocou no grupo muito debate e análises, pois a incorporação do laboratório pela Faculdade de Educação não poderia significar a perda da condição de um trabalho interdisciplinar ao nível da universidade. Ao contrário, a definição do laboratório na FE deveria fortalecer a interdisciplinaridade não só dentro da unidade como também

com os outros institutos e faculdades interessados. O laboratório foi criado com este espírito, pois desde o princípio já dele participavam pesquisadores do Instituto de Artes, do Instituto de Computação, de Núcleo de Pesquisa.

A indefinição da Reitoria contribuiu para o rumo da vinculação do laboratório à Faculdade. A expectativa da diretoria era de que o laboratório da Faculdade não se definisse unicamente como um grupo de pesquisa, mas também que desenvolvesse ações envolvendo os pesquisadores dos grupos de pesquisa já existentes, enfim, que se definisse na direção de provocar uma polarização sobre EAD na Faculdade de Educação.

A primeira ação no LITE foi resultante de um convênio com a Rede Nacional de Tecnologia e Pesquisa (RNP) que repassou seu repositório para o laboratório com a expectativa que ele desse continuidade ao que poderia tornar-se uma porta de referência internacional em educação. A intenção do grupo do LITE era de articular a participação no repositório dos grupos de pesquisa da FÉ. Desde o início do laboratório era clara a necessidade de incorporação dos grupos de pesquisa em criação na Faculdade nas pesquisas, nos trabalhos e ações em educação e tecnologia.

Foi desenvolvido o design inicial e a estrutura do repositório que o LITE coloca on-line, contendo as páginas dos grupos que, insistentemente convidados, aceitaram participar e outras páginas com temas mais abertos resultados de links interessantes.

A aceitação parcial dos grupos de participação no repositório levou o laboratório a perceber que precisaria de mais apoio, de pessoas que fossem formadas para desenvolver esse tipo de trabalho. A solução mais interessante então encontrada foi os Bolsistas Trabalho que foram solicitados ao SAE (Serviço de Apoio ao Estudante) da Unicamp.

O LITE recebeu as duas primeiras estagiárias com bolsa trabalho que receberam, desde o início, uma formação dentro de uma concepção diferenciada de educação/tecnologia. As bolsistas iniciam seu trabalho organizando, desenvolvendo e mantendo o Repositório, não só como apoio aos grupos de pesquisa que dele participavam como também desenvolvendo serviços de busca em sites apropriados com o objetivo de localizar as informações em educação, selecioná-las, organizá-las e disponibilizá-las on-line.

Posteriormente as bolsistas participaram de um convênio LITE/Ministério de Educação, com o setor de EAD para a organização de um grande Repositório Nacional de EAD, sob a coordenação da UNB e com a participação de universidades como UNICAMP e USP.

A equipe do LITE coordenou, entre outras, as áreas de história, de política educacional e da educação básica. O LITE consolidava-se através do Repositório e de outras ações que abertas a universidade como conferências, palestras, seminários sobre educação e tecnologia.

O laboratório foi institucionalizado na Congregação da faculdade tendo aprovado seus estatutos. Constituído por um grupo interdisciplinar, no qual participavam os pesquisadores associados do LITE, alguns professores da Faculdade, mas muitos professores de outros Institutos, como os professores Hans Kurt Lisenberg, do Instituto de Computação, Hélio Lemos Solha do Instituto de Artes, Maria Helena Pereira Dias, doutoranda do Programa da FE, desenvolvendo tese sobre Educação à Distância e Sérgio Amaral.

Paralelamente ocorriam mudanças internas na Faculdade de Educação, na nova estrutura da Pós Graduação, onde o LITE participava ativamente na Área 2 – Educação, Ciência e Tecnologia.

Respondendo a um convite da Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação para participar como assessor em projeto de pesquisa organizado por pesquisadores do Departamento de Automação que seria submetida à FAPESP(Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) o LITE passou a fazer parte de um grupo interuniversitário de pesquisadores. No início a perspectiva da participação dos pesquisadores do laboratório era no processo de avaliação através da elaboração de testes objetivos. Ao conhecer o projeto e o achando interessante, os pesquisadores associados ao LITE fizeram a proposta ao coordenador, que a aceitou, para compor o grupo de pesquisadores.

Feita a proposta e imediatamente aceita, ocorreu a ampliação do número de pesquisadores, passando a ser um grupo de pesquisa interdisciplinar, O projeto SAPIENS, pesquisa interdisciplinar, foi constituído pelo LITE, agrupando professores da Faculdade de Educação e professores de outros Institutos, e alguns alunos de Pós Graduação,

articuladamente com a Faculdade de Engenharia da UNICAMP, incorporando também a da USP de São Carlos e, mais tarde, da PUC de Campinas.

Foram dois anos de experiências extremamente interessantes. O grupo do LITE, dentro da Faculdade de Educação, ampliou-se com a participação de uma especialista de avaliação do LOED (Laboratório de Observação e Estudos Descritivos) a profa. Mara Regina Leme de Sordi, de um pesquisador do Grupo de Pesquisa Pensamento e Linguagem, prof. Angel Pino e da pesquisadora profa. Denise Bertoli Braga, do IEL (Instituto de Estudos em Linguagem), que estava desenvolvendo algumas experiências e pesquisa sobre ensino do inglês e uso de novas tecnologias. A mestranda do LITE, Paula Carolei, também deu importante contribuição no desenvolvimento do projeto.

O relatório final do projeto SAPIENS está *disponível on-line, com vários textos produzidos como apoio pelos pesquisadores do LITE.

Finalizando, é interessante ressaltar um dos maiores princípios do LITE, desde sua criação, que é a diferenciada compreensão do tratamento da relação educação e tecnologia. Ela existe independente da educação, tem outros objetivos, não necessariamente da educação e portanto, quando ela pode ser utilizada pela educação esta tem que se articular, em um processo de integração, com os objetivos pedagógicos, metodológicos, respondendo às necessidades pedagógicas de concepções teóricas sobre educação e ao mesmo tempo, as potencialidades que ela oferece ao trabalho pedagógico e didático do professor e dos alunos no processo de aprendizagem.

Reforçando essa idéia acentua a coordenadora do LITE que:

“ ... em concepções correntes a relação entre educação e tecnologia caracteriza-se muito mais pela educação sub assumida às exigências da tecnologia. A proposta de trabalho do LITE é inversa, ou seja, a tecnologia deve responder às necessidades e ampliar as perspectivas interativas professor/aluno/alunos no processo de aprendizagem e de significação. Essa perspectiva é a marca de todo o desenvolvimento do trabalho no LITE .” (Ivany)

* [http:// www.LITE.fac.unicamp.br/sapiens](http://www.LITE.fac.unicamp.br/sapiens)

3.2 O laboratório de pesquisas LITE

O Projeto PAD – hoje PAPET – é um projeto do LITE (laboratório de pesquisa e estudos da relação educação/tecnologia) da FE/UNICAMP.

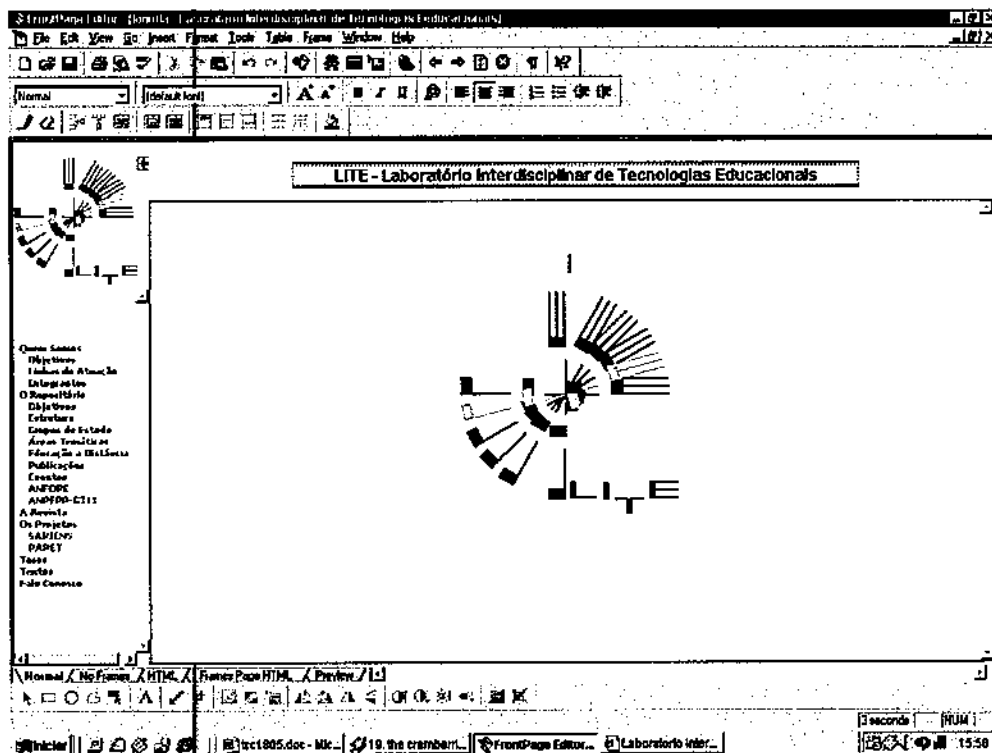


Figura 1

Suas principais linhas de atuação podem ser agrupadas nas seguintes categorias:

- Manutenção de repositório de informações educacionais e de material didático-pedagógico, acessível remotamente pela comunidade externa.
- Desenvolvimento de material didático-pedagógico baseado em novas tecnologias de informação e comunicação.
- Ações em ensino à distância e presencial, usando tecnologias.
- Serviços de apoio aos docentes.

- Pesquisas relacionadas com a temática abordada pelo laboratório.

Um dos sustentáculos principais do laboratório é seu Repositório de Informações Educacionais, que tem como objetivos primordiais:

- desenvolver banco de dados regionais e nacionais, contendo informações educacionais com a finalidade de subsidiar ações locais ou nacionais na área da educação;
- fomentar o intercâmbio nacional e internacional, constituindo-se em pólo disseminador de conhecimento e centro de referência para as questões de avaliação e formação continuada, com alta capacidade tecnológica;
- dar subsídios e apoio às diferentes ações da educação mediatizada pelas tecnologias da informação e comunicação;
- abrigar contribuições de especialistas nacionais e do exterior, das diferentes áreas e setores ligados à educação;
- abrigar contribuições e trabalhos dos órgãos oficiais para a área educacional;
- servir como referência geral a usuários nacionais e internacionais;
- servir como porta de entrada para assuntos de Educação, apontando para outros repositórios específicos, no país e no exterior;
- servir de recurso para apoio pedagógico a professores;
- constituir uma fonte de subsídio para tomadores de decisão;
- estabelecer um ambiente de intercâmbio e compartilhamento de informações na área educacional.

A estrutura do Repositório abrange as seguintes categorias:

- Grupos de Estudo

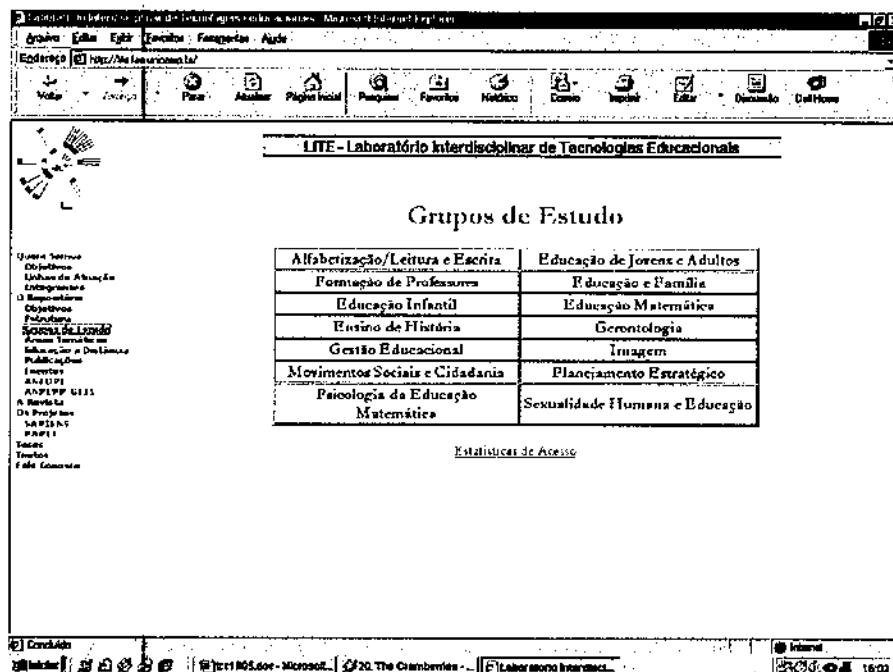


Figura 2

- Áreas Temáticas

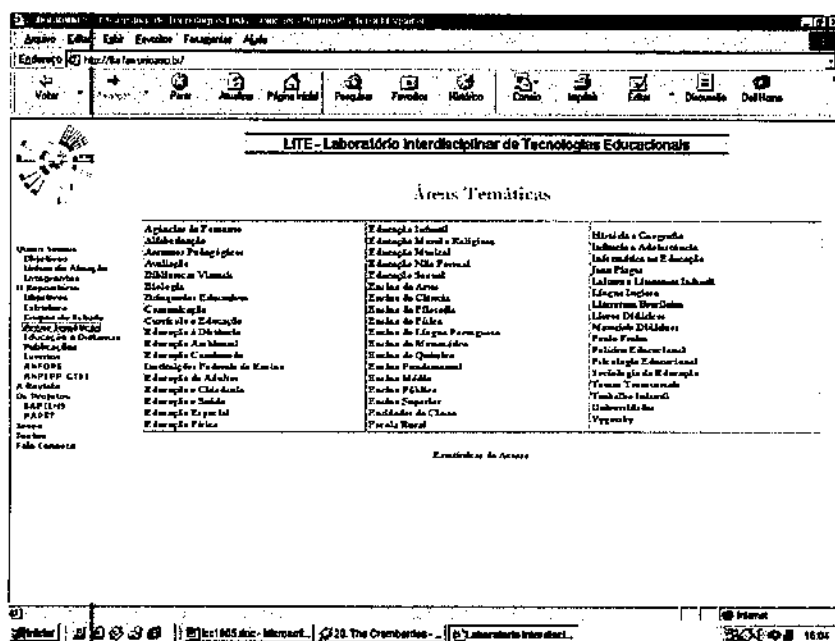


Figura 3

- Educação a Distância

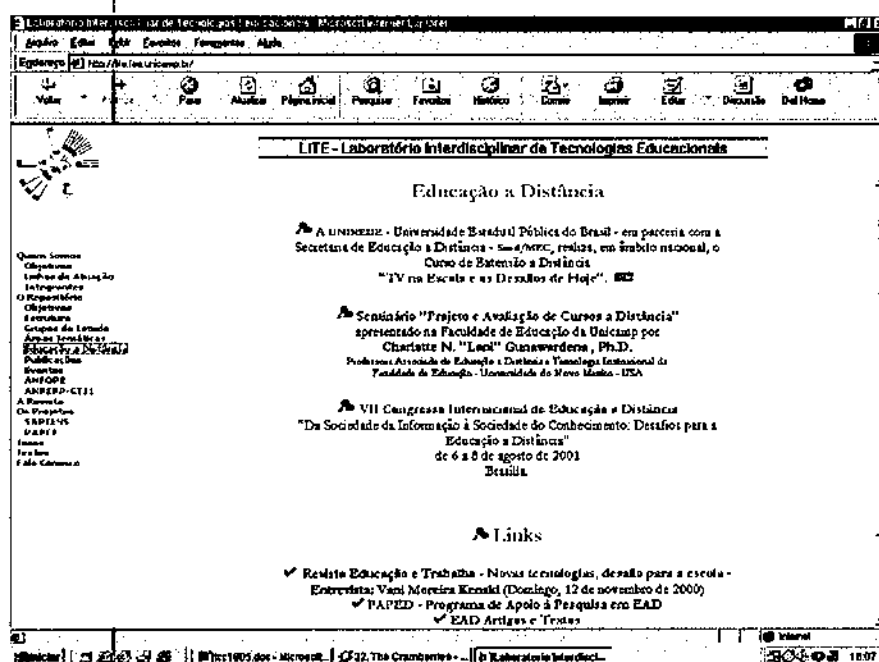


Figura 4

- **Publicações**

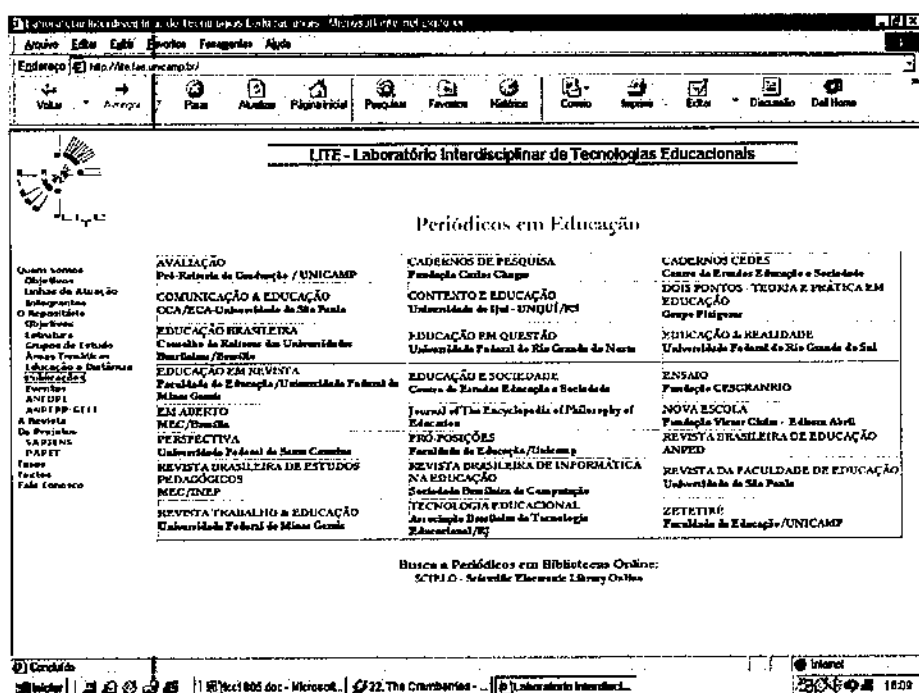


Figura 5

- A Revista “Nas Redes da Educação”

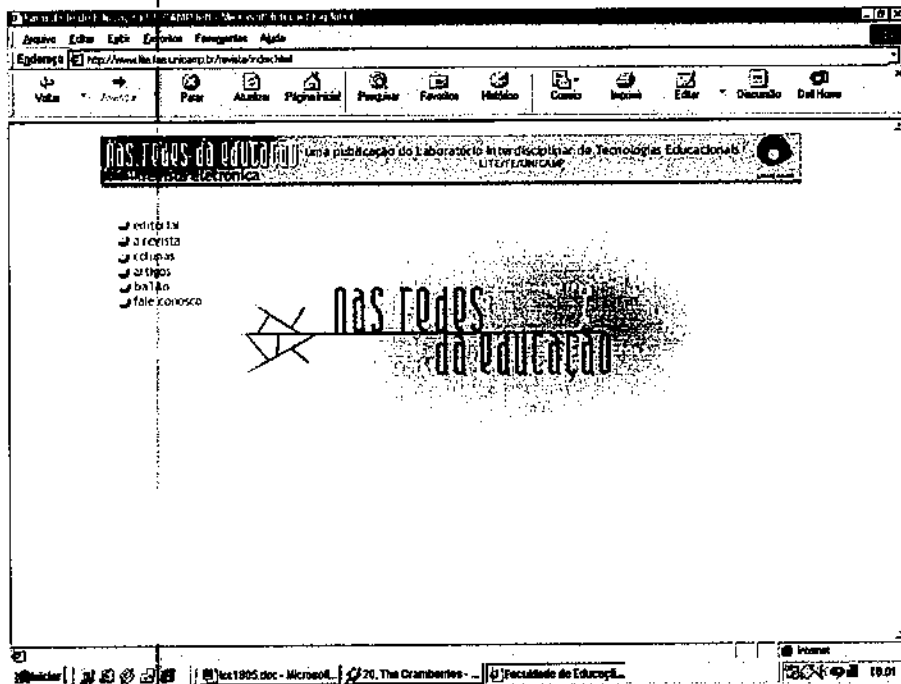


Figura 6

- ANPEPP - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia

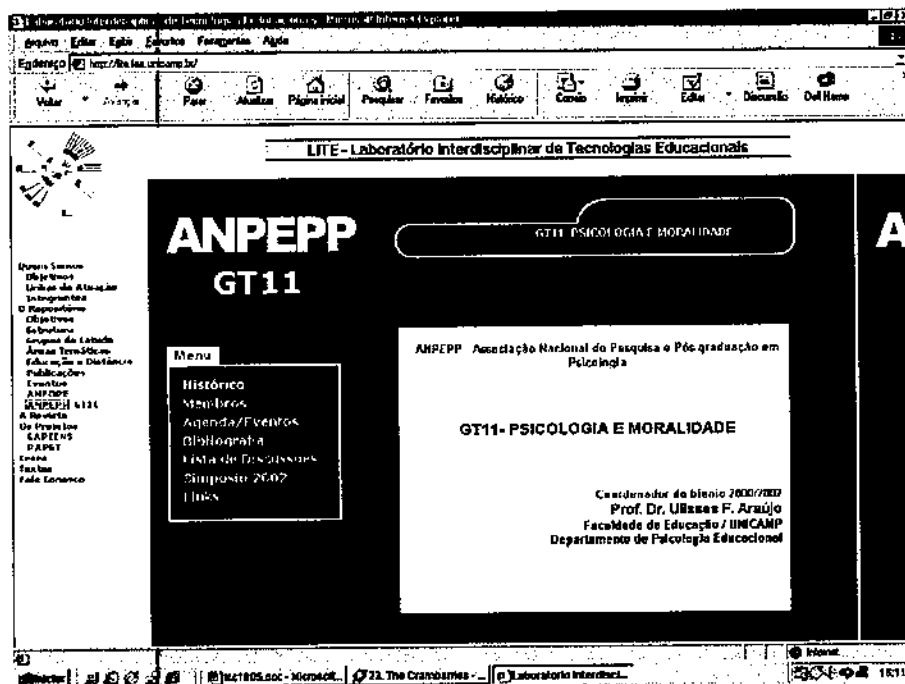


Figura 7

• ANFOPE - Associação Nacional para Formação de Professores

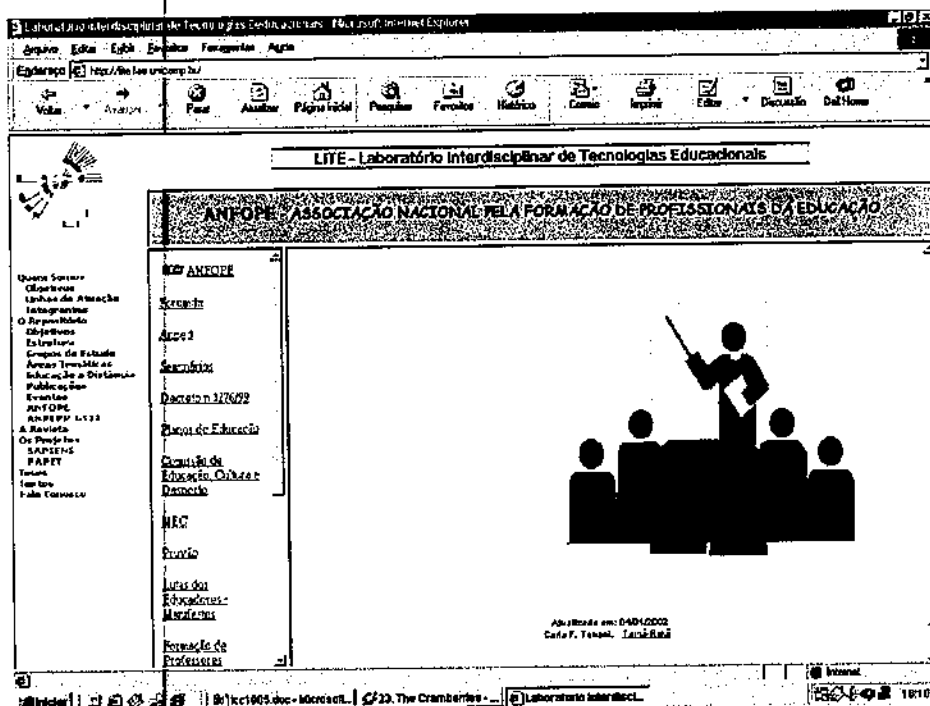


Figura 8

• FÓRUM DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – Site do Fórum criado na Congregação da FE/UNICAMP.

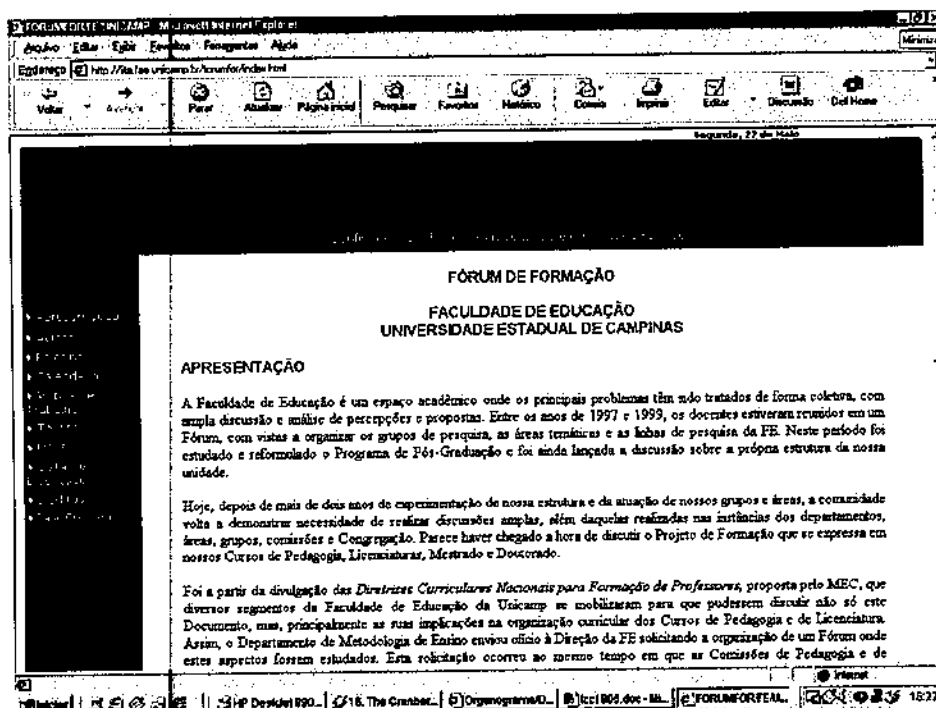


Figura 9

Os projetos:

- Projeto SAPIENS - Sistema de Apoio à Aprendizagem, apoiado pela FAPESP – terminado em 2001, coordenado pelo prof. Dr. Léo Pini Magalhães, DCA/FEEC/UNICAMP. SAPIENS é um projeto de pesquisa interinstitucional - UNICAMP/USP e interdisciplinar com o objetivo de explorar as novas possibilidades pedagógicas do uso de tecnologias na aprendizagem. O projeto contou com a participação de educadores, associados ao LITE, e de cientistas e engenheiros da computação, associados ao Instituto de Ciências Matemáticas e Computacionais (ICMC) da USP de São Carlos e à Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação (FEEC) da UNICAMP.

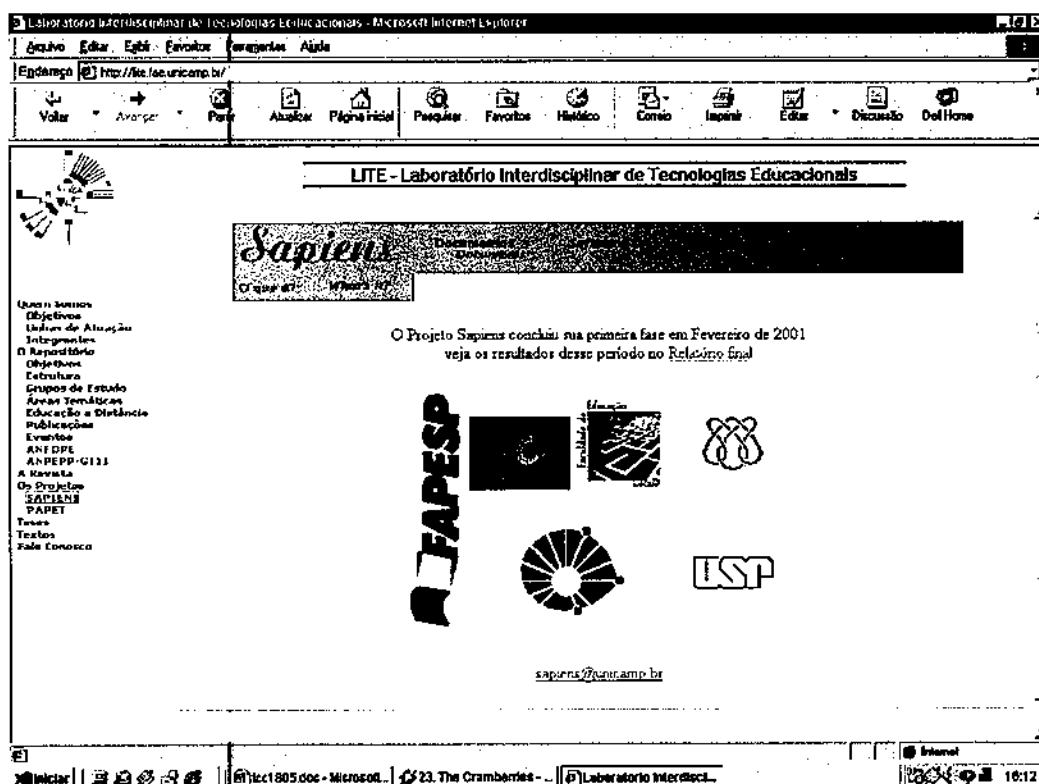


Figura 10

- **PAPET - Programa de Apoio Pedagógico na relação Educação e Tecnologias**

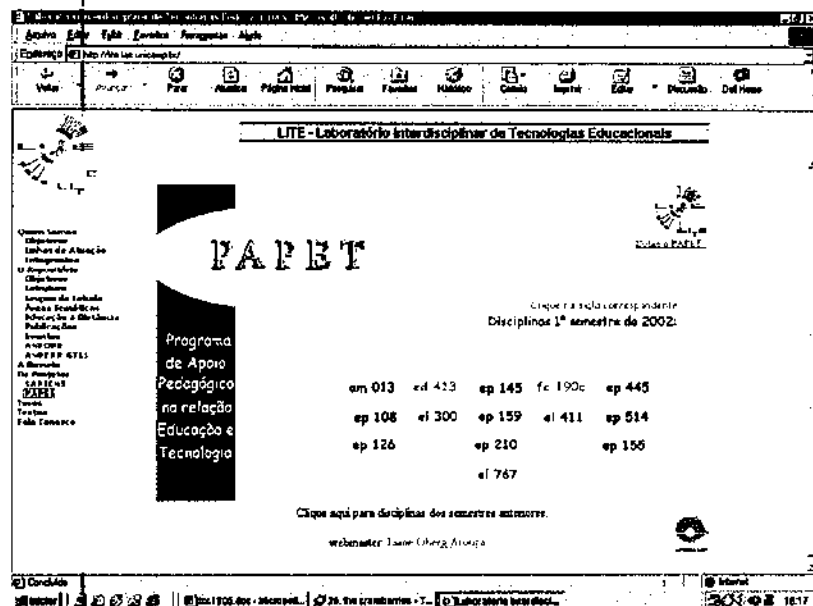


Figura 11

- **Site de Avaliação em Educação, parceria LITE/LOED e Fundação FORD**

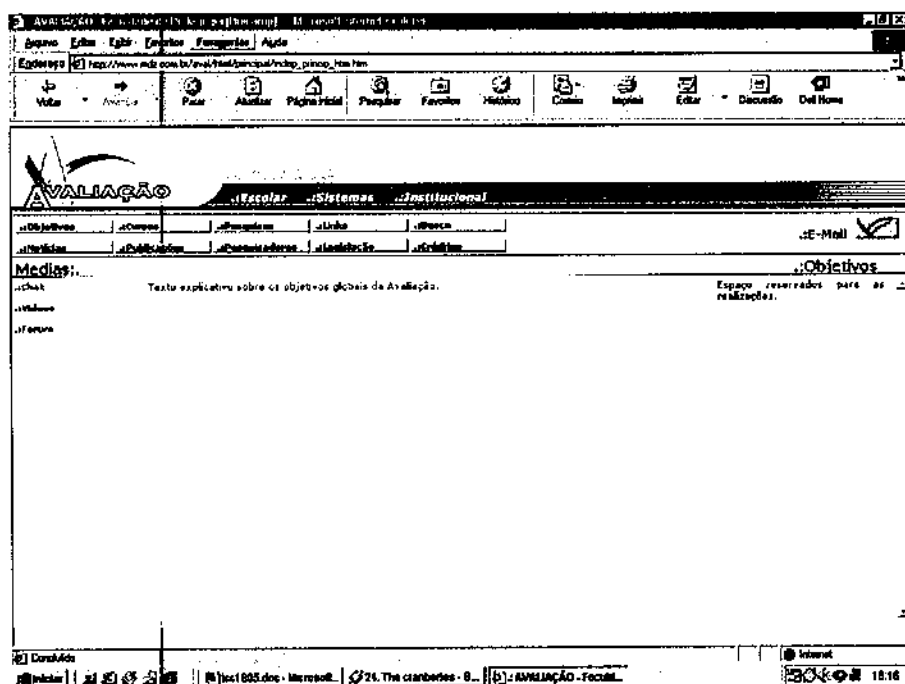


Figura 12

- Textos de apoio ao Projeto SAPIENS.

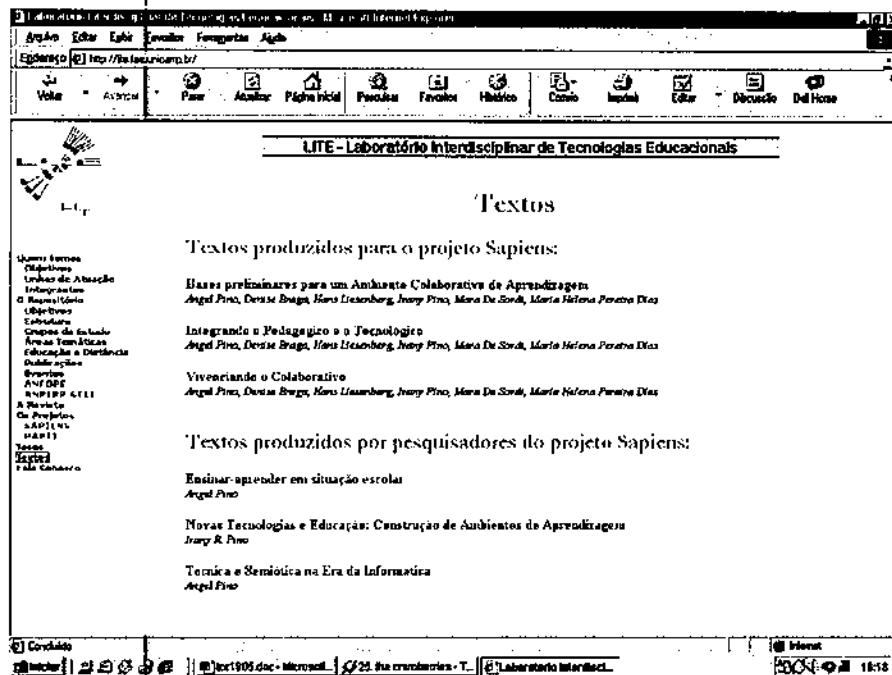


Figura 13

3.3 O experimento do Repositório

‘O Repositório tendo como objetivo a organização e tratamento de informações educacionais e a concentração de referências na área, desenvolve a construção de ambiente apropriado à difusão de informações em educação na Rede Internet, de um lado analisando e aplicando as ferramentas de software adequadas, e, de outro lado desenvolvendo diferentes metodologias para localização, seleção, avaliação, organização e disponibilização das informações. Na atual fase de desenvolvimento do Repositório estão sendo privilegiadas a seleção e organização das informações disponíveis de forma caótica na Web, através de sistemas de busca e disponibilizadas em formas de links categorizados e descritivos. Este projeto de pesquisa é realizado no LITE, sob a coordenação da profa. Ivany, por um grupo constituído da analista de sistemas e de cinco Bolsistas Trabalho do SAE e de uma especialista em informação, aluna do programa da Pós Graduação da FE, ligada ao Laboratório. Alguns Grupos de Pesquisa da Faculdade de Educação participam também do desenvolvimento do conteúdo do Repositório...’ (PINO,99/01)

3.4 Bolsistas Trabalho no LITE – um estilo de bolsa diferenciada

Para o bom andamento e desenvolvimento de Pesquisas, de Projetos como o PAPET e do Repositório, o LITE conta com o auxílio de Bolsistas Trabalho do SAE (Serviço de Apoio ao Estudante – UNICAMP). Os alunos do curso de Pedagogia têm prioridade, seguidos dos alunos de Licenciatura.

‘A orientação das bolsas trabalho do SAE é formativa, ou seja, os estudantes que passam pelo LITE, geralmente alunos da Pedagogia ou então da Licenciatura, desenvolvem seu trabalho em situação de aprendizagem. Aprendem a manejar as tecnologias de informação, sempre condicionadas aos interesses pedagógicos, participam de seminários de estudo e reuniões de organização do trabalho. Assim, a aprendizagem das TICs sempre ocorre com as indagações sobre as relações educação e novas tecnologias. Livros que tratam desta temática são disponíveis aos alunos. Estes “estudantes trabalhadores” têm, portanto, uma formação diferenciada e muito atualizada em relação às exigências contemporâneas da vida social.” (PINO, 99/01)

3.4.1 A participação dos bolsistas nos Projetos do LITE

No LITE os bolsistas integram equipes de três projetos, sendo que em todos eles desenvolvem ações atuando diretamente no processo de desenvolvimento dos mesmos, com a supervisão, da parte tecnológica, da Analista de Sistemas do LITE e a supervisão pedagógica da Coordenadora do laboratório.

“1. Repositório de Informações Educacionais

- ✓ localizando informações através de processos de busca;
- ✓ criando e produzindo informações através de pesquisas;
- ✓ desenvolvendo processos de categorização, seleção e indexação de informações;

- ✓ preparando e disponibilizando no Repositório, informações recebidas dos Grupos de Pesquisa da FE.

2. Revista Nas Redes da Educação

- ✓ preparando matérias da revista utilizando ferramentas disponíveis;
- ✓ auxiliando na disponibilização da revista na Internet.

3. ²PAPET – Programa de Apoio Pedagógico na relação Educação e Tecnologias

Neste Projeto os bolsistas atuam:

- ✓ preparando materiais selecionados por professores para as disciplinas, disponibilizando-os, em seguida, nos sites dos cursos;
- ✓ localizando na Internet, através de sistemas de busca, materiais didáticos, artigos, etc., submetendo-os à apreciação dos professores e posteriormente fazendo links destes para os sites dos cursos;
- ✓ atuando no auxílio dos alunos no que diz respeito ao conhecimento e manejo da Internet e ferramentas tecnológicas que são disponibilizadas para o uso de alunos e professores nos sites das disciplinas;
- ✓ desenvolvendo experimentos com a equipe de pesquisadores e analista de sistemas, tendo como referência a apropriação das TICs pela educação;
- ✓ avaliando a aplicação na educação de sistemas de autoria apoiados pela equipe do LITE;
- ✓ participando da elaboração de materiais didáticos a serem desenvolvidos no LITE para serem disponibilizados nos sistemas de autorias para os cursos específicos.”
(SAE/LITE, 2002)

* <http://www.LITE.fae.unicamp.br/repositorio>

¹ <http://www.LITE.fae.unicamp.br/revista>

² <http://www.LITE.fae.unicamp.br/papet>

CAPÍTULO III

PAD (Programa de Apoio Didático) – origem

“Programas de “tecnologia crítica” já estão sendo realizados em vários cursos superiores e se constituem, muito deles, como espaços de resistência e transparência sobre o uso de computadores e redes. Englobam temas que vão das relações de poder que envolvem a utilização dessas tecnologias no atual estágio da sociedade até a criação e instalação de seus próprios programas...servidores, ...e páginas na WEB. Procuram “olhar por trás” dos programas e serviços oferecidos comercialmente, desconstruí-los e aplicar suas metodologias na criação de projetos ...orientados para a resolução de problemas reais, levantados...em suas áreas de ação.” (KENSKY in BARRETO, 2001)

Ainda KENSKY (in BARRETO, 2001) nos lembra que posicionamentos críticos em relação as TICs são fundamentais no que se diz respeito ao investimento em programas de formação de professores com orientação crítica ao uso das tecnologias como apoio na educação.

O PAD surge no LITE sob esse embasamento teórico, quer dizer, a intenção inicial era criar-se um programa que apoiasse pedagogicamente, oferecendo isto através de seus próprios recursos e mais, recursos esses que tivessem em primeiro plano a educação, ou seja, um programa que possuísse, ao mesmo tempo, uma visão crítica sobre a tecnologia, apoiando a educação.

Portanto, através de uma base com essa linha de pensamento surge o ideal de se criar o PAD. Em um relato da própria idealizadora do projeto esta expõe claramente a origem do processo de criação.

Carla – “O que a motivou a criar o PAD?”

Ivany – “De uma certa forma você participou dessa história. Estava dando um curso de metodologia de pesquisa quando comecei a achar que se começassemos a utilizar determinados recursos da tecnologia de informação poderíamos reforçar melhor a relação do processo de interação entre professores e alunos e eu poderia acompanhar com mais facilidade os problemas que os alunos poderiam apresentar na elaboração dos seus projetos.

[...]então eu perguntei um dia para você, como aluna também da disciplina EP144 sua opinião sobre o desenvolvimento no curso de uma lista de discussão. Propus que a gente usasse então alguns recursos da tecnologia da informação para fortalecer o processo

interativo, que poderia ajudar bastante aos alunos, os projetos. Seu entusiasmo foi imediato. Começamos então, muito simplesmente, criando uma lista de discussão... [...]Então eu comecei a ver como a tecnologia da informação poderia estar presente no presencial com uma potencialidade de fortalecimento do processo interativo, e dando uma continuidade a relação de sala de aula no mundo virtual durante a semana de intervalo entre um curso e outro.”

A partir desse experimento começam a surgir questionamentos e críticas em relação à educação e tecnologia apoiando os cursos presenciais.

“E essas potencialidades foram abrindo perspectivas e, ao mesmo tempo que abria perspectivas abria também questões em alguns sentidos como por exemplo: será que qualquer tecnologia da informação seria interessante para os cursos presenciais? Será que teriam alguns recursos que se adaptariam melhor do que outros, segundo a natureza do curso, o tipo de trabalho pedagógico de professores e alunos? Como ela poderia facilitar mais o trabalho pedagógico do professor? Como também ela poderia facilitar o trabalho pedagógico do aluno? Eram muitas questões, eu tinha mais questões do que resposta.”

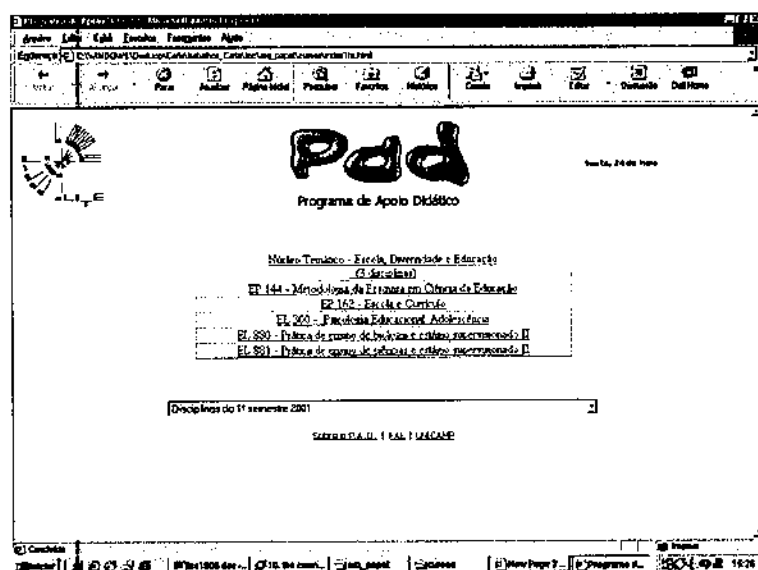


Figura 14

Através das primeiras experiências portanto, com a lista de discussão, aliados aos questionamentos que eram muitos, fluíam idéias e idéias:

“[...]comecei a descobrir que se o efeito de uma simples lista de discussão era tão grande e tão interessante, o que aconteceria se alargássemos esses recursos, essas ferramentas como pedagógicas, portanto, sempre do ponto de vista das necessidades pedagógicas. Seria possível colocar questões interessantes para nossa prática pedagógica. Então construímos um site, constando de plano de curso, (você que construiu, pode descrevê-lo melhor do que eu[...])”

E é a partir dessa primeira experiência que começam a surgir as primeiras avaliações e os primeiros percalços, estes que eram externos ao LITE, ou seja, fatores existentes dentro da própria Faculdade de Educação que colocavam limitações a esse início experimental da educação apoiada pela tecnologia auxiliando os cursos presenciais, como por exemplo, o acesso aos computadores.

“[...] e quando nós terminamos esse curso analisamos essa experiência, com a participação dos alunos que disseram sobre suas dificuldades em frequentar a sala de informática , das condições concretas da sala de micro, onde as condições eram mais limitativas do que facilitadora para a permanência dos alunos. Primeiro pouquíssimos micros estavam disponíveis e eles tinham de dividir o tempo com os alunos da pós graduação, com outros alunos de outros institutos que frequentavam o local estavam lá, com professores, quer dizer, era realmente muito complicado, e nem todos os alunos tinham computador em casa .

Foi logo colocada a questão do acesso à tecnologia não pela dificuldade da tecnologia mas pela dificuldade de acesso ao computador que colocaria o aluno em rede. E a coisa que mais foi evidenciada pelos alunos como dificuldade foi esta questão: o acesso e o uso do computador. E isso aí foi muito marcante porque eles tiveram uma presença interessante como alunos[...]começaram a reivindicar condições melhores para a sala de micro, maior número de micro e etc. E eu me perguntava, porque em outros institutos as salas de micro dos estudantes era tão bem organizada, ampla espaçosa, muitos equipamentos, acesso facilitado, enquanto que na FE, a coisa era realmente complicada? Eu concordava com os alunos que era realmente complicada.

←
}

Essa, eu acho, foi um pouco a experiência que vivemos nesse primeiro semestre, quando criamos, ou melhor, não criamos nada, simplesmente começamos a utilizar algumas ferramentas em um curso que necessitava de uma presença maior do professor, e vice-versa para o estudante, de mais contato com os professores, até para um incentivo, uma resposta imediata, uma pergunta, coisas dessa natureza.”

A decisão de levar adiante esse experimento dentro do LITE foi então tomada.

“[...]nós aqui do LITE fizemos uma reunião, porque nessas alturas nós já tínhamos um número de bolsistas bastante interessante, era o 2º semestre de 2001, já estávamos com 4 bolsistas e requisitando mais um aluno ao SAE, então nós propusemos que se fizesse. Pelo sucesso de nossa experiência considerada inclusive por mim, pelos alunos, e bolsistas, pelas descobertas que tínhamos feito sobre a tecnologia no presencial, pela importância de alargamento do trabalho pedagógico, achamos que seria bastante interessante propor essa experiência para outros professores. Ao mesmo tempo seria um espaço de pesquisa para os professores que quisessem se envolver, para o próprio LITE, para todos que quisessem aprofundar essa questão educação e tecnologia. Um espaço de pesquisa para os alunos de graduação e igualmente para os alunos de pós graduação[...] Decidimos alargar o Projeto, transformamos em um Programa, e naquela ocasião chamamos de Programa de Apoio Didático ao Docente (PAD)[...] Fizemos uma carta para todos os professores da Faculdade oferecendo o Programa.

Em seguida, a professora Ivany expõe suas impressões a respeito do Projeto desde o processo inicial de sua criação até os dias atuais:

“[...]E eu acho que conseguimos alguns sucessos bastante interessantes, algumas posições de professores que se interrogam muito sobre sua prática pedagógica e que estão abertos para inovações, para correrem riscos em termos de conduzir algumas mudanças no sentido de observar para que direção essas mudanças caminham e como marcam o processo de aprendizagem, reforçam interatividade, o reforço e a comunicação, a possibilidade de pesquisas tanto disponibilizando textos do próprio professor, ou pesquisas que os próprios alunos poderiam fazer on-line, reforçando pesquisas que eles poderiam fazer em biblioteca e estabelecendo links dentro das disciplinas”

4.1 PAD (Programa de Apoio Didático) – processo de criação

‘O projeto consiste em alguns experimentos de inclusão das tecnologias em situações de cursos presenciais, com objetivos de testes, pesquisas e criação ou reforço na FE/UNICAMP, da cultura do uso destas tecnologias como recursos pedagógicos, centrando sua atenção na relação de facilitação do processo de aprendizagem.

No ano de 2001 foram atendidas vinte e duas disciplinas desenvolvendo alguns recursos tecnológicos, baseados na WEB, criando sites dos cursos onde foram utilizadas várias ferramentas tecnológicas inclusive algumas selecionadas da plataforma WebCT, articuladas com os projetos pedagógicos dos professores que permitissem o desenvolvimento de ambientes colaborativos de aprendizagem.

Cada disciplina teve sua página desenvolvida constando, entre outras possibilidades, de:

Plano de Curso

Quadro de Avisos

Textos de autoria do professor

Links para textos disponíveis na rede e resultantes de pesquisa dos alunos

Área de apresentação de trabalho dos alunos

Lista de Discussão

Chat

Fórum de Debates

Anotações

Grupos de produção temática

O PAD é um recurso tecnológico projetado especificamente para o ensino presencial, auxiliando discentes e docentes em disciplinas presenciais no curso de Pedagogia da FE da UNICAMP.

Buscou-se, com a criação do PAD, possibilitar no curso de Pedagogia da FE uma nova cultura de formação em educação tecnológica. As relações pedagógicas no ambiente de rede são diferentes nas diversas disciplinas em que a situação foi desenvolvida.’ (PINO,99/01)

Segundo Lúcio Fonseca em artigo publicado na Web: "[...]as pessoas lembram-se de cerca de 15% do que escutam, 25% do que vêem, 60% daquilo com que interagem. INTERAÇÃO, portanto, é fundamental." (FONSECA, Aescola.com)

O PAD tenta possibilitar, nesse caso, uma maior interação entre discentes e docente, com a possibilidade de consulta dos textos disponibilizados em rede e opinar, discutir, refletir, não somente através das aulas presenciais mas também de um adicional recurso didático tecnológico, manifestando-se por meio de Lista de Discussão, possibilitando uma interação virtual assíncrona.

A escolha da solução tecnológica sempre foi determinada pelas necessidades pedagógicas da disciplina e definidas pelo professor.

"A minha avaliação é positiva. Minha prática indica uma potencialidade muito grande das técnicas de informação para uma melhor qualidade do processo pedagógico. Para mim, não ocorreram rupturas mas certamente identifiquei situações onde a presença de processos interativos, mesmo que assíncronos, com o uso das tecnologias de informação, têm facilitado e reforçado o processo interativo entre alunos e alunos e professor o que tem interferência quantitativa e qualitativa no acompanhamento dos trabalhos dos alunos e no refinamento da avaliação formativa e contínua. Entretanto, identifiquei limitações tecnológicas no processo do PAPET. Estamos face a duas alternativas: ou assumimos o WEBCT ou outra plataforma de design tecnológico para aprendizagem como EDUNEC ou AulaNet ou então desenvolvemos o nosso próprio ambiente colaborativo de aprendizagem. A tendência é a segunda alternativa e, para tal estamos incluindo o PAPET em programa de pesquisa - SAPIENS 2 - para obter equipamentos e constituir uma equipe de programação pesada para desenvolvimento da nossa plataforma." (PINO,99/01)

Pelo sucesso que estes experimentos alcançaram até o momento, este Programa está sendo ampliado e "deverá atender a outras disciplinas dos cursos de graduação de Pedagogia e Licenciaturas." (PINO, 2002)

4.1.2 Desenvolvimento do processo de criação

Para dar início a experiência educacional tecnológica a Home Page continha alguns elementos básicos os quais foram instituídos pela coordenadora do Projeto que contou com o apoio técnico e interlocução de *duas alunas. Fui convidada a construir as duas primeiras Home Pages para as disciplinas - EP 144 e EP 145 - respectivamente, fazendo toda a parte da Arquitetura de Informação e Design envolvendo busca, tratamento e disponibilização de informações do site e após essa 1ª fase, em um segundo momento, Andressa de Andrade também passa a integrar a equipe de criação do início do Projeto. Naquele momento, eu e ela, cursávamos a disciplina EP 145 e ao mesmo tempo trabalhávamos como Bolsistas Trabalho no laboratório. Os elementos disponibilizados nesse início eram: plano de curso, texto sobre Projeto de Pesquisa, alguns textos retirados de jornais, livros, etc, links, lista de discussão, projetos dos alunos disponibilizados no próprio site. Nessa fase as alunas receberam além das orientações da coordenadora do Projeto, orientações técnicas da Analista de Sistemas do LITE, Liane Oberg Arouca, e um treinamento para utilização do WEBCT pelo, doutorando do LITE, Marcelo Araújo Franco.

No segundo semestre de 1999 a primeira home page foi disponibilizada na internet para a disciplina EP 144 - "Metodologia de Pesquisa em Ciências da Educação I".

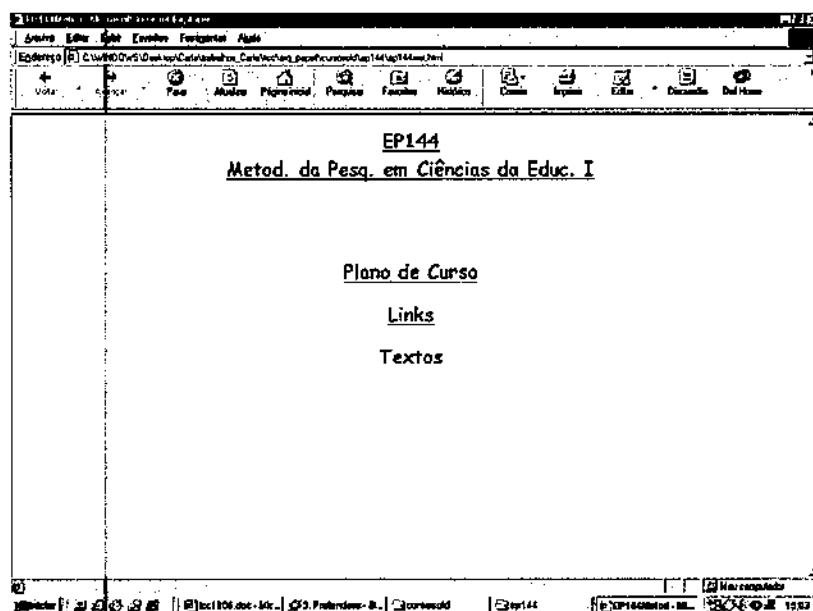


Figura 15

* Carla Fabiana Tenani e Andressa de Andrade - alunas da graduação de Pedagogia da FE/UNICAMP.

Nessa tentativa inicial de trazer a educação tecnológica para o presencial ocorreram muitas descobertas, as quais foram de extrema importância na construção, desenvolvimento e seqüência do Projeto PAD através de experiência e pesquisa.

Entretanto, foi na disciplina EP145 - "Metodologia de Pesquisa em Ciências da Educação II" – que foram iniciadas as primeiras pesquisas através de experimentos no uso e desenvolvimento de algumas ferramentas das tecnologias da informação.

Eu, como aluna, bolsista LITE, participava ativamente do processo com a orientação da profa. Ivany. Começamos a colocar em prática alguns aplicativos: desenvolvemos um site contendo o plano de curso, textos, links interessantes e criamos uma lista de discussão.

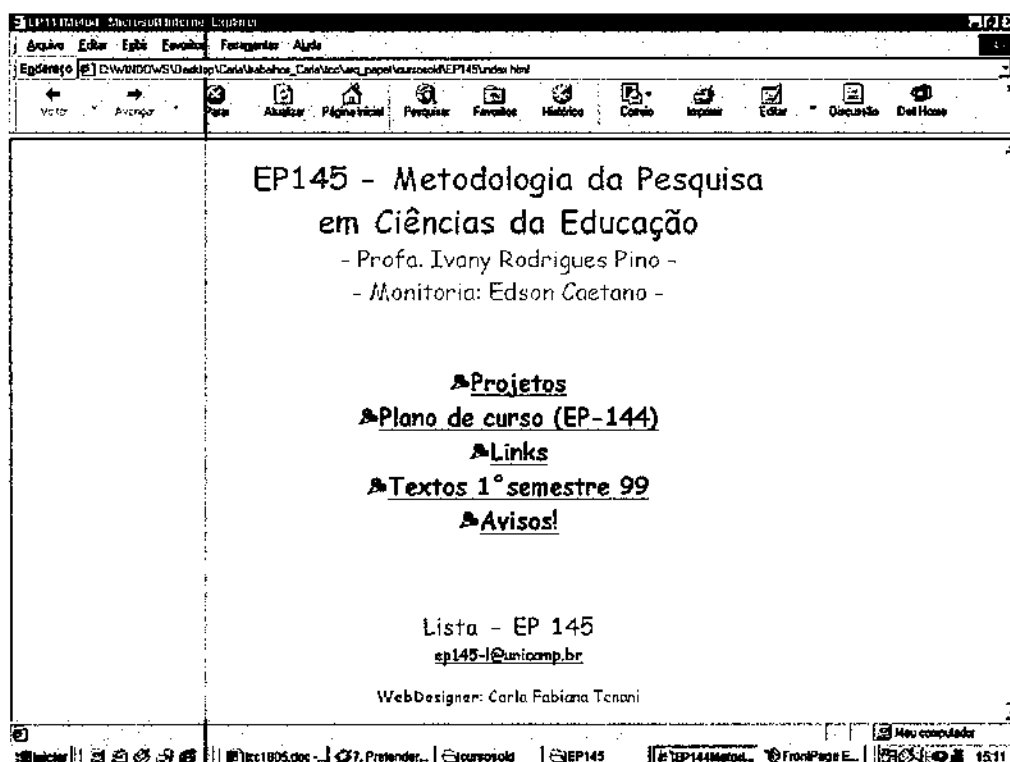


Figura 16

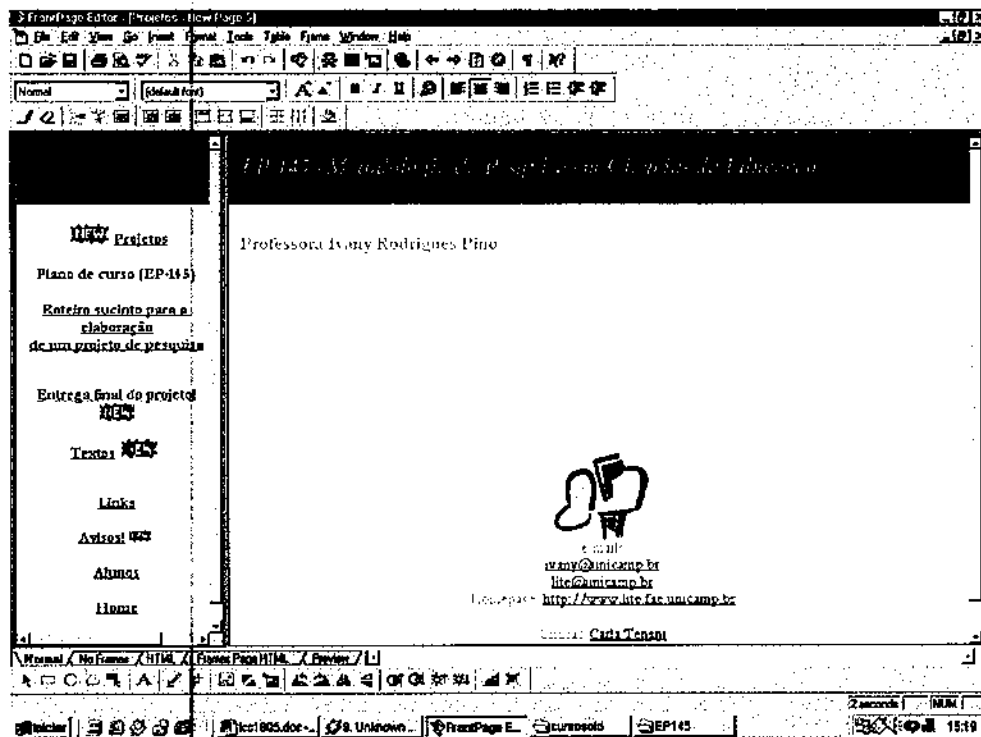


Figura 17

Esperava-se que esta página se tornasse um recurso didático pedagógico que contribuísse para o desenvolvimento e avanço da aprendizagem, facilitando a construção do conhecimento e motivando o trabalho de alunos e professores.

“O PAD foi muito bem recebido pelos alunos com grande participação, ativa e constante. Tive chances, através da lista de discussão, de descobrir e de apoiar alunos em situações vividas durante a elaboração dos projetos que foram muito reveladoras das trajetórias de construção de significações dos diferentes processos de aprendizagem. A lista de discussão também foi importante espaço de socialização dessas trajetórias e de aprendizagens coletivas.” (PINO,99/01)

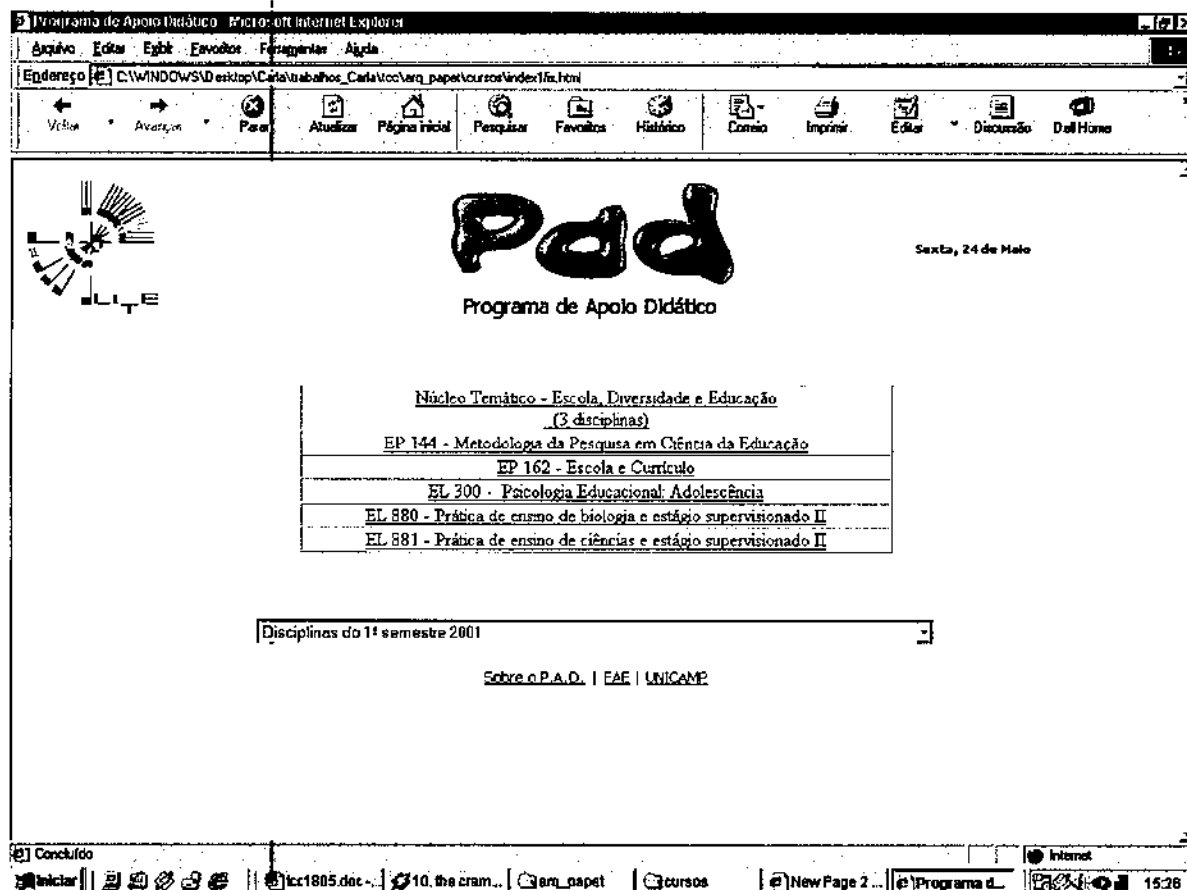


Figura 18

Desde a criação do Projeto até o início do segundo semestre de 2001, as alunas, sob a supervisão da analista de sistemas do laboratório, criaram a estrutura de design e trabalharam sobre a arquitetura de informação, além de atuarem na administração, disponibilização, alimentação e manutenção via internet, e monitorando os docentes e discentes participantes.

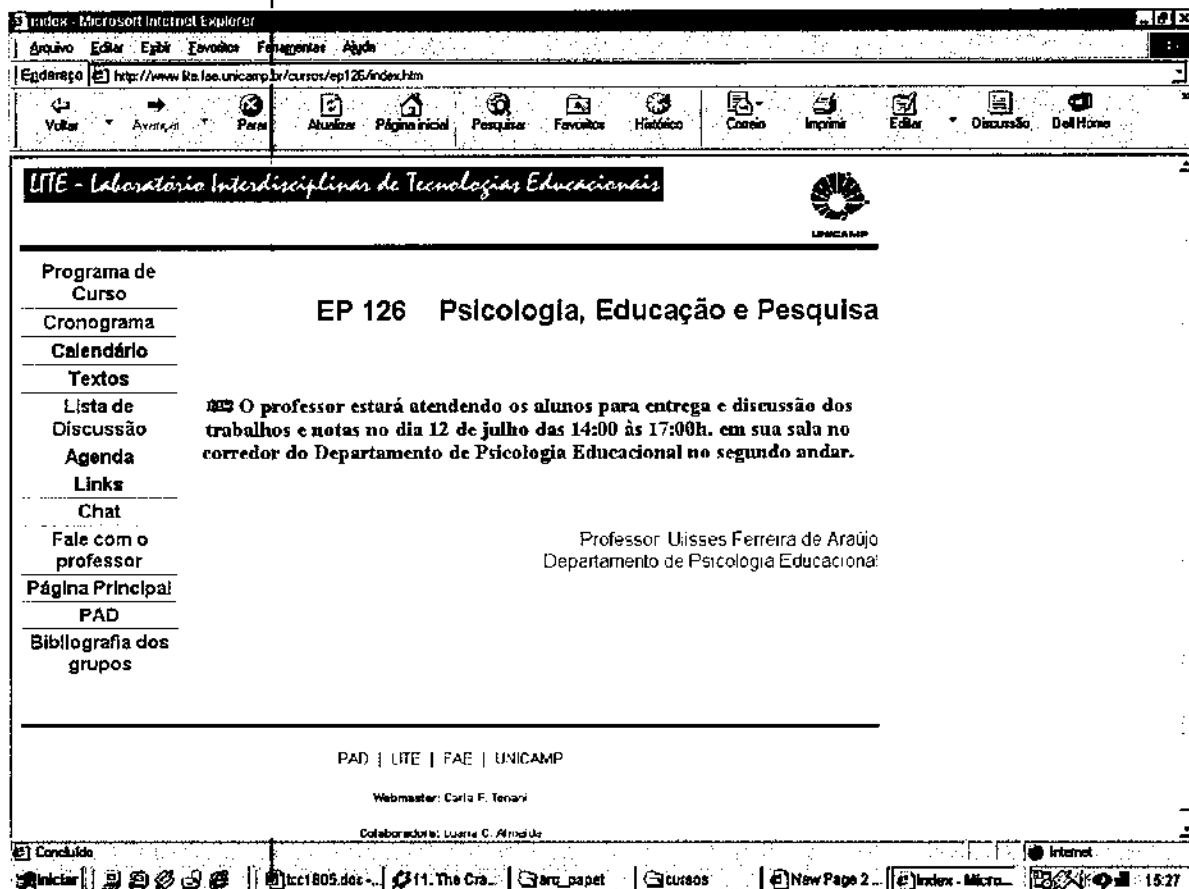


Figura 19

Após esse período as atividades passaram a ser executadas pelas novas bolsistas do LITE sob a coordenação técnica da analista de sistemas.

No final do ano de 2001 o título do projeto é mudado pela equipe de trabalho com a coordenadora, as antigas e novas bolsistas/LITE e a Analista de Sistemas, de PAD (Programa de Apoio Didático à Docentes), para PAPET (Programa de Apoio Pedagógico em Educação apoiado por Tecnologias), devido sua característica diferenciada de compreensão do uso de tecnologias em função da educação; e não o inverso, ou seja, a educação sob o ponto de vista das novas tecnologias, como vem ocorrendo em muitos casos no cenário educacional brasileiro.

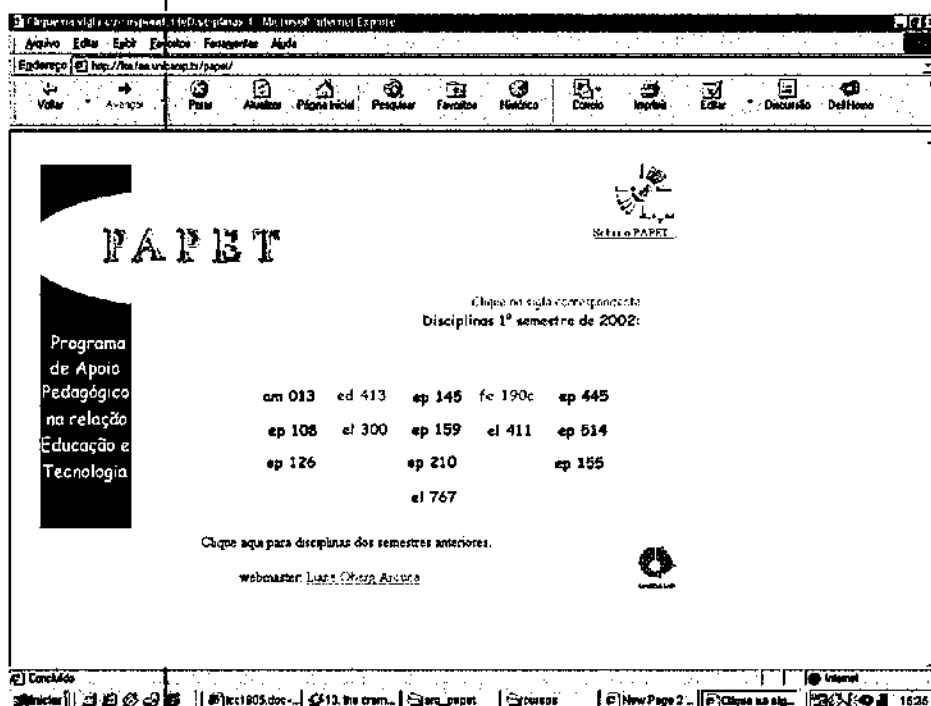


Figura 20

Tendo vivenciado essa primeira tentativa satisfatoriamente, a partir dessa experiência foi decidido no LITE realizar o convite a docentes para participarem de um programa do uso das tecnologias da informação no curso presencial de Pedagogia, criando alguns experimentos, variando as ferramentas segundo as necessidades das concepções pedagógicas, como campo de pesquisa e de avaliações. Assim, foi criado o programa que hoje chamamos de PAPET e que no LITE já é espaço de pesquisa para estudantes da graduação.

‘No primeiro semestre de 2001 a disciplina EP445 foi inserida no programa e ousamos mais, ou seja, com a crescente participação dos alunos no experimento, na concepção metodológica do curso na construção do processo avaliativo, desenvolvemos uma tentativa de produção coletiva de textos.

Esta inovação foi proposta pela profa. da disciplina, Ivany, aos alunos, no primeiro dia de aula e foi desenvolvida com a participação da classe, tanto nas tomadas de decisões a propósito da condução das ações, quanto na concepção das estratégias e mudanças de rotas que ocorreram durante o curso.’ (PINO, Relatório Trienal, 99/01)

As inovações introduzidas nas disciplinas de graduação do curso de Pedagogia EP445 – Sociologia da Educação II- Currículo e EP144 e 145 – Metodologia da Pesquisa em Ciências da Educação I e II, são ressaltadas no depoimento da profa. Ivany, que pontua a importância do apoio do Programa no que diz respeito à organização de seu trabalho pedagógico nas disciplinas:

“...o trabalho didático organizou-se em torno de uma tentativa de produção coletiva de textos, com manejo de tecnologias de informação e que se revelou em uma experiência enriquecedora e que pretendo refinar nas dimensões de suas organizações pedagógicas e tecnológicas.

Nas disciplinas EP144 e 145 destaco o campo pedagógico que procurei criar através da experiência do uso das tecnologias da informação que se mostrou importante para a criação de um espaço de possibilidades mais contínuas e freqüentes para interações professor/alunos/alunos, trazendo implicações no meu trabalho pedagógico com os alunos e no acompanhamento de suas dificuldades.” (PINO,99/01)

- *“O Programa PAD, iniciado em 2000, no Curso de Pedagogia, através do desenvolvimento de alguns experimentos de inclusão de tecnologias em situações específicas de cursos presenciais, foi estendido para cursos de Licenciatura a partir do primeiro semestre de 2001.*

Hoje nós do LITE, consideramos que o PAPET permite o uso de tecnologias da informação para conceber um sistema de ambiente interativo para o desenvolvimento de trabalhos pedagógicos visando articulações, orientações e acompanhamentos aos alunos.

O Programa tem potencialidades no campo das pesquisas para estudos da relação entre educação e tecnologias da informação muito privilegiadas pois ele se desenvolve no contexto onde se presume que o trabalho pedagógico dos professores tem como referência as teorias pedagógicas contemporâneas abarcando práticas didáticas atuais e criativas.

Atualmente o PAPET continua sendo coordenado pela profa. Ivany e apoiado tecnicamente pela Analista de Sistemas do LITE, e pelas bolsistas trabalho do LITE/SAE (5 bolsistas em 2001).

Como produtos do Programa pode-se apresentar o desenvolvimento de duas pesquisas para TCC e a formação de alunos de Pedagogia e Licenciatura (bolsistas trabalho) em uma área muito nova na educação e diferencial na sua formação do ponto de vista da concepção e tratamento das relações entre educação e tecnologias, vistas sempre a partir das questões pedagógicas, do conhecimento das técnicas e dos seus limites e potenciais.

Outros produtos esperados, do ponto de vista teórico, referem-se à prática pedagógica dos professores que participam do Programa e as questões suscitadas e possíveis encaminhamentos de novas pesquisas. Em relação ao desenvolvimento das tecnologias um dos produtos mais perseguidos é a possibilidade do desenvolvimento de um ambiente colaborativo de aprendizagem. Atualmente está sendo investido na ampliação da equipe com a solicitação, através do laboratório LOED, um bolsista-programador e a alternativa mais importante : a inclusão do Programa no projeto de pesquisa SAPIENS 2, atualmente em elaboração. ” (PINO,99/01)

Avaliando o experimento desse projeto até o momento Ivany diz que as inovações nas disciplinas, no âmbito do PAPET, são avaliadas a cada semestre pelo LITE. As observações dos professores têm sido muito positivas e ligam as experiências com alguma forma de ruptura pedagógica da sua docência. As respostas dos alunos que cursaram as disciplinas em que a própria professora ministrou, variam segundo seu comprometimento com o processo e sua formação.

Sobre as perspectivas, e no âmbito da pesquisa em extensão no LITE e em relação ao PAPET e o Repositório, a professora Ivany relata que :

“...o PAPET que está sendo desenvolvido no LITE torna-se relevante por sua originalidade sob diferentes ângulos:

- criação de ambiente de pesquisa e experimentos na relação educação e tecnologias de informação,*
- desenvolvimento de cultura no uso das tecnologias associadas a questões pedagógicas contemporâneas e estudo das tecnologias de informação em situação de aprendizagem, presencial e/ou à distância,*
- além de campo de formação de estudantes/bolsistas/trabalho do SAE. ” (PINO,99/01)*

4.2 Relatos

Como metodologia utilizada a fim de aprofundar o trabalho e documentar o projeto PAD/PAPET foram realizadas algumas entrevistas com professores participantes desde o início de criação. Essas entrevistas foram realizadas tomando-se como base de direcionamento, algumas questões relevantes para que se pudesse especificar ainda mais o trajeto histórico do Projeto neste TCC.

4.2.1 Interesse em utilizar recursos tecnológicos como apoio à educação

“Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleje

Que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomare
Que leve um oriki do meu velho orixá
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé

Um barco que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomare
Que leve meu e-mail até Calcutá
Depois de um hot-link
Num site de Helsinque
Para abastecer

Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tientes de Connecticut

De Connecticut acessar
O chefe da Macmilicia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus pra atacar programas no Japão

Eu quero entrar na rede pra contactar
Os lares do Nepal, os bares do Gabão...”

(Pela Internet, Gilberto Gil)

Promover a interatividade nos cursos presenciais com o apoio de recursos das novas TICs é um dos princípios do PAPET sendo que é de fundamental importância o papel do docente nesse processo.

“[...]o professor passa a ter um novo desafio: modificar a comunicação no sentido da participação – intervenção [...] Não mais da prevalência do falar-ditar, mas a resposta autônoma, criativa e não prevista dos alunos, o rompimento de barreiras entre estes e o professor, e a disponibilidade de redes de conexões no tratamento dos conteúdos de aprendizagem. [...] A ousadia e autoria do professor estão como nunca evocadas...” (SILVA, 2000, p. 193)

Ou seja, a participação ativa do professor torna-se fundamental, rever a sua metodologia face as potencialidades e limites dos recursos tecnológicos, portanto, é necessário no processo de ensino aprendizagem com o auxílio do Programa.

Nós da equipe LITE/PAPET, afim de aprimorarmos cada vez mais a qualidade do trabalho que oferecemos aos docentes e discentes da FE, temos algumas “questões base”, as quais foram utilizadas para aprofundar mais alguns pontos com os educadores. Ao ser perguntado sobre o porquê do interesse em se usar um recurso tecnológico do ponto de vista pedagógico, e sobre o que motivou o docente a incorporá-lo foram obtidas as seguintes respostas:

Segundo o Docente 1:

“Eu acho que o interesse vem primeiro de um enorme desconhecimento do tecnológico na docência. Praticamente venho trabalhando no ensino investindo muito mais nas relações entre professor-aluno-conhecimento, no âmbito sala de aula, e sempre tudo isso mediado pelo texto escrito, que entra como digamos[...] um interlocutor à mais na conversa. Além disso: lousa, retroprojeto, eventualmente o vídeo que entra como uma outra forma[...] então o movimento de querer é uma curiosidade, é um desejo de conseguir modificar a mim mesma e ao meu jeito de organizar o trabalho, porque a gente vai pegando um certo jeito, vai ficando muito confortável nesse jeito, depois um pouco enjoada desse jeito então, é um pouco esse desejo de ter uma coisa diferente.” (Docente 1)

O Docente 2 relatou que

“Eu sempre tive muito interesse por tudo que a tecnologia tem trazido de bom para a escola. Desde 1991 eu faço parte como professora convidada do LIED que é um Laboratório de Informática aplicada à Educação. E já desde aquela época minha preocupação era justamente essa: conhecer em que medidas[...] todos esses recursos podem favorecer a escola e a escola em todos os seus níveis.

[...] os meus alunos da graduação no caso, como é que estes se relacionavam com essas tecnologias no curso de Pedagogia; se a tecnologia estava muito distante, ou se já estavam próximo[...] da atividade escolar deles ou seja, em que medida não é? [...] E todos esses recursos que o PAD estava oferecendo podiam ser facilmente assimilados ou pelos alunos, ou ainda, constituía assim um conjunto de possibilidades que eles ainda não conheciam e, por isso mesmo precisavam conhecer.” (Docente 2)

Já o Docente 3:

“Dentro do que eu trabalho conceitualmente na minhas disciplinas eu vejo como uma das coisas mais importantes para se promover a transformação das atividades pedagógicas, das relações pedagógicas, relação professor/aluno na sala de aula é tanto uma mudança nos conteúdos das disciplinas que são ministradas nas escolas também, na universidade, como também uma mudança na parte metodológica; quer dizer, não adianta nada a gente falar de estruturar novos currículos, fazer novos cursos se é tanto na universidade quanto também nas escolas de ensino fundamental e ensino médio e, continuar com a mesma forma de trabalhar o conteúdo; quer dizer usar uma mesma metodologia de aula. Então eu sempre estou aberto e buscando uma maneira de transformar as metodologias das aulas, a relação com os alunos e, a utilização de novas tecnologias eu vejo como um caminho extremamente promissor nessa direção.” (Docente 3)

Todos ressaltaram nessa primeira questão a relevância de tentar integrar a educação com o uso de novas tecnologias aplicadas buscando sempre formas alternativas de elevar o nível de conhecimento dos alunos e inovando métodos tradicionais de ensino. Enfim, todos expressaram grande interesse e preocupação com o desenvolvimento da atuação da educação com novas tecnologias; não somente na FE mas também nos outros níveis de ensino como apontam o Docente 3 e o Docente 2.

Portanto, essa questão de integrar a educação com o uso de novas TICs promove um desafio à educação que ganha cada vez mais força devido ao acesso que os indivíduos têm às informações hoje em dia. O que o educador deve atentar é para o “controle”, isto é, o cuidado que deve tomar com relação a certas formas de utilização dos recursos tecnológicos que apóiam a educação, tendo como prioridade a formação de indivíduos críticos. Mas como? Segundo Belloni:

“A integração das inovações tecnológicas aos processos educacionais vai depender então da concepção de educação das novas gerações que fundamenta as ações políticas[...]Se acreditamos que a educação é um meio de emancipação (e não apenas instrumento de dominação e reprodução das desigualdades sociais), então teremos que defender uma integração criativa...destas tecnologias de informação e comunicação que tanto nos preocupam enquanto educadores...A preocupação é antiga e a questão é cada vez mais complexa: como formar o cidadão frente à influência avassaladora das mídias e no quadro de uma cultura pós moderna fragmentada e fragmentadora? Qual o papel da escola neste processo?”(BELLONI, 1995, p.25)

4.2.2 Recursos mais utilizados

As coisas não são, as coisas só tendem a ser.

Schroedinger

Posteriormente, foi perguntado quais recursos do PAPET tinham sido mais utilizados e quais tinham sido os limites e alcances nesse processo. Os docentes responderam o seguinte:

Segundo o Docente 1 o site foi utilizado como uma espécie de “repositório”, uma utilização inovadora. Segundo suas próprias palavras:

“Eu montei a página da disciplina passando para ela basicamente o que eu tinha como material escrito e então [...] a página funcionou para mim como uma espécie de repositório pessoal das coisas que eu gostaria de estar colocando em circulação para os alunos, normalmente a gente faz isso em uma pasta no Xerox.” (Docente 1)

Podemos perceber nesse relato o professor está apontando para a relevância do site ter sido utilizado como uma espécie de arquivo, repositório on-line facilitando o processo de desenvolvimento do conhecimento dos alunos, devido à facilidade, à rapidez e à praticidade encontrada ao se procurar e acessar conteúdos a serem trabalhados. Segundo o Docente 3, nesse sentido o site auxiliou e muito; as novas estratégias metodológicas em seu trabalho provocaram mudanças e ele nos relata como as administrou com a experiência que teve nas disciplinas com o apoio do Programa.

“Olha eu diria que eu participei do PAD desde o início. Já utilizei diversas coisas, umas muito bem, outras mais ou menos [...]Eu vejo que o que eu utilizo e que funciona bem é o recurso do próprio site[...]De ter o site como referência para disponibilização do material, de bibliografia, etc, Quando eu digo que só isso, apesar de ter outras coisas mas só isso já promove uma mudança que eu tenho esse material disponibilizado e faço um contrato com meus alunos explicando para eles o papel do site e etc. Por exemplo um aluno jamais pode dizer que não sabia que era para ler um texto em tal dia, que era a avaliação, quer dizer, ele não precisa esperar minha aula para conversar comigo, ele sabe que ele tem esse material disponibilizado a qualquer hora de dia, de noite, na casa dele, no fim de semana, ele sabe que ele entrando ali naquele endereço ele vai ter o que é para ele ler, o que é para ele é, qual é a avaliação do final do semestre, que eu sempre deixo disponibilizado, bibliografia complementar. Então, só ter o recurso de ter o site disponibilizado eu acho que já ajuda a promover uma aproximação na relação professor/aluno, porque a informação, ela está acessível a qualquer momento. Não fica centrado no momento da aula.”
(Docente 3)

Já o Docente 2 aponta para o fato da falta de hábito no uso das novas tecnologias apoiando a educação, que pode dificultar um pouco o objetivo do professor. A preocupação para que no final tudo “funcionasse” centrou-se na questão do saber utilizar o tecnológico para que, somente posteriormente, o pedagógico viesse a funcionar.

“Olha, quando a gente iniciou o PAD eu senti que todos os limites e alcances que vocês disponibilizaram para nós não eram assim muito fáceis de serem assimilados pelos alunos, no sentido de que eu não senti um interesse das duas turmas, que era noturno e diurno, de se aventurarem no PAD. Eu insisti bastante porque eu queria que pelo menos alguns

recursos que vocês ofereciam[...]entrassem na rotina do curso mas, eu senti por exemplo que precisou muito esforço da nossa parte e às vezes até um certo “forçar” um pouco os alunos para que usassem tudo[...]desde por exemplo: Calendário, “Textos”[...] é uma coisa que eu acho que foi interessante, que começou justamente a mexer um pouco com eles[...].”(Docente 2)

Levando-se em conta a preocupação de alguns educadores, percebemos que realmente essas “dificuldades técnicas”, por parte dos usuários, no uso das tecnologias podem vir a comprometer negativamente o bom desempenho de um trabalho como este que o Programa PAPET oferece. Entretanto, sabemos que diversos são os fatores que influenciam no uso das novas TICs aplicadas à educação: a falta de condições de acesso às tecnologias aliada a falta de preparo técnico, e ao interesse da maioria dos profissionais da educação, atualmente, acabam afetando o desenvolvimento de um pretendo trabalho que este venha a iniciar. São muitos os desafios em busca de melhorias, para isso um dos fatores seria:

“...a formação dos professores no mundo contemporâneo tem que se dar de forma continuada e permanente e, para tal, nada melhor do que termos todos – professores, alunos e escolas – conectados através desses modernos recursos tecnológicos...” (PRETTO in BARRETO 2001, p51)

Ainda com relação às dificuldades dos alunos em lidar com a tecnologia e a inovação do apoio em seus cursos regulares dentro da FE, o Docente 1 também nos relata algumas dificuldades que encontrou pelo fato não da utilização da tecnologia apoiando a educação em si, mas sim os alunos conseguirem fazer um bom uso desse auxílio, isso se deve a vários fatores, e um deles seria o acesso à ferramenta:

“[...]depende do aluno acessar a página para ler o Quadro de Avisos e eu fui percebendo, eu entendi muito rapidamente com os meus alunos que isso não era uma coisa tranquila para eles [...] Isso era fácil para mim, eu tenho um computador na minha casa, tenho speedy, [...] Na verdade eu acho que os meus alunos no ano passado tiveram uma resposta à página muito aquém do que eu esperava. Tanto é que no 2º semestre eu dei uma superdesanimada, eu fiz a página no 1º semestre e depois eu meio que abandonei. Porque eu mandando da minha mala direta, sentava lá meia noite, fazia um aviso e mandava para todo mundo.

Que acontecia? Eles entravam no mail deles e já tava lá a notícia, eles não tinham que lembrar da página, entrar na página para buscar o meu Quadro de Avisos. Eu acho que eu entendi que funcionava assim..”(Docente 1)

Através da simples utilização do *e-mail*, professores e alunos libertam-se do espaço restrito das salas de aula e “ultrapassam fronteiras[...]das disciplinas[...]e permitem que as pessoas ...possam entrar em contato, possam se comunicar entre si e aprender.” (LÉVY, 1999)

A fim de aprofundar mais a questão sobre a preferência pelo uso de *e-mail* ao invés da utilização do Quadro de Avisos, procurei saber quais eram os fatores que levaram o docente a proceder dessa forma questionando:

Carla – “Hmmm. O que eu estou pensando é o seguinte: eles entravam de alguma maneira na Internet.”

Docente 1 – (interrompe) “Sim.”

Carla – “Então, eles entravam em e-mails, eles poderiam quer dizer, ã, não era a falta de acesso à Internet.”

Docente 1 – (interrompe) “Não.”

Carla – (continua) “Não foi o motivo para eles não terem acessado a página.”

Docente 1 – “Não.”

Carla – “E, assim, eles expuseram quais eram os motivos[...]se o aluno entrou na Internet, quer dizer, ele tem o acesso, ele conseguiu. Se ele não está entrando na página[...]?”

O que o docente 1 nos ajuda a compreender é que, às vezes, uma falta maior de aplicação, mais tempo de dedicação ao site para que este se torne atrativo aos alunos, pode ser um fator que venha a influenciar negativamente o desenvolvimento de um bom trabalho. Porém, a questão do acesso à ferramenta em si; que em minha desconfiança ocorria por falta de acesso, não foi citado aqui. O Docente 1 dá ênfase somente no que diz respeito a

uma falta de interesse, no tecnológico apoiando a educação, por parte dos alunos, o que também não deixa de ser outro fator influenciador que comprometa também o trabalho pedagógico.

Porém, Docente 1 interrompe a entrevista e nos dá mais pistas!

“O problema sabe qual é? É o seguinte: [...] Eu acabei entendendo uma coisa [...] Eu descobri que ter a página na verdade era ter que me ocupar daquela disciplina, que era na quarta-feira de manhã, também na quinta-feira, na sexta-feira, eventualmente no sábado. Porque aquela disciplina, ela é uma, um encontro da quarta -feira de manhã e se eu não tivesse a página teria que no máximo preparar uma aula para aquele encontro, ler um texto, me organizar para o trabalho com os alunos.

Com a página, além disso, eu ganhei uma série de outras responsabilidades e fui eu que ganhei. Mesmo tendo a menina no LITE para me dar retaguarda a responsabilidade é minha,[...] Então a minha aula que é 1 vez por semana virou uma coisa muito maior, você entende? Porque estava o tempo inteiro dentro de mim a necessidade de organizar, alimentar aquela página.” (Docente 1)

Dando continuidade ao relato o mesmo docente, destaca a potencialidade das TICs na educação e ao mesmo tempo seus limites evidenciando que, com o uso das novas tecnologias em apoio a educação, surge também a necessidade de um maior tempo, maior presença, maior atenção por parte do professor, com relação ao novo apoio pedagógico. Mesmo sendo auxiliado por bolsistas ainda resta uma parte exclusiva do site que é responsabilidade do docente.

“[...]você se empolga com a coisa toda que você vê, que você acha que vale à pena seu aluno saber, você começa a querer se organizar para ter aquilo na página. Então copiar, às vezes, coisas da Internet entendeu? Então é muito complicado você ter uma página para os alunos, não é uma coisa fácil. Pelo menos dentro do que eu consegui conceber como espaço virtual na nossa relação. Então foi isso, foi uma das coisas que não deu certo, quer dizer, eu rapidamente entendi, eu não sabia se eu ia querer aquilo a menos que eu tivesse, não adianta você ter pessoas para poder ajudar a cuidar entende? Aquilo fica para você.”(Docente 1)

“Há um mito de que o ensino a distância é mais[...] fácil de se expandir. [...] Há um mito de que botando o computador diante do aluno tudo se resolve. [...] o alunos precisariam de acesso à internet, material pedagógico de qualidade e condição de contatar com o professor o tempo todo.” (SCHWARTZMAN, 2002)

A partir disso, o docente passa a tocar na questão dos hábitos culturais dos alunos com relação ao uso, às potencialidades das TICs.

“Houve uma coisa que eu não consegui fazer mesmo tendo a página [...] eles iriam na página para saber o que o fulano, os outros colegas da turma poderiam estar depositando ali como escrita, como relato de experiência, como registro de trabalho de campo e poderiam estar entrando em uma interação com estes outros colegas e inclusive estar fazendo observações das práticas deles [...]

Acontece que meus alunos não quiseram fazer isso de jeito nenhum. Porque? Porque escrever e tornar essa escrita pública não é uma coisa tranqüila para eles e nem seria um público para todo mundo. Seria tornar público na esfera da turma, mas eles têm uma censura, um controle interno muito grande. Eles escrevem muito para os professores lerem e avaliarem, mas, eles não se lêem. Os alunos no último ano do curso de Letras não tinham a confiança mútua estabelecida entre eles para um poder ser leitor do outro [...]”
(Docente 1)

“Entre os novos e inesperados desafios apresentados ao ensino pelos ambientes digitais, há o que já é chamado de cultura “pós alfabética”, decorrente da crescente velocidade dos ambientes digitais. Nesta nova realidade são anunciados, por alguns cientistas e tecnólogos,...o início de um novo tempo caracterizado como “Milênio da Imagem”, em que as imagens se movimentam na velocidade da luz. Imagens-textos que se deslocam mais rapidamente que o tempo, que confundem passado, presente e futuro e alteram percepções e sensibilidades humanas.” (KENSKI in BARRETO, 2001, p.79)

Essas novas formas de leitura acabam por exigir novas ações metodológicas. Essa “mudança” do ambiente tradicional de leitura para o novo, o ambiente digital, pode vir a transformar o modo como as mesmas maneiras de expressão e comunicação são usadas e acrescentar outros sentidos às mesmas. O educador tem que estar atento para estas mudanças e suas implicações para o indivíduo.

Em seguida, o Docente 2 destaca também a falta de hábito por parte de alunos em começar a trabalhar a educação tendo como apoio a tecnologia:

“[...]forcei mesmo para que a gente tivesse que usar o PAD. Houve um retorno que eu diria regular, não foi[...]é, eu senti que os alunos também quiseram se envolver porém, não era hábito, uns estavam usando pela primeira vez..” (Docente 2)

Mais uma vez, surge a comprovação da preocupação do educador partindo do ponto de vista da tecnologia para a educação. Entretanto, podemos começar a perceber aqui uma certa razão quanto à essa questão, pois o pedagógico apoiado pelo tecnológico não resultará positivamente caso o tecnológico prevaleça. Em outro momento, o docente destaca uma certa facilidade de outra turma com relação ao hábito no que se refere ao trato com esses novos recursos. No entanto, essa não é apenas uma questão de funcionamento, mas sim existem muitos fatores influenciando como por exemplo o fator cultural do indivíduo com relação ao uso das novas TICs.

“[...]hoje por exemplo, com essa nova turma eu estou sentindo muito mais afinidade em se trabalhar, já tenho atividades com eles no PAD e percebo que eles já estão mais habituados, talvez por já terem tido outras experiências como essa[...]

[...]Jisso aí é uma questão cultural. Não tem que esperar a pessoa se preparar, tem que cada vez mais ir solicitando as pessoas, motivando as pessoas, impressionando as pessoas com as novidades para que elas tenham uma absorção maior, uma curiosidade maior. Eu acho que a gente não pode esperar que as pessoas se preparem. A gente tem que preparar as pessoas para que elas usem cada vez mais e mais!”(Docente 2)

E é exatamente nesse ponto que o Programa PAPET entra tentando servir de fator motivador para que exista uma mudança de cultura com relação ao uso das TICs na educação. Podemos perceber que o resultado do uso de recursos tecnológicos apoiando o trabalho pedagógico do professor depende da forma com que o recurso tecnológico é trabalhado no decorrer do trabalho pedagógico nas disciplinas, ou seja, varia de turma para turma, de professor para professor, de disciplina para disciplina.

Outro fator poderia ser quanto ao acesso à tecnologia, a privacidade *versus* a exposição; como disse o Docente 1, os alunos sentiam a falta de um local apropriado para estudos, o que dificultava o trabalho pedagógico do docente e conseqüentemente, influenciava no processo de aprendizagem dos alunos.

“Eles também me disseram o seguinte: que a leitura na sala de informática não era uma coisa tranqüila, você não lê como se estivesse sozinho na sua casa, então ler o texto de um colega, fazer observações à margem, discussões à margem, à vista de outros alunos, ainda que fossem da mesma turma era incômodo para eles. Bom, com isso a minha grande atividade pensada para a página morreu na praia, continuei recebendo caderninhos com bilhetinhos dizendo: “eu não quero que o meu caderno seja lido em voz alta”, “eu não quero que outras pessoas leiam o meu caderno”. Então isso foi um dos motivos que digamos, assim, abalou um pouco a minha disposição de estar na página.” (Docente 1)

Em resumo, o docente 1 aponta como recurso mais utilizado o site como um todo, destacando suas implicações de uso, barreiras e percalços relacionados a hábitos culturais que limitaram seu uso partindo sempre das potencialidades do tecnológico.

Entretanto, tratando-se de outro recurso oferecido pelo PAPET: o chat, surge um paradoxo com relação a essa exposição/privacidade que é quebrada na utilização desse recurso. O limite face a privacidade da relação professor *versus* aluno muda com o uso da máquina, ocorrendo uma abertura de possibilidades de comunicação.

“Novamente a máquina muda as relações sociais, torna-se um veículo de sociabilidade e estabelece relações humanas e afetivas. Torna-se mediadora nas relações humanas. Com as novas formas de comunicação e transferência de dados pela rede, as pessoas passaram a dialogar via chats de conversação...” (SILVA, 2001, p.33)

O Docente 2, em seu relato, sobre o chat, destaca algumas especificidades que esse recurso pode possibilitar ao aluno. Especificidades estas que não são obtidas e/ou proporcionadas aos alunos em uma situação de aula presencial tradicional. Este recurso, enfatiza o Docente 2, tende a enriquecer o processo de aprendizagem dos alunos.

“[...]com relação às novas possibilidades que os recursos traziam foram os “Chat”s que a gente fez.

Eu acho que o “Chat” tornou para os alunos mais claro para o que servia o PAD na nossa disciplina, porque, mesmo quando eles só trabalhavam com textos coletivos eu sentia que era uma coisa mais forçada e que eles não entendiam muito bem porque que podiam, qual era a diferença entre fazer um texto coletivo no computador e fazer em grupo depois

disponibilizar. Não ficou muito claro e, achei também que não houve assim grande empenho, mas o “Chat” nesse sentido de aproveitar essa ferramenta[...], uma atividade do uso do “Chat” para a disciplina foi uma atividade que trouxe um certo impacto. Então, eu diria que o “Chat” foi o recurso que a gente utilizou nesse sentido de chegar mesmo a fazer o aluno entender o que significa a ter uma possibilidade como essa, trabalhar virtualmente.” (Docente 2)

O Docente 2 também dá destaque especial à interatividade que o recurso proporciona, um “algo a mais” muito relevante no processo de construção do conhecimento dos alunos. Essa interatividade pode ser amplamente trabalhada no curso presencial.

“O professor pode encontrar [...] uma orientação muito oportuna[...]. Em sala de aula pode garantir a confrontação coletiva e a aprendizagem atentando para a teia de interações constituída por ele mesmo, pelos alunos, pelos conteúdos curriculares e instrumentos pedagógicos (meios de comunicação, equipamentos de ensino, etc). Ao mesmo tempo garante a materialidade da ação comunicacional disponibilizando e provocando a participação livre e plural, o diálogo e a articulação de múltiplas informações e conexões.” (SILVA 2002, p.180)

“[...] a interação que a gente propôs através do “Chat”, ela tinha uma especificidade ou seja, eles sentiam que em um dado momento vários alunos em vários lugares puderam conversar com 3, 5 pessoas absolutamente distantes deles no espaço, distantes também por serem pessoas de outras áreas do conhecimento, que eles não conheciam, e com os quais eles puderam estabelecer um intercâmbio, uma interatividade no “Chat” que eu acho que eles não conseguiriam se fosse assim na presença porque foi o que eu notei com esses alunos que foi muito interessante falar com uma procuradora da República, com um promotor, uma jornalista, uma princesa, porque nós tivemos um “Chat” com uma princesa, a princesa Estela. (sorrisos) Então, foi essa experiência, quer dizer, nós sem conhecermos estas pessoas sermos apresentados, e naquele momento eles tiveram uma atividade que trouxe muita novidade, que trouxe muita possibilidade deles conhecerem não só a opinião sobre os assuntos que já eram coisas bem novas, coisas, como também essa novidade de poder virtualmente entrar em contato com desconhecidos, e desconhecidos que acho que se estivessem na sala, os alunos não teriam assim, a liberdade, sei lá, a interação digamos mais livre, não é bem livre, mais espontânea. Isso foi muito legal! Eles perceberam isso que era um recurso que estava unindo à pessoas distantes no espaço e distantes também na área do conhecimento que, de repente ficaram íntimas falando ali como se fosse uma sala

onde as pessoas se conhecessem, porque assim[...] perderam a timidez. Foi muito legal!!!”
(Docente 2)

Neste momento, o Docente3 passa a destacar, segundo ele, a experiência mais significativa que teve até o momento apoiado pelo PAPET. Ele descreve detalhes ocorridos na prática pedagógica destacando a utilização do Chat:

“A experiência que eu considero mais significativa que eu tive, mas eu só consegui por incrível que pareça, [...]utilizar uma vez dentro dos meus objetivos foi o Chat. Uma aula via chat aonde eu convidei um professor da USP e ele indicou um texto dele, os alunos leram e a gente foi para esse chat.

Na verdade foram duas aulas que a gente utilizou Chat, mas essa foi a que funcionou direito, porque assim, foi uma experiência muito legal, os alunos gostaram demais sabe[...]? Você muda totalmente a relação com a aula [...]você ouve às vezes o que a gente estuda na teoria mas, só vendo ali para ver isso quanto a sua linearidade.”(Docente3)

Em seguida, o Docente 3 continua seu relato, apontando para as inovações que ocorrem no debate e nas interações comunicativas professor *versus* aluno, onde o professor detém o conhecimento. Fica evidente, portanto aqui, a mudança no que se refere a comunicação da relação autoridade e poder.

“Primeiro você não tem mais pergunta e resposta, quando tem muita gente participando vira uma “zona”, no bom sentido, por mais que alguém quisesse coordenar hora que a gente viu, por exemplo, estavam acontecendo discussões paralelas no próprio chat, o professor, ele ia selecionando o que ele ia respondendo, o que ele ia se manifestando; como os alunos ficaram impacientes eles foram discutindo paralelamente e aí as pessoas entravam no meio da aula e liam. Então foi uma experiência muito legal! (Docente 3)

Portanto, usando as novas tecnologias em seu trabalho pedagógico, sob o ponto de vista crítico, influencia no processo de aprendizagem do aluno.

“O professor compreende, porém que no ambiente digital, “o computador é amplamente usado para a criação, transmissão e armazenamento de informação. Essas funções são essenciais na prática educacional, mas elas não a definem. O aluno precisa internalizar e sistematizar a

informação para criar conhecimento que pode ser aplicado de uma maneira significativa.” (KENSKI in BARRETO, 2001, p.78)

4.2.3 Administração da metodologia e didática

Parte do barro com que modelam agora uma figura provém de outras que tiveram de desprezar e amassar, assim é com todas as coisas deste mundo, as próprias palavras, que não são coisas, que só as designam o melhor que podem, e designando as modelam.
(José Saramago, *A caverna*)

O profissional da educação deve estar preparado para auxiliar seus alunos no que diz respeito às inovações bem como aplicar estas da melhor forma para que possa contribuir no processo de ensino aprendizagem.

“Como diz Lévy, o professor torna-se o ponto de referência para orientar seus alunos no processo individualizado de aquisição de conhecimentos e, ao mesmo tempo, oferece oportunidades para o desenvolvimento de processos de construção coletiva do saber através da *aprendizagem cooperativa*.” (KENSKY in BARRETO, 2001, p.79)

Sobre esse processo de aquisição de conhecimentos, Angel Pino em seu texto *on-line “Ensinar – Aprender em situação escolar”, detalha-nos esclarecendo que há:

“[...] diferentes concepções do ato de ensinar: (1) como um mero ato de transmissão; (2) como o efeito do treinamento; 3) como um processo de descoberta sob a orientação do outro. [...] Na terceira concepção [...] a aquisição do conhecimento é concebida como o resultado de uma atividade de procura por parte do próprio sujeito (S2), a partir das indicações e orientações fornecidas por um outro sujeito (S1). Subjacente a esta concepção está a idéia de que o conhecimento é o produto de um trabalho social e de que sua aquisição é obra de investigação e (re)elaboração com a colaboração dos outros. No caso do ensino escolar, é obra de S2 com a ajuda de S1, o qual exerce o papel de “guia”. Esta concepção, não só não exclui o trabalho de grupo (uma espécie de S1 coletivo), como, até um certo ponto, o pressupõe.”

Já o próprio autor Pierre Lévy reforça a questão da aquisição de conhecimentos por parte do professor:

“Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se o *animador da inteligência* coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua

atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca de saberes...a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem” (LÉVY, 1999, p79)

Ao se falar na questão do ponto de vista pedagógico nas disciplinas, como o professor havia administrado a metodologia e didática apoiado pela Tecnologia, foram obtidas as algumas respostas muito interessantes

Aqui o Docente 4 nos reforça a questão sobre a metodologia no uso dessas tecnologias em prol da educação, ou seja, o pedagógico em 1º plano, a educação se apropriando da tecnologia e fazendo uso em seu benefício: “[...] Não adianta você mostrar ou disponibilizar para o grupo tecnologias se ela não entra de alguma forma significativa do ponto de vista pedagógico; isso também é outro princípio que para mim é de fundamental importância nessa experiência do PAPET. (Docente 4)

Para o Docente 4 “A reflexão fundamental tem de estar na pedagogia, na metodologia, portanto, na educação deslocando-se para a tecnologia em seus limites e potencialidades, e no que a tecnologia pode avançar, ou reforça, criando situações novas, fazendo rupturas na questão pedagógica.

Então eu acho que essa relação educação tecnologia, ela não é uma relação unicamente na direção da educação em relação a tecnologia mas ela tende a provocar uma interação extremamente forte, não no sentido de entender a educação pela educação e a tecnologia pela tecnologia, mas no sentido de entender e de compreender as questões tecnológicas, inclusive para saber usa-la com mais propriedade atendendo as exigências metodológicas do trabalho pedagógico, ou seja, a tecnologia não é independente. Epistemologicamente ela exige que você faça seleção, escolhas, ver seus limites, e alcances, suas potencialidades portanto. O educador precisa conhecer a tecnologia não pela tecnologia mas para você saber como é que vai trabalhar do ponto de vista das exigências teóricas da educação. O tipo de curso e sua natureza, as concepções metodológicas e didáticas do curso são os referenciais para o professor fazer adequadamente as escolhas. Educação e Tecnologias devem estar, em relação articulada, no centro do trabalho pedagógico.”

“...torna-se importante a união do conhecimento técnico ao pedagógico na área das tecnologias educacionais*, pois, sem o conhecimento técnico, os educadores não conseguirão implantar soluções pedagógicas inovadoras e, sem o conhecimento pedagógico, os recursos disponíveis tendem a ser

subutilizados. A articulação do conhecimento teórico com o conhecimento pedagógico, portanto, é fundamental. Se o educador possuir maiores conhecimentos na área técnica e na área pedagógica, terá maiores possibilidades de intervir e contribuir para o processo de construção do conhecimentos por parte dos alunos.” (LEIVAS in SILVA, 2001, p.87)

Os computadores podem vir a ser utilizados como ampliação do campo de atuação do trabalho pedagógico, abrindo espaço para além da sala de aula. Porém, há necessidade que o professor saiba utilizar os recursos oferecidos e tentar sempre uma postura crítica.

4.2.4 Bloqueios com relação ao uso de tecnologias

Trabalhar pedagogicamente utilizando-se do apoio das novas TICs exige, além de bons equipamentos o bom pensamento crítico por parte dos profissionais da educação, que devem ser formados com conhecimento sobre a tecnologia, suas implicações sociais e a teoria educativa, e a utilização que fazem dos recursos e suas implicações sociais.

A fim de obter mais dados e enriquecer este trabalho, procurei saber também quais foram as diferenças dessa relação pedagógica/tecnológica com relação às que o professor já havia vivenciado e se algo mudara.

O Docente 1 destaca que mesmo havendo o interesse na utilização dos recursos oferecidos pelo PAPET há existência de uma certa resistência ao uso da tecnologia apoiando a educação por sua parte:

“Olha, acho que pessoalmente eu não cheguei a experimentar diferenças por conta de tudo que eu estou te falando, mas eu quero acreditar que potencialmente as diferenças são muito grandes. Acho que elas modificam as regras de conduta do nosso trabalho em sala de aula, de ensino, as regras de convivência, acho que elas modificam digamos assim, os nossos pactos, acho que uma vez inseridas e assimiladas pelo grupo elas produzem um conjunto grande de inovações na produção de conhecimentos, eu acredito nisso, sei que pode ser assim.

Agora é uma experiência que eu sinto que eu não persigo inteiramente, eu hesito, eu vou pela metade, sabe assim? Com os meus orientandos mesmo eu faço muita orientação à distância, eles me mandam textos mas, assim, eu imprimo os textos para ler, anotar (risos) [...]. Ainda não consigo construir muita coisa com um outro, especialmente com um outro que é meu aluno, que está em uma sala numerosa e tal, pela tecnologia. Eu encontro dificuldade.” (Docente 1)

Através dessa fala, podemos notar um paradoxo: primeiramente, o Docente fala da potencialidade e das rupturas de seu trabalho pedagógico. Por outro lado, continua dizendo sobre seus limites nesse mesmo trabalho enfatizando que a questão sobre o uso das tecnologias em apoio à educação possui fatores relativos que podem variar e isso, conseqüentemente, pode influenciar o resultado final do processo de ensino aprendizagem.

No relato do Docente 3 podemos perceber a questão da resistência de professores quanto ao uso do chat:

“O chat não é uma linguagem que a gente está acostumado. Então com o Júlio Aquino da USP este deu certo. Ele topou e entrou na parada e gostou. Mas eu já ofereci, já propus para dois outros professores e eles arrumaram desculpas, ficaram com receio: a eu não domino bem o computador para digitar na hora, a velocidade, certo? Então vamos dizer assim: eu diria que para os alunos seria um problema eles aturarem, mas eles entram e participam enquanto o professor ainda tem dificuldade, vou dizer, que ele tem, mas é mais um bloqueio, um medo, uma resistência de fazer isso. Agora que isso também mexe com a aula que faz uma aula no curso totalmente diferente daquelas que eu dava antes, isso eu não tenho a menor dúvida!” (Docente 3)

Falando ainda a respeito da resistência por parte de professores, em um exemplo claro de interatividade da tecnologia com aulas via chat, o Docente 3 ainda comenta que :

“A forma como que o aluno interage com o conhecimento, com a possibilidade de eu convidar um professor de fora, por exemplo, para debater com os meus alunos. A dificuldade maior que eu tenho para ter oferecido outras aulas dessa maneira é dos professores, eles têm receio.[...] Então, eu diria que eu vejo que os alunos gostam;

professor que está utilizando [...] o recurso, eu vejo que os alunos sentem a diferença e gostam porque isso facilita a vida deles.”

Importante também é como os Programas que disponibilizam recursos aplicados às aulas presenciais mudam as relações. Nesse sentido, o PAPET pode reforçar o processo interativo e comunicativo mais do que em situações presenciais.

“O quadro de avisos, calendário são situações interessantes permitidas pela tecnologia no processo interativo professor x aluno. Terminando uma aula eu posso entrar em contato com alunos, avisar, informar, discutir, entrando em um fórum alguma dúvida que tenha ficado no ar que o aluno não tenha entendido. Essa situação de recuperação do conteúdo, do conhecimento em termos do processo de aprendizagem de significações é muito interessante. Ela é de uma riqueza realmente infindável[...]Ela nos coloca face a perspectivas inovadoras, como dizia uma professora, ela pode provocar rupturas do ponto de vista metodológico e didático no trabalho pedagógico do professor.” (Docente 4)

4.2.5 Aprendizagem

“A descontextualização e a ruptura entre os conhecimentos, a experimentação de novas possibilidades de recombinação, a interatividade e a freqüente conectividade são algumas das características que vão permear essas novas estratégias de ensino centradas no ambiente digital.” (KENSKI in BARRETO, 2001, p.81)

Novas e variadas formas acabam exigindo ações metodológicas diferenciadas de ensino e, conseqüentemente produzem transformações no processo da aprendizagem.

Tendo pontos de referência, como os citados acima, para que se possa realizar transformações no ensino, surge a necessidade de que o educador lide criticamente com as TICs e que saiba utilizá-las pedagogicamente. É fundamental que alunos e docentes assumam uma postura, como afirma Kenski:

“[...] postura de inquisição, criticidade e de dúvida diante das informações...e, ao mesmo tempo, exercer papel de orientação e cooperação com os alunos. Ensina-los a aprender e[...]aprender, ensinando[...]ousar, ir além...de aceitar desafios e de buscar sua permanente atualização. Autonomia para ensinar e para aprender[...].” KENSKI (in BARRETO, 2001, p.75)

Foi levantada a questão sobre se o professor considerava que esse ambiente trouxesse modificações no processo de aprendizagem para si e para o aluno. Quanto a isso, o Docente 2 destaca:

“Olha para mim sim. Eu[...] eu venho aprendendo a utilizar esses recursos, a disponibilização que o LITE sempre foi dando para a disciplina, então aprendizado foi nesse sentido, certo[...]de vencer alguns medos, algumas resistências às vezes, tentar achar formas diferentes de utilizar. E esse semestre, por exemplo, eu vou tentar fazer uma coisa diferente, que eu nunca fiz que já é colocar toda produção e trabalho dos alunos vai ser disponibilizado em livros que eles vão produzir e ficar no site, então, um material vamos dizer assim, um material virtual que eles vão poder construir estes livros dentro do próprio site, não sei como vai rolar porque é a primeira vez.

E para os alunos eu acho que ajuda nesse sentido da, uma coisa são quando de fato conseguem implementar essas listas de discussões, esses chats, aí eu acho que eles ganham mais em termos de aprendizagem, porque você muda a linguagem, quer dizer, aquela aula deixa de acontecer simplesmente naquele espaço pré determinado, físico, então, eu acho que, por exemplo, a Lista de Discussão, ela “rola” a qualquer momento, durante a semana, a reflexão sobre o conteúdo está sendo trabalhado, aí eu acho que os alunos ganharam muito enquanto funcionou a Lista.”(Docente 2)

Como o Docente 2, o Docente 3 também destaca o fato que o limitador espaço físico e horário pré-determinado que uma aula tradicional impõe é quebrado com o uso de recursos do PAPET. Isso gera mais inovações que acabam por contribuir para a aprendizagem dos alunos e as aulas transformam-se com a utilização de interações síncronas como o chat que vem enriquecer o processo de ensino aprendizagem.

“Por outro lado o Chat, ele limita um horário mas também foi uma aprendizagem diferente, os alunos tiveram acesso, por exemplo, para discutir um tema com o autor de um texto que ele não viria à Campinas para dar aula para eles. E eles puderam fazer perguntas fisicamente não para o professor mas para o autor direto do livro. Eu acho que isso é um ganho, foi um ganho para eles assim muito grande!. Quem passou pela experiência eu acho que, que percebeu isso. Essa possibilidade de vencer essa barreira física e poder aprender

diretamente com o autor, tirar dúvidas sobre o que ele pensa sobre um assunto diretamente com o autor.”(Docente 3)

O Docente 4 destaca sua aprendizagem em relação ao Programa alertando, acima de tudo, sobre os limites e alcances que a tecnologia impõe:

“ [...]eu acho que para mim a grande aprendizagem que essa experiência do PAPET está me trazendo é essa me permitir colocar questões e aprender a trabalhar com as tecnologias nos seus limites nos seus alcances respondendo as questões contemporâneas colocadas hoje pela educação tanto do ponto de vista pedagógico, quanto didático, quanto teórico, quanto epistemológico. É uma aprendizagem muito interessante! E mostrando o quão são às vezes obsoletas nossas concepções pedagógicas que nos levam a concepções tão tradicionais.[...]”

Com relação à concepção de aprendizagem diferenciada que os alunos estão tendo, o Docente 4 demonstra sua preocupação no que se refere ao acompanhamento mais próximo:

“Quanto aos alunos eu sinto interesse, sinto alunos que estão bem, aproveitando bastante, mas sinto muita indiferença de outros alunos também.

Essa questão dos alunos está aberta e é um importante objeto de pesquisa. O LITE tem acompanhado mais os professores do que os alunos. Os professores têm devolvido avaliação semestral; quanto aos alunos, apesar do empenho do LITE, são poucos os que têm dado retorno.

Esta é uma questão que merece estudos. Nós temos, no LITE, uma série de hipóteses, a partir da própria experiência que estamos levando, entretanto, é preciso saber como é que o PAPET está sendo vivenciando pelos alunos.” (Docente 4)

4.2.6 Nova cultura

...é preciso tomar a realidade educativa em evolução o contexto onde ela surge, para tentar “atravessá-la”.

M. Gadotti

É preciso que ocorra mudanças em posturas tradicionais como diz TIJIBOY (in SILVA, 2001, p.45) “...tem que se aprender a reaprender ou simplesmente aprender a aprender...”

“Como educadores comprometidos com um novo olhar da Educação, devemos perceber que o momento atual se reveste de características especiais, que se está vivendo na *mudança da mudança*, onde as coisas se formam e se transformam frente a nossos olhos, onde as verdades deixam de ser verdades com a mesma rapidez com que aparecem, onde nós mesmos mudamos e nos transformamos com maior facilidade do que antigamente.” (TIJIBOY in SILVA, 2001, p.45)

Como está sendo demonstrado através dos relatos dos professores, as potencialidades tecnológicas desenvolvidas nas situações educativas têm produzido mudanças no trabalho pedagógico; hábitos começam a ser questionados; transformações de comportamento de alunos e professores ocorrem; a aula presencial (sala e horário pré estabelecidos, carteira, giz, lousa e outras tecnologias) passa a ser acompanhada de novas alternativas e novos recursos de aprendizagem visando enriquecer o desenvolvimento do conhecimento dos alunos. Podemos dizer então que o PAPET dentro da FE, propõe-se a criar uma nova cultura. Baseado nisso, foi perguntado aos professores o que eles achavam sobre essa afirmação. O Docente 1 respondeu:

“Por exemplo, uma das coisas legais que eu acho, a expressão eu acho que é até muito maior do que o exemplo que eu vou dar mas, por exemplo, essa espécie de (pausa) “atenção”, o aluno quando entra em contato com a disciplina de um currículo ele sabe que a disciplina dele é lá das 2 às 6 e ele começa a pensar mais nessa disciplina na segunda, eventualmente no domingo dependendo da carga de leitura, os professores sabem como os alunos são. Ele começa a entrar em sintonia com aquela disciplina um ou 2 dias antes da aula chegar. Às vezes ele lembra: “ai amanhã tem aula”, chega ali e senta. Em um tipo de dinâmica como essa você poderia criar uma outra conduta, uma outra cultura,

uma outra atividade que o aluno poderia estar vinculado, estar atento, estar sintonizado com as discussões da disciplina, com as preocupações da disciplina, com as sugestões da disciplina.

Ele sai dali, ele sabe que no dia seguinte naquela página pode estar acontecendo um comentário, uma discussão entre pares dele e ele quer estar junto daquilo de novo. Em um outro dia ele quer voltar a estar junto daquilo que corre na esfera da disciplina. A gente sabe que isso é possível são tantas as salas de discussões, fóruns, chats, isso, aquilo..”
(Docente 1)

Aqui o Docente1 também dá destaque à falta de um hábito cultural e à existência de um bloqueio ao uso de tecnologias apoiando a educação, não somente da parte dos alunos mas, eventualmente, na sua:

“[...] eu acho que ainda o nosso aluno, ele resiste um pouco culturalmente, isso é pedir demais para ele nesse momento, você entende? Eu vejo um pouco assim. [...] a nova cultura seria que a gente pudesse se dispensar desse papel [...] (e isso não deixa de ser de certo modo perverso) você tem que estar em um permanente estado de prontidão; você não pode passar 1 dia sem sentar na frente daquilo entende? Você não pode, você tem que ter o que dizer para as pessoas o tempo inteiro, sim ou não, pode ser, e a velocidade é um imperativo. Eu tenho uma dificuldade pessoal para lidar com isso. Eu arquivo mensagens e demoro 15 dias para responder, eu preciso pensar. É difícil!”(Docente 1)

O Docente 2 é objetivo com relação a esse conceito:

“Na medida em que está acontecendo ele está criando uma nova cultura. E rompendo com certos paradigmas existentes, coisas arcaicas, desatualizadas[...].”(Docente 2)

O Docente 3 concorda sobre o surgimento de uma nova cultura, destacando que ocorreram mudanças que têm transformado os processos de ensino, a metodologia de ensino aprendizagem o que acabou por afetar positivamente o resultado final para os alunos:

“[...] eu mudei, as minhas aulas não são mais as mesmas de antes, nem os meus alunos que podem utilizar desses recursos para botar o material na Rede e disponibilizar. Então, eu

diria que [...]eu vejo que os alunos gostam; como não é todo professor que está utilizando. Principalmente na Licenciatura que é onde eu tenho utilizado também, quer dizer, eu não to me limitando a utilizar aqui na Pedagogia, eu aproveito tou utilizando e já que eu gostei da experiência eu utilizo para todas as disciplinas da Pós graduação a minha disciplina da Pós também está com um Site específico e também na Licenciatura..”(Docente 3)

Um “novo professor que circula livremente no meio “digital” encontra ali um espaço educacional radicalmente diferente. Compreende que sua ação docente neste novo ambiente não requer apenas uma mudança metodológica, mas uma mudança da percepção do que é ensinar e aprender.” (KENSKI in BARRETO, 2001, p.78)

O que percebe-se é que a partir do momento que o docente “se abre”, ele se deixa “influenciar” pelo “novo”, para mudanças e se sente motivado com resultados positivos dessa relação do pedagógico com o tecnológico.

4.2.7 Rupturas Pedagógicas

Através da relação educação e tecnologia no trabalho pedagógico, espera-se que haja um rompimento de concepções educacionais consideradas “arcaicas”. Para isso, torna-se necessário a ocorrência de ações no sentido de se romper com paradigmas teóricos, metodológicos e didáticos.

“Todos esses comportamentos desafiadores, decorrentes da integração das novas tecnologias...ao ambiente educacional, impõem mudanças estruturais à ação docente e às formas de ensinar. São exigidos novos posicionamentos que possibilitem aos professores a fluência metodológica adequada para realizarem um ensino de qualidade, ainda que as próprias concepções do que é ensino e do que é aprendizagem também tenham se transformado. Antes de tudo, é preciso que haja transparência e clareza sobre as reais possibilidades de ação do docente com o uso das tecnologias....” (KENSKY, in BARRETO 2001, p. 76)

Durante a entrevista, ao se falar em nova cultura, foi abordado, também, o tema das rupturas pedagógicas, e se essas estavam ocorrendo. Quanto a esse fato, os professores deixaram claro que:

“Sim, eu acho que esse novo hábito que os alunos estão criando é uma nova ruptura, uma nova forma de cultura que rompe barreiras didáticas, metodológicas, eu acho sim! Para mim é isso como eu disse nossa experiência no começo foi regular, mas está melhorando e

se vocês se desenvolverem e ampliarem mais, nós usuários, alunos e professores vamos ficar cada vez mais motivados e habituados[...]isso que vocês estão fazendo é muito inovador, é muito bom, é diferente!” (Docente 2)

“[...]pelo Site, pela mudança na relação professor/aluno que se torna mais democrática assim no sentido que você tem a informação disponibilizada e não tem como o professor ficar mudando de idéia dizendo: “ai não, eu não disse isso, falei aquilo, não era isso que eu ia fazer”, que isso muitas vezes acontece na relação. Ali não, ali está registrado. Está exposta, aluno imprimiu, se eu mudei a regra do jogo “é isso aqui ó”! (risos)

Você tinha dito que ia ser isso daqui, então eu acho que essa é uma mudança significativa que eu acho interessante!

Agora o restante ela rompe aquilo que eu comentei anteriormente, principalmente a experiência do Chat para mim eu não consegui, vamos dizer assim, compreender ela em toda sua dimensão, mas eu percebi que ela mexe de maneira significativa [...] inclusive de novo na relação professor/aluno. Eu vi os meus alunos fazendo pergunta para o Júlio Groppa Aquino, professor da USP, que eu duvido que eles fariam na sala de aula, se ele tivesse vindo aqui pessoalmente. Eu vi eles fazendo perguntas e questionando idéias dele, do autor, professor de maneira muito dura e crítica que eu duvido que eles fariam aqui.”(Docente 3)

O Docente 3 continua a exemplificar essa ruptura de barreiras que ocorre na metodologia apoiada pela tecnologia dando um exemplo extra PAPET de uma experiência sua via Vídeo Conferência, entretanto faz um alerta quanto à importância do presencial professor/aluno.

Carla – “[...]o PAPET [...] é mais ou menos semelhante a Educação à Distância, só que ele tem o diferencial que é presencial. Então isso seria mais positivo do que se fosse via Chat[...]. O sr. acha que é importante esse presencial aliado?”

Docente 3 – “Eu acho que por um lado se você ganha nessa dimensão, nessa perspectiva, por outro lado existe um tipo de pergunta, de aula que um professor dá fisicamente não tem como, não tem como ele ser substituído, é no olhar mesmo com o aluno, em uma pergunta, é a cara de dúvida que o aluno faz para confessar que ele não entendeu e que ele ficou em silêncio e aí você retoma. Então quer dizer abrir mão disto [...] não é a mesma coisa. Você

ter essa experiência totalmente de fora para discutir aqui com os alunos, isso é experimentar, etc, mas, eventualmente.

Eu andei participando, daí não tem nada ver com aqui mas, eu andei participando de video conferências com um grupo de Educação Continuada da USP, exatamente porque eu queria entender, foi o outro recurso que eu achei assim, muito legal!

[...]Essa foi uma experiência muito interessante que eu tive, que eu achei extremamente positiva, porque ela permite essa interação de uma maneira mais eficiente ou melhor do que essa só via Chat, via computador. Porque tem imagem melhor[...] Ela se aproxima mais da situação presencial. Então, tem esse olhar assim, mas de novo, eu na frente do aluno pego coisas que nem nessa história da Vídeo Conferência se pega. Do silêncio do aluno que você está vendo, que se olha para ele “se não entendeu?”, “não”, mas ele não falou! E pelo computador ele ficaria quieto. Não substitui mas, são complementares, eu acho.”

O Docente 3 comenta nesse trecho sobre a ruptura/mudança que ocorre no espaço físico educativo, barreiras físicas são quebradas com o uso da tecnologia, nessa sua experiência com Vídeo Conferência. Entretanto, o professor também destaca que a tecnologia serve apenas como um apoio; a situação presencial, em sua opinião, é muito importante no processo de aprendizagem. O fator ‘olho no olho’ aluno/professor é fundamental, pois através dessa situação de maior proximidade ocorrem interações que apenas com o uso da tecnologia, como mediadora do processo, poderiam passar despercebidas prejudicando o processo de ensino aprendizagem.

O Docente 4, nesse seu relato, vem complementar a fala anterior do Docente 3 no que diz respeito a questão de sistemas de aprendizagens colaborativos com a situação presencial ou não:

“É muito interessante essa dimensão desse sistema colaborativo dependendo do tempo e espaço do aluno e do tempo e espaço pedagógico. Muito frequentemente, educadores são tentados a ver o aspecto da tecnologia em função dos benefícios individuais, ou seja, a tecnologia pode permitir o virtual a qualquer momento para o aluno independentemente de ele esteja, desde que tenha acesso a Internet. É esse o grande slogan do marketing, entretanto, eu estou observando que a tecnologia tem potencialidade para trabalhos

coletivos extremamente fortes mesmo em cursos presenciais, muito embora situações ocorram não de modo síncrono mas assíncrono. Entretanto, o que eu tenho percebido é que a presença da tecnologia na situação presencial reforça as interações, criando situações que possibilitam mais a construção de significados para os alunos e fica mais claro, eu sinto mais claro digamos, o caminho, a trajetória escolar de cada aluno.”

“...a incorporação de novas tecnologias da informação e da comunicação, no campo do ensino, podem simplesmente reforçar as velhas e questionáveis teorias de aprendizagem e/ou produzir consequências práticas nas relações docentes, bem como, revolucionar os processos de ensino-aprendizagem.” (IBIDEM, p.44 in SILVA, 2001, p.83)

Portanto, podemos dizer que o PAPET propôs-se e está tentando continuar a realizar rupturas pedagógicas, metodológicas e didáticas. É sob uma linha de pensamento e teoria crítica que o Programa segue. Novas relações pedagógicas dentro e fora da sala de aula surgem, uma nova cultura de uso da tecnologia em apoio à educação também está sendo difundida através do uso do Programa.

A fim de reforçar o item anterior e sobre uma postura epistemológica face à tecnologia, não poderíamos deixar de falar sobre os limites e alcances da própria tecnologia dentro do Programa PAPET.

“[...]O que esses limites estão trazendo? Muitas vezes, e é uma crítica que faço ao PAPET e que me preocupa é perspectiva “feijão com arroz”, que ele pode assumir, ou seja, selecionadas pela sua facilidade de aplicação. Não que eu seja contra ao “feijão com arroz”. O que quero dizer, de um lado, o Programa não pode circunscrever-se a tecnologias dadas sem explorar suas potencialidades para o trabalho pedagógico. Eu fico preocupada com a incorporação de tecnologias. Por outro lado, eu fico pensando se devemos acompanhar o ritmo, o interesse, e a descoberta dos professores. Ora, o ritmo lento de desenvolvimento do Programa é mais de acordo com o movimento que está ocorrendo aqui dentro da Faculdade. Entretanto, não é o meu movimento, eu estaria pronta para ir mais para frente, ou seja, eu estaria pronta para ter um sistema colaborativo de aprendizagem que fosse realmente interativo, com tecnologias síncronas e assíncronas, é lá que eu quero chegar. Eu gostaria até de dizer que, como eu, já tem professores aqui na FE prontos para fazer isso [...]” (Docente 4)

O Docente 4 continua destacando alguns limites e alcances: “[...]É um limite da tecnologia para nós, não que a tecnologia em si limite porque já tem isso disponível, porém no PAPET eu sou obrigada a fazer a entrada no texto impresso porque nós não temos ainda “blocos de anotações” que permitiria entrar no texto dos alunos e fazer as anotações para que todos os outros alunos pudessem acompanhar, discutir, seria um processo mais socializado e avaliativo[...]Não me refiro somente a potencialidade da tecnologia, ela tem aplicativos para isto e muito mais! Refiro-me ao desenvolvimento da tecnologia dentro do LITE. [...]Este hoje para mim é um limite pesado! (Docente 4)

O Docente 3 fala sobre uma questão que surgiu com a introdução dos recursos oferecidos pelo PAPET em seus cursos que foi a democracia que ficou mais evidenciada tanto para ele quanto para os alunos e que foi trabalhada de forma até sutil. Ficou evidenciado também tanto para o Docente 3 quanto para o Docente 4 a diferença da qualidade de interação professor/aluno/alunos, onde tempo e espaço não são mais barreiras, pois tanto alunos quanto o professor podem acessar constantemente o conteúdo, em horas e locais a sua conveniência quando a interação é assíncrona. É diferente quando a interação acontece em sala de aula com horário e local estabelecidos. Deve-se acrescentar também a diferença da qualidade da interação em situação presencial. A multiplicidade de situações de interação é considerada um dos alcances do Programa e uma inovação com relação ao sistema que pode ser diferenciado das aulas presenciais.

“Olha, a principal diferença foi o que eu coloquei na minha relação com os meus alunos sabe, é eu ter, estou insistindo no que eu acabei mais utilizando, o Site, todo o material, toda a programação, todos os textos, isso disponibilizado, o Cronograma das disciplinas, Ementa, isso tudo no Site, isso para mim como professor promoveu mudanças, porque isso inclusive é fonte de acesso para mim. Eu mesmo vou acompanhando o que eu tenho que trabalhar a cada semana em vez de ficar: “ai meu Deus o que eu tenho que trabalhar?”, eu vou no Site vejo o Cronograma e preparo a minha aula da semana tranqüilamente e sei que o aluno também tem isso aí. Eu acho que isso mexe, que uma coisa que eu trabalho no curso teórico, que isso mexe com a democracia. Isso democratiza a relação professor/aluno, porque as regras passam a estar mais claras; as regras do jogo entre professor e aluno; quer dizer, a partir do momento que eu utilizo o Cronograma, quer dizer, ele não é rígido, a gente vive mudando, quando precisa muda a aula, aula temática,

etc. Agora mesmo vai haver uma mudança na disciplina que eu estou dando nesse momento.

Então vamos dizer assim, a coisa fica mais clara, principalmente para o aluno que eu sei que é uma das coisas que eles têm também e os professores é que, digamos assim, as coisas ficam nebulosas, não sabem o que eles vão trabalhar durante o semestre, porque todo professor que tem Programa não necessariamente cumpre e geralmente não cumpre os Programas mas, ali não, ali você tem uma regra clara. Eu sempre por exemplo, disponibilizei ali avaliação. Como vai ser a avaliação? Está claro como é que vai ser para cada trabalho, os critérios que eu vou utilizar; então a maior mudança para mim é que eu tenho disponibilizado e isso mexe para mim na democracia, na relação entre eu e meus alunos. Essa é a grande diferença, eu diria, que existe. Além do que isso vem permitindo que eu, que eu crie novas formas de trabalho que antes eu não, eu não tinha; por exemplo essa idéia do Chat, eu insisto, eu usei pouco perto do que eu podia ter utilizado mas que é um recurso muito interessante e que isso sim, isso mexe com as aulas”(Docente 3)

Podemos dizer que o tipo de comunicação, nesse caso, passa do sentido vertical para o horizontal, ou seja, a tecnologia permitiu, através dos aplicativos interativos utilizados, que a relação de autoridade e poder entre professor/aluno mudasse através da situação trabalhada diferentemente na educação e no ambiente tecnológico. Nessa situação, o aluno que pesquisa, utilizando-se dos recursos tecnológicos disponibilizados, contribui para uma participação maior com relação ao conteúdo, ou seja, o desenvolvimento do aluno que procura estar sempre atualizado é facilitado com o auxílio do Programa e, conseqüentemente, seu desempenho auxiliado pedagogicamente pela tecnologia aumenta.

Continuando, o Docente 3 aponta um aspecto relevante do ponto de vista técnico que, pode deixar o Programa exposto, tornando-o vulnerável:

“A segunda experiência com o chat não foi tão positiva porque ela teve um problema técnico. Algumas pessoas não conseguiam entrar, quem estava fora da FE conseguiu entrar (risos), aqui dentro acho que deu um problema na rede da FAPESP então, quem estava fora da FE conseguiu participar, foi discutindo um texto da Maria Tereza Eglér Mantoan

com ela, que estava na casa dela, quem estava aqui não conseguiu. Então ficou assim tumultuada a experiência.

Eu já tive que fazer outra vez com professores da Universidade de Barcelona mas acabou não dando certo na última hora, mas é um recurso que em algumas disciplinas que eu vejo como um recurso extremamente positivo tá? É um recurso que eu utilizei em uma disciplina o ano passado e que eu pretendo agora continuar utilizando[...]"(Docente 3)

Mesmo havendo a possibilidade de ocorrência de falhas técnicas, os recursos oferecidos pelo Programa, se utilizados pedagogicamente segundo a diretriz que o professor escolher, não perdem seu aspecto positivo de uso para alguns professores que já passaram pela experiência da falha técnica, como relatou o Docente 3.

4.2.8 Descoberta

Dentre as descobertas durante o a utilização do PAPET nas disciplinas destaco uma, enfatizando o uso da Lista de Discussão por um dos docentes:

"Em relação específica à algumas ferramentas, alguns instrumentos que eu venho utilizando, já tentei de tudo um pouco [...], Lista de Discussão [...]eu já utilizei 2 semestres, o 1º não deu resultado muito bom, simplesmente colocava as temáticas e as pessoas não participavam, o 2º já funcionou bem [...], mas eu descobri algumas características como: o grupo tem que ser grande, não adianta ter um grupo pequeno de alunos, tem que ser grande. Ali deu certo porque eu coordenei a lista com mais de uma sala, com todas as salas que eu estava ministrando no 2º semestre. Então como a Lista de Discussão é uma coisa que "vai rolando" vamos dizer assim, a parte de uma temática que algumas pessoas gostam de se manifestar e outras não, nem todo assunto todo mundo quer. Eu senti que tem que ter um número grande de alunos, então, quando funciona razoavelmente eu tinha mais de 100 alunos aquele semestre. Então você tem uma participação."(Docente 3)

Através do uso do recurso Lista de Discussão o docente pôde experimentar várias situações que o levaram a descobrir sobre como melhor utilizar o recurso com a finalidade de obter melhores resultados. Nesse caso, o número de participantes foi fundamental, porém, é interessante destacar que a interação que uma lista de discussão precisa para ocorrer bem

não depende somente do número de participantes mas também do tema escolhido a ser lançado na lista e principalmente de como o mediador da lista o colocará e motivará a discussão, dentre outros fatores.

4.2.9 Perspectivas em relação ao Programa

Finalizando eu quis saber quais eram as perspectivas em relação ao Programa aliado ao trabalho pedagógico dos professores.

“Eu gostaria de ousar mais e com isso daí a limitação é minha de tempo, e de cabeça. Eu não tenho medo de inventar, às vezes eu converso com o Docente 4, ela fala de outras possibilidades e tal. Eu não tenho o medo, é mais questão de colocar a cabeça nisso para poder criar. Eu queria poder mexer com Produção Coletiva de Texto, eu queria mexer mais com pesquisas sabe? Colocar de maneira mais estruturada, fazer mais aulas via Chat; eu queria ousar mais, digamos assim, criar outras experiências, vamos dizer assim. Mas ainda não, estou indo devagar. Mas aí não é mais nem medo porque eu pressuponho uma disponibilidade de tempo na parte do professor que sou eu, que a gente tem que estar atento e ter esse tempo disponível, para poder, o aluno entra em uma boa nisso daí, não tenha dívida disso, a dívida (risos) está em o professor se dispor a investir e utilizar o recurso do que qualquer outra coisa.”(Docente 3)

Aqui, o Docente 3 deixa claro sua satisfação com relação ao uso da tecnologia em apoio à educação, comentando suas perspectivas no sentido de fazer mais, utilizar mais recursos. Entretanto, destaca a questão tempo que o professor deve dispor para que, por exemplo, um site seja atrativo e motivador. Ou seja, não basta apenas ter o recurso; é necessário uma reflexão sobre seu uso pedagógico e um tempo para investir nesse recurso.

Em seguida, continua falando sobre um outra perspectiva com relação ao Programa, seu interesse e motivação em tentar buscar novas formas de auxiliar o desenvolvimento do processo de conhecimento dos seus alunos através de formas alternativas dentro do PAPET:

“[...] utilizar o site também como disponibilização do material produzido pelos alunos. Não estou mexendo com Produção Coletiva de Texto, nada disso; pela característica e natureza das minhas disciplinas. Mas os alunos produzindo o material, os projetos que eles estão

pesquisando, as pesquisas deles, pegarem esse material, que muitas vezes eles fazem utilizando Power Point, para apresentar para os colegas, etc, e disponibilizar no site. É um recurso legal porque você tem aquele material acessível a todo mundo a qualquer hora.

Das disciplinas que eu trabalho os alunos escolhem as temáticas, então, você tem uma diversidade muito grande de material. Então tem gente que trabalha sobre sexualidade, tem gente que trabalha sobre diversidade na escola, tem gente que trabalha sobre indisciplina, eles vão entrevistam professores; eles fazem entrevistas com os alunos, e onde qualquer um a qualquer momento pode pesquisar, para mim foi algo positivo também.”

Carla – “Funciona como uma espécie de arquivo também?!”

Docente 3 – “Exato! Um arquivo que você pode pesquisar a qualquer momento. Eu por exemplo agora em novembro tive em Goiás e trabalhando com a Secretaria de Educação lá com os professores, e o pessoal me pediu informação sobre determinado conteúdo que eu sabia que eu tinha um trabalho com os meus alunos eu sei que agora em fevereiro eles andaram procurando esse material no site que estava disponibilizado. Então basicamente foram estes recursos que eu utilizei, que venho utilizando.”

O que podemos perceber é que há perspectivas com relação ao uso dos recursos que o PAPET oferece, ou seja, há um ideal claro de se utilizar mais e mais amplamente, explorando bem as situações, pedagógicas apoiadas tecnologicamente, possibilitadas através do Programa.

4.3 Um dos princípios do PAPET

Nessa fala, a Coordenadora do LITE deixa claro os princípios básicos do Programa:

“[...]porque não usamos modelos já conhecidos e disponíveis, modelos WebCT, AulaFácil, qualquer um desses sistemas aí? O professor é livre para desenvolver teorias sobre educação, teoria pedagógica, dar sentido ao seu trabalho pedagógico, e não adaptar-se a modelos prontos.

O que eu quero é que esse modelo em desenvolvimento no LITE seja fruto do trabalho pedagógico que os professores estão desenvolvendo; por exemplo, em experiências com chats, que ficam disponibilizados para os alunos. Uma experiência muito legal, um material

que era síncrono passa a ser assíncrono. Alunos e professor podem debruçar-se sobre esse material e estudá-lo, fazer o recorte que eles quiserem, e também fica como material de pesquisa. É interessante porque é uma velocidade tremendamente “louca” e precisa de uma tranquilidade de participação e muita articulação não só de solidariedade mas de colaboração, porque senão se tem um professor na berlinda quando sua produção é objeto do chat, ele fica “louco” se ele for respondendo na mesma intensidade e velocidade à todas as questões. Alunos e professores aprendem um novo ritmo de comunicação pois o tempo e o espaço on-line são diferentes do tempo presencial. Mas não dá para se fazer um controle rígido, se você fizer você pode colocar tantas normas e limites para o ambiente onde o espaço e o tempo são diferentes que você coloca uma “camisa de força” no chat. Então o que tem de funcionar mesmo é a concepção de um novo espaço, a concepção de um novo tempo e os alunos e os professores controlando-os e procurando estabelecer novas posturas de trabalho pedagógico[...]”

Tanto a autonomia do professor com relação à forma como utilizará os recursos disponibilizados pelo Programa, quanto às novas concepções, novas propostas de mudanças metodológicas e didáticas, sob posições teórico críticas da relação educação tecnologia, são princípios que o PAPET oferece a seus usuários.

4.4 Avaliação do PAPET

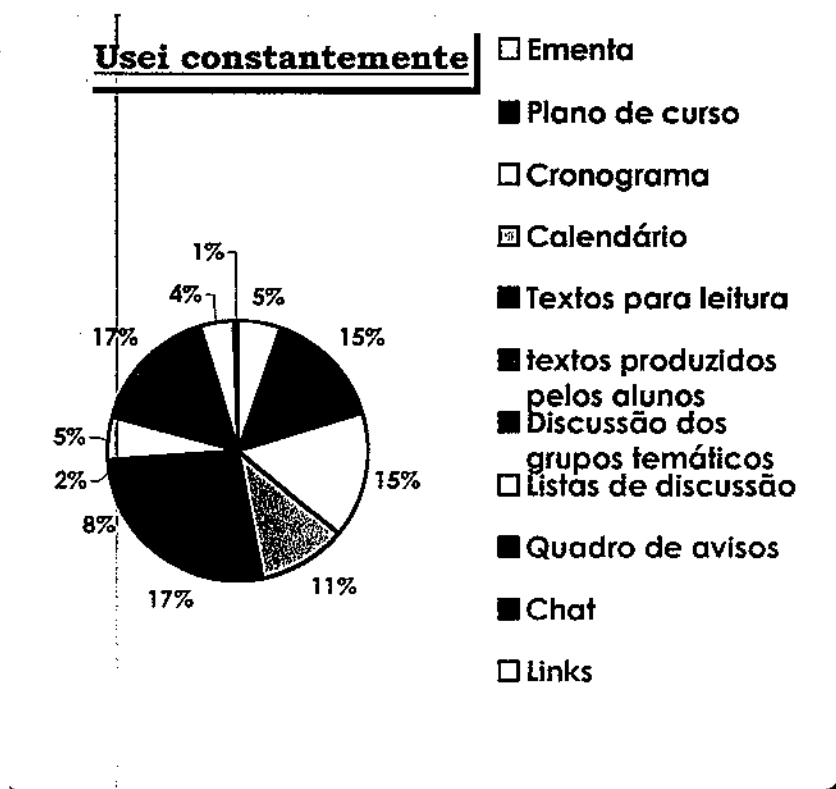
“...só é possível avaliar o uso de uma ferramenta em função da matéria a ser trabalhada e dos objetivos de cada trabalho concreto....É preciso levantar a mesma questão nos termos educacionais mais amplos.” (BARRETO 2001, p.179)

Desde o início do Projeto, têm sido realizadas avaliações, visando o aprimoramento da qualidade dos recursos oferecidos no PAPET.

A avaliação foi elaborada no próprio laboratório com a participação de toda equipe do LITE/PAPET e a colaboração da pesquisadora associada do LITE profa. Dra. Mara De Sordi.

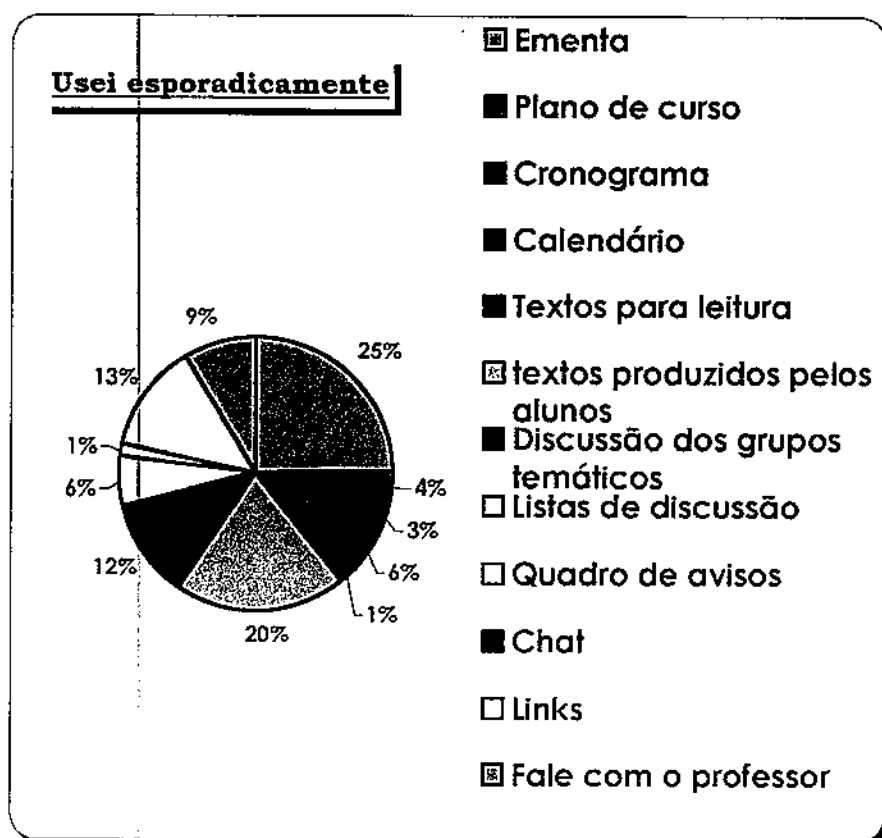
Foram feitos dois questionários distintos: um para o docente e um para o discente. Ambos são enviados e, após recebimento, a equipe do LITE se reúne a fim de analisar e discutir os dados.

Abaixo podemos observar alguns levantamentos estatísticos que foram realizados sobre os resultados iniciais da primeira Avaliação realizada no PAPET.



Questionário de Avaliação do PAD, elaborado pelo Lite - Faculdade
Foram consultados 29 alunos do curso de Sociologia da educação II.

Como podemos observar no gráfico acima, os recursos, disponibilizados nos sites, mais utilizados no Programa foram textos para leitura, quadro de avisos, plano de curso e em seguida o cronograma.



**Questionário de Avaliação do PAD, elaborado pelo Lite -
Foram consultados 29 alunos do curso de *Sociologia da educação II*.**

Especificando mais alunos que utilizaram, disciplina e modo como utilizaram observamos que mesmo usando esporadicamente a ênfase continua sendo maior em relação aos textos só que com um diferença, textos estes produzidos pelos próprios alunos. Em seguida os 29 alunos utilizaram mais a lista de discussão da disciplina e participaram mais das discussões entre os grupos temáticos.

Considerações Finais

Este não é o fim, é somente o início...

(C.F.T.)

Cada vez mais, inovações surgem na área educativa. Entretanto, a maior parte delas é mal desenvolvida ou utilizada de forma acrítica, sem que se atente para o maior objetivo final, ou seja, sem que se pense na forma como ocorrerá e se dará a aprendizagem do aluno.

Existe a necessidade do aluno compreender o que faz e porque faz, tendo consciência do processo no qual está inserido. Entretanto, essa compreensão depende que o professor seja capaz de auxiliá-lo nesse momento, fazendo-o compreender o sentido do processo no qual está inserido, orientando-o de maneira crítica, ou seja, fazendo-o descobrir sentidos e significados do seu processo formativo.

“...informática educativa: caracteriza-se pelo uso da informática como um suporte ao educador, como um instrumento a mais em sua aula, sendo que o mesmo pode utilizar os recursos colocados a sua disposição para ajudar o aluno a construir novos conhecimentos. Nesse nível, o computador é explorado pelo educador em sua potencialidade e capacidade, tornando-se possível praticar e vivenciar situações fundamentais para a construção do conhecimento pelo aluno...” (LEIVAS in SILVA, 2001, p.84)

Pode-se perceber através dessa afirmação que:

“...a utilização e incorporação da informática na sala de aula são importantes quando ela é utilizada para auxiliar os alunos na construção de novos conhecimentos. Contudo, essa construção dos alunos não deve ser realizada solitariamente, porque o ensino é um processo conjunto, compartilhado, no qual o aluno, tendo o educador como mediador, pode se mostrar autônomo na resolução de tarefas.” (LEIVAS in SILVA, 2001, p.84)

Após as entrevistas realizadas com todos os professores que utilizaram pedagogicamente os recursos tecnológicos oferecidos pelo Programa, a particularidade de cada professor e suas respectivas turmas no que se refere ao uso do PAPET ficou evidenciada. Alguns se sentem mais à vontade em trabalhar com a pedagogia apoiados pela tecnologia, já outros não se sentem tão à vontade mas por outro lado seus alunos sim.

Obter um bom resultado pedagógico através da utilização de recursos tecnológicos, muitas vezes, pode estar ligado a particularidades das disciplinas, de cada professor e do grupo de alunos, suas vivências culturais e habituais.

Essa relação educação/tecnologia chega a possuir uma certa “dependência”. Para que nesse Programa ocorra o resultado final esperado, o trabalho pedagógico e os recursos tecnológicos precisam “caminhar” juntos, ou seja, se problemas técnicos ocorrerem acabarão por influenciar o resultado final do trabalho pedagógico e, se a parte pedagógica falhar, os recursos tecnológicos por si só não garantirão o processo de desenvolvimento e aprendizagem que se transformará em conhecimento para os que utilizam o PAPET.

Outra variante nesse Programa fica sendo quanto ao resultado final, para que este seja satisfatório há necessidade que tanto o trabalho pedagógico, quanto a tecnologia “caminhem” juntas, ou seja, nesse Projeto não é interessante que funcionem de forma desarticulada sem o outro. Eles, portanto, apresentam uma relação de interdependência integradora como uma das exigências de sucesso no processo.

Com o avanço tecnológico a relação educação/tecnologia passa a exigir cada vez maior conhecimento dos profissionais da educação tanto com relação à parte tecnológica quanto à pedagógica.

“Essa união dos dois campos de conhecimento (técnico + pedagógico) parece ser imprescindível tanto para os alunos como para o educador, na medida em que, quando isso ocorre, o educador consegue com uma maior facilidade orientar e desafiar os seus alunos, fazendo com que a informática contribua para a construção de novos conhecimentos.” (LEIVAS in SILVA, 2001, p. 88)

Os desafios com relação à essa “integração” das tecnologias de informação e comunicação e os processos educativos aumentam e, portanto, surge a necessidade de se ter como prioridade um:

“eixo pedagógico central, o qual pode ser uma estratégia de grande valia, desde que essa integração considere estas técnicas como meios, e não como finalidades educacionais, e as integrem em suas dimensões indissociáveis: como ferramentas pedagógicas extremamente ricas e proveitosas para melhoria e expansão do ensino; e como objeto de estudo complexo[...]exigindo abordagens criativas, críticas e interdisciplinares[...].” (BELLONI in BARRETO, 2001, p.70)

Portanto, fica posto nesse trabalho a relevância de um Programa como o PAPET. A importância da continuação e desenvolvimento do mesmo é evidente se observarmos os depoimentos. Mas, para que se desenvolva e amplie cada vez mais, o tecnológico e o pedagógico têm necessidade de se integrar cada vez mais. Os dois precisam progredir articuladamente, assim como também a formação/atualização dos profissionais que atuam na área educacional.

Para falar sobre o Processo de criação do PAPET, foi apresentada a base de surgimento do Programa, ou seja, o laboratório LITE e através de um relato oral da coordenadora do laboratório pode-se compreender as bases de fundamentação teórica que solidificaram o PAPET desde seu início.

O laboratório LITE, tem como princípio a compreensão do tratamento da relação educação e tecnologia, preocupou-se no sentido de que a tecnologia existe independente da educação, tendo uma relação com outros objetivos, não necessariamente com educação e, portanto, quando ela pode ser utilizada pela educação esta tem que se articular respondendo às necessidades pedagógicas de professores e de alunos no processo de aprendizagem. Ainda sobre o laboratório de pesquisas LITE foi apresentado os objetivos, projetos e foi registrada a importância do Repositório

Outro ponto que mereceu destaque foi o sistema diferenciado de bolsas que é realizado no laboratório. Os Bolsistas Trabalho no LITE possuem um estilo de bolsa diferente, orientação das bolsas trabalho do SAE é formativa, ou seja, os estudantes que passam pelo LITE, acabam desenvolvendo seu trabalho em uma situação de aprendizagem.

Sobre a origem do Programa a intenção inicial era criar um programa que apoiasse pedagogicamente docentes e discentes oferecendo isto através de seus próprios recursos e que tivessem a tecnologia subordinada à educação, ou seja, um programa que possuísse uma visão crítica sobre a tecnologia apoiando a educação. O Programa é criado com base nessa linha de pensamento. O PAD é um recurso tecnológico projetado especificamente para o ensino presencial, auxiliando discentes e docentes em disciplinas presenciais no curso de Pedagogia da FE da UNICAMP e as escolhas de soluções tecnológicas são

determinadas conforme as necessidades pedagógicas da disciplina e definidas pelo professor.

As entrevistas realizadas com alguns dos professores que participaram desde o início da criação do Programa, ocorreram objetivando o aprofundamento do TCC no sentido de especificar ainda mais o trajeto histórico do Projeto.

Essas entrevistas transformaram-se em relatos orais e nesses pude observar muitos “achados” com relação ao uso do Programa.

Como, por exemplo, quando quis saber sobre porque o interesse em utilizar recursos tecnológicos como apoio à educação e todos os entrevistados expressaram além de um grande interesse, uma preocupação com o desenvolvimento da atuação da educação com novas tecnologias; não somente na FE mas também nos outros níveis de ensino.

Com relação aos recursos mais utilizados existem algumas dificuldades que são encontradas não pelo fato de utilização da tecnologia apoiando a educação mas, pelo fato dos alunos não conseguirem fazer um bom uso desse auxílio, devido a vários fatores culturais, falhas técnicas, etc.

Outro ponto levantado nos relatos foi sobre a maior atenção que é exigida do professor quando este passa a fazer uso de um Programa como o PAPET. Surge, portanto, uma necessidade de um maior tempo, maior presença, maior atenção por parte do professor, quando se trata do novo apoio pedagógico.

Conseqüentemente, essas novas formas de leitura acabam por exigir novas ações metodológicas. Essa “mudança” do ambiente tradicional de leitura para o novo, o ambiente digital, acaba transformando e acrescentando outros sentidos às mesmas maneiras de comunicação e expressão.

Um destaque especial foi dado para o chat, por parte da maioria dos professores entrevistados. Segundo eles, inovações ocorrem no debate e nas interações comunicativas. E onde, o professor detém o conhecimento, acaba ocorrendo também uma mudança, entretanto, no que se refere à comunicação da relação autoridade e poder entre docentes e discentes.

Com relação à administração da metodologia e didática pelo docente alguns destacaram a questão tempo, ou seja, deve existir nesse caso uma maior dedicação com esses recursos tecnológicos a serem trabalhados pedagogicamente.

Os recursos podem ser utilizados como ampliação do campo de atuação do trabalho pedagógico, ou seja, abrindo um espaço para além da sala de aula; porém, há a necessidade de que o professor utilize estes recursos com uma posição crítica.

Um fator que contribui para uma má utilização seria outro ponto abordado nos relatos, a resistência à tecnologia, ou seja, existem alguns tipos de bloqueios com relação a essas tecnologias e isso pode ter relação com a cultura do indivíduo e a postura pedagógica do professor.

Falando sobre a aprendizagem, que é uma das metas de docentes e discentes, novas e variadas formas acabam exigindo ações metodológicas diferenciadas de ensino e, conseqüentemente, produzem transformações no processo da aprendizagem. Com a utilização de alguns recursos do Programa PAPET, o limitador espaço físico e horário pré determinado que uma aula presencial impõe é quebrado isso acaba tendo como resultado mais inovações que contribuem para a aprendizagem dos alunos. As aulas transformam-se com a utilização de interações síncronas como o chat enriquecendo o processo de aprendizagem do aluno.

Com fatores inovadores, mudanças que o Programa possibilita pode desenvolver aos que o utilizam uma nova cultura.

Pudemos perceber através dos relatos que as potencialidades tecnológicas desenvolvidas nas situações educativas têm produzido mudanças no trabalho pedagógico: hábitos começam a ser questionados, transformações de comportamento de alunos e professores ocorrem, a aula presencial (sala e horário pré estabelecidos, carteira, giz, lousa e outras tecnologias) passa a ser acompanhada de novas alternativas e novos recursos de aprendizagem. Tudo isso acontece com um único objetivo: enriquecer o desenvolvimento do conhecimento dos alunos. Portanto, o PAPET não só se propõe como, também, está criando uma nova cultura dentro do trabalho pedagógico dos que utilizam o Programa.

Com isso, rupturas pedagógicas ocorrem; concepções educacionais consideradas “arcaicas” começam a ser desconsideradas, devido a novas posturas críticas que surgem. Podemos dizer que o PAPET propôs-se e está tentando continuar a realizar também rupturas pedagógicas, metodológicas e didáticas. Fundamentado em uma linha de pensamento e teoria crítica o que Programa segue. Também novas relações pedagógicas, dentro e fora da sala de aula, ocorrem e uma nova cultura de uso da tecnologia em apoio à educação também está sendo difundida através do uso do Programa.

E, fazer uso das tecnologias em apoio ao trabalho pedagógico, sobre um ponto de vista crítico, é um dos princípios do PAPET.

Perspectivas com relação ao Programa? Por parte de todos que descobriram e tiveram uma experiência positiva e rica com relação ao uso há muitas expectativas inclusive nossas!!!!

Esperamos que o PAPET, no seu caminho de desenvolvimento, amadureça e amplie-se cada vez mais! E que surjam mais e mais pessoas como todos que participaram até o momento e, que acima de tudo, acreditem nessa direção crítica de trabalho pedagógico/tecnológico.

Finalizando, deixo uma bela passagem de um autor o qual me encantou pela bela metáfora tão “real”, a qual me transportou a uma comparação das práticas do profissional da educação com o uso das novas tecnologias de informação e comunicação hoje.

“[...] Enquanto o irmão se agarra ao mastro do barco com o terror, o marinheiro observa como os grandes barcos e barcas apanhados na espuma em espiral se afundam para se despenharem no fundo, como se arrastados pelo próprio peso, enquanto as estruturas mais leves sobem, beneficiando de uma contracorrente vertical. Tomando uma decisão difícil e tendo tentado em vão convencer seu irmão a largar o mastro, o marinheiro agarra um barril arrastado na confusão e salta para dentro. É levado em segurança para a orla exterior do turbilhão, vendo o irmão afundar-se com o barco.” (KERCKHOVE, Op. cit., p. 114)

Portanto, larguem o mastro. Ao invés do medo sintam coragem para mudar sua prática pedagógica, afinal seria muito triste vê-los agarrados ao mastro!

Referências Bibliográficas

Bibliografia lida

ABREU, Rosane de Albuquerque dos Santos, *Software Educacional ou o Caráter Educacional do Software?*, in Tecnologia Educacional, Ano XXVI, nº 142, julho/agosto/setembro, 1998, ABT (Associação Brasileira de Tecnologia Educacional)

BACCEGA, M. A. *A história no campo da comunicação/educação*. Comunicação e Educação, São Paulo: Moderna/USP, nº10, set/dez, 1997

BARRETO, Raquel Goulart (org.), Nelson de Luca Pretto...[et al] , *Tecnologias educacionais e educação à distância: avaliando políticas e práticas*. – Rio de Janeiro, Quartet, 2001

BRUNNER, José Joaquim, *Educação: cenários de futuro – Novas Tecnologias e Sociedade da Informação*, nº16, Setembro 2000. PREAL – Programa de Promoção da Reforma Educativa na América Latina e Caribe, p. 33-37

CASSIANO, José, Revista Educação, *Informática*, julho 1999, p.56

FAGUNDES, Lea, *Informática e Educação*, VIII, Congresso SBC, Rio de Janeiro 1988

FRANCO, Marcelo Araújo, Ensaio sobre as tecnologias digitais da inteligência, Campinas, SP:Papirus, 1997.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes...[et...al], *Interdisciplinaridade e novas Tecnologias: formando professores-* Campo Grande, MS: Ed.UFMS, Fontes novas. Ciências humanas.

KERCKHOVE, Derrick de. *A pele da cultura – uma investigação sobre a nova realidade eletrônica*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997

LÉVY, P. *Cibercultura*, Rio de Janeiro: Ed.34, 1999

LITWIN, Edith, organizadora, *Tecnologia educacional: política, histórias e propostas*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

(VER)**LOING**, Bernard, *Escola e Tecnologias: reflexão pra uma abordagem racionalizada*,

LOJKINE, Jean, *A Revolução informacional*, tradução de José Paulo Neto, 2ª edição, São Paulo:Cortez, 1999

LUDKE, Menga, Marli E.D.A. André *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986

MARANO, Alfredo, *Guia de informática na Escola - Como implantar Novas Tecnologias*, São Paulo, 1999

MORAES, Maria Cândida, *O Paradigma Educacional Emergente: implicações na Formação do professor e nas práticas pedagógicas*, Em Aberto, Brasília, ano 16, n.º 70, abr/jun 1996

PINO, Angel, *Ensinar - Aprender em situação escolar: perspectiva histórico Cultural*, LITE (Laboratório Interdisciplinar de Tecnologias Educacionais), <http://www.LITE.fae.unicamp.br>, UNICAMP

PINO, Ivany Rodrigues - *Linguagens Tecnológicas e Educação: Construção de Ambientes de Aprendizagem*, Considerações Sociológicas.

SANCHO, Juana M. *Para uma Tecnologia Educacional*, trad. Beatriz Affonso Neves, Porto Alegre: Artmed, 1998

SILVA, Mozart Linhares da, *Novas Tecnologias – educação e sociedade na era da informação*, Belo Horizonte, Autêntica, 2001

SILVA, Marco, *Sala de Aula Interativa*, Rio de Janeiro: Quarter, 2000

VALENTE, Cristina Nogueira, *Informática e Educação, Novas Tecnologias mudam métodos tradicionais de ensino* - fevereiro 97 – UNESP

VIGOTSKY, Lev Semyonovitch , *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*, SP, Ícone, 1988

Tecnologia Educacional, Ano XXI, n.º 104, janeiro/fevereiro, 1992, ABT (Associação Brasileira de Tecnologia Educacional)

Bibliografia on-line lida

FONSECA, Lúcio, *As várias formas de aprender e as contribuições da tecnologia – 1º parte*, 03 de julho de 2001, In: Tecnologia na Escola, <http://www.aescola.com.br/>

_____, *As várias formas de aprender e as contribuições da tecnologia – 2º parte*, 10 de julho de 2001, In: Tecnologia na Escola, <http://www.aescola.com.br/>

_____, *As várias formas de aprender e as contribuições da tecnologia* – 3º parte, 17 de julho de 2001, In: *Tecnologia na Escola*, <http://www.aescola.com.br/>

_____, *Sobre mudanças e sapos fervidos* - 31 de julho de 2001, In: *Tecnologia na Escola*, <http://www.aescola.com.br/>

_____, *Gestão do Conhecimento: transformando dados em informações, informações em conhecimento* - 1º parte, 07 de agosto de 2001, In: *Tecnologia na Escola*, <http://www.aescola.com.br/>

_____, *Gestão do Conhecimento: transformando dados em informações, informações em conhecimento* - 2º parte, 14, de agosto de 2001, In: *Tecnologia na Escola*, <http://www.aescola.com.br/>

_____, *Gestão do Conhecimento: transformando dados em informações, informações em conhecimento* - 3º parte, 21 de agosto de 2001, In: *Tecnologia na Escola*, <http://www.aescola.com.br/>

_____, *Mercado de Trabalho em Informática Educacional*, 28 de agosto de 2001, In: *Tecnologia na Escola*, <http://www.aescola.com.br/>

FRANCO, Marcelo Araújo *Escola e novas tecnologias: uma parceria possível?*, Revista On-line “*Informática na Educação*”, nº 5, junho de 1999, <http://www.revista.unicamp.br/infotec/educacao>

_____, *Educação à Distância e projeto pedagógico*, Revista On-line “*Informática na Educação*”, nº 6, novembro de 1999, <http://www.revista.unicamp.br/infotec/educacao/educacao6-1.html>

_____, *Informática e Poder: uma leitura de Foucault*, Revista On-line “*Informática na Educação*”, nº 9, junho de 2000, <http://www.revista.unicamp.br/infotec/educacao/educacao.html>

_____, *Redes e Conhecimento*, Revista On-line “*Informática na Educação*”, nº 8, abril de 2000, <http://www.revista.unicamp.br/infotec/educacao/educacao8-1.html>

_____, *A Informatização da palavra*, Revista On-line “*Informática na Educação*”, nº 4, fevereiro de 1999, <http://www.revista.unicamp.br/infotec/educacao/educacao8-1.html>

_____, *Educação não é isso aí*, Revista On-line “*Informática na Educação*”, nº 01, agosto de 1998, <http://www.revista.unicamp.br/infotec/educacao/educacao1-1.html>

_____, *A Evolução da tecnologia intelectual*, Revista On-line “*Informática na Educação*”, nº 03, janeiro de 1999, <http://www.revista.unicamp.br/infotec/educacao/educacao3-1.html>

SAMPAIO, Carmem Sanches, *Linguagens, Comunicação e Ciberultura: novas formas de produção do saber*, Revista On-line "Informática na Educação", <http://www.revista.unicamp.br/infotec/educacao>

PINO, Angel, Denise Braga, Hans Liesenberg, Ivany Pino, Mara De Sordi, Maria Helena Pereira Dias, *Bases Preliminares para um Ambiente Colaborativo de Aprendizagem*. <http://www.LITE.fae.unicamp.br/sapiens/>

PINO, Pino, Denise Braga, Hans Liesenberg, Ivany Pino, Mara De Sordi, Maria Helena Pereira Dias, *Integrando o Pedagógico e o Tecnológico*. <http://www.unicamp.br/~hans/LITE/sapiens/relat.html>

PINO, Pino, Denise Braga, Hans Liesenberg, Ivany Pino, Mara De Sordi, Maria Helena Pereira Dias, *Vivenciando o Colaborativo*, <http://www.unicamp.br/~hans/LITE/sapiens/curso.html>

PINO, ANGEL. *Ensinar-aprender em situação escolar*, <http://www.LITE.fae.unicamp.br/sapiens/ensinar.htm>

PINO, Ivany R. , *Novas Tecnologias e Educação: Construção de Ambientes de Aprendizagem* <http://www.LITE.fae.unicamp.br/>

Bibliografia utilizada

BACCEGA, M. A. *A história no campo da comunicação/educação*. Comunicação e Educação, São Paulo: Moderna/USP, nº10, set/dez, 1997

BARRETO, Raquel Goulart (org.), Nelson de Luca Pretto...[et al] , *Tecnologias educacionais e educação à distância: avaliando políticas e práticas*. – Rio de Janeiro, Quartet, 2001

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes...[et...al], *Interdisciplinaridade e novas Tecnologias: formando professores*- Campo Grande, MS: Ed.UFMS, Fontes novas. Ciências humanas.

KERCKHOVE, Derrick de. *A pele da cultura – uma investigação sobre a nova realidade eletrônica*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997

LÉVY, P. *Cibercultura*, Rio de Janeiro: Ed.34, 1999

PINO, Ivany, Documento – *Relatório Trienal SAE/LITE*, 1999-2001

SANCHO, Juana M. *Para uma Tecnologia Educacional*, trad. Beatriz Affonso Neves, Porto Alegre: Artmed, 1998

SCHWARTZMAN, Simon, Sociólogo defende curso de curta duração para carentes. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 03 jun, 2002, Brasil, p.A4.

SILVA, Mozart Linhares da, *Novas Tecnologias – educação e sociedade na era da informação*, Belo Horizonte, Autêntica, 2001

VALENTE, Cristina Nogueira, *Informática e Educação, Novas Tecnologias mudam métodos tradicionais de ensino* - fevereiro 97 – UNESP

Bibliografia on-line utilizada

FONSECA, Lúcio, *As várias formas de aprender e as contribuições da tecnologia* – 3º parte, 17 de julho de 2001, In: Tecnologia na Escola, <http://www.aescola.com.br/>

LITE, <http://www.LITE.fae.unicamp.br/objetivos>

PAPET, <http://www.LITE.fae.unicamp.br/papet>

PINO, ANGEL. *Ensinar-aprender em situação escolar*, <http://www.LITE.fae.unicamp.br/sapiens/ensinar.htm>

8. E-mails:

carlafabiana@hotmail.com

ivany@unicamp.br

LITE@unicamp.br

andressaa@yahoo.com

liane@unicamp.br

9. ANEXOS

Modelos de Avaliação

1. Modelo de Avaliação enviado para alunos.

"Pela importância e investimento do LITE e da Unicamp (através de bolsistas do SAE) no Programa de Apoio Didático e Tecnológico aos docentes da FE, bem como construção de um espaço de pesquisa pedagógica, - seja pelo trabalho docente, seja pelo trabalho escolar e, ainda, pelo uso e aproveitamento do aluno -, estamos empenhados em sua contribuição, dando-nos o retorno sobre sua experiência no uso do PAD, respondendo-nos o questionário que segue abaixo.

Sugerimos que o retorno seja feito através de forward/encaminhamento da mensagem para o e-mail do LITE (LITE@unicamp.br) com a inserção das respostas após cada pergunta, no corpo da mensagem, sem anexos."(Ivany Pino - coordenadora do LITE)

PAD - Programa de Apoio Didático e Tecnológico do LITE

Questionário de Avaliação do Aluno

Disciplina : _____ obrigatória: ____ eletiva: ____

Professor : _____

1) O uso da Tecnologia modificou o seu trabalho acadêmico? De que forma ?

Resp:

2) Assinale com um X os recursos disponibilizados em seu curso e a forma de utilização dos mesmos:

☐ Ementa

☐ Não senti necessidade de uso

☐ Não usei mas gostaria de ter usado

☐ Usei esporadicamente

☐ Usei constantemente

☐ Plano de Curso

☐ Não senti necessidade de uso

☐ Não usei mas gostaria de ter usado

☐ Usei esporadicamente

☐ Usei constantemente

☐ Cronograma

☐ Não senti necessidade de uso

☐ Não usei mas gostaria de ter usado

☐ Usei esporadicamente

☐ Usei constantemente

☐ Calendário

☐ Não senti necessidade de uso

☐ Não usei mas gostaria de ter usado

- || Usei esporadicamente
- || Usei constantemente
- || Textos para leitura
- || Não senti necessidade de uso
- || Não usei mas gostaria de ter usado
- || Usei esporadicamente
- || Usei constantemente
- || Textos produzidos pelos alunos
- || Não senti necessidade de uso
- || Não usei mas gostaria de ter usado
- || Usei esporadicamente
- || Usei constantemente
- || Discussão dos grupos temáticos
- || Não senti necessidade de uso
- || Não usei mas gostaria de ter usado
- || Usei esporadicamente
- || Usei constantemente
- || Lista de Discussão
- || Não senti necessidade de uso
- || Não usei mas gostaria de ter usado
- || Usei esporadicamente
- || Usei constantemente
- || Quadro de Avisos
- || Não senti necessidade de uso
- || Não usei mas gostaria de ter usado
- || Usei esporadicamente
- || Usei constantemente
- || Chat
- || Não senti necessidade de uso
- || Não usei mas gostaria de ter usado
- || Usei esporadicamente
- || Usei constantemente
- || Links
- || Não senti necessidade de uso
- || Não usei mas gostaria de ter usado
- || Usei esporadicamente
- || Usei constantemente
- || Fale com o Professor
- || Não senti necessidade de uso
- || Não usei mas gostaria de ter usado
- || Usei esporadicamente

|| Usei constantemente

3) O uso da tecnologia modificou sua relação com o professor? De que forma?

Resp:

4) Qual a contribuição desta prática (PAD) para a sua formação acadêmica e profissional ? Resp:

5) Cite e comente as principais dificuldades de uso do PAD.

Resp:

6) Como o processo pedagógico da avaliação do curso foi modificado pelo uso da tecnologia como instrumento do trabalho docente ?

Resp:

1 a. Modelo de Avaliação – PAPET – enviado aos docentes.

Avaliação do PAD - Programa de Apoio Didático e Tecnológico do LITE
Primeiro Semestre de 2001

Disciplina : _____ obrigatória: ____ eletiva: ____

Professor : _____

Departamento : _____

1) O que o motivou a fazer uso das tecnologias em seu curso presencial?

Resp:

2) Você incorporou as tecnologias no processo pedagógico? Como?

Resp:

3) Como você planejou e desenvolveu a aplicação dos recursos tecnológicos em seu curso?

Resp:

4) Ocorreram rupturas e avanços no seu trabalho docente? Quais?

Resp:

5) Você teve dificuldades/facilidades na utilização do uso pedagógico das tecnologias em seu curso ?

Resp:

6) Assinale com um X os recursos disponibilizados em seu curso e a forma de utilização dos mesmos:

|| Ementa

|| Não senti necessidade de uso

|| Não usei mas gostaria de ter usado

- || Usei esporadicamente
- || Usei constantemente
- || Plano de Curso
 - || Não senti necessidade de uso
 - || Não usei mas gostaria de ter usado
 - || Usei esporadicamente
 - || Usei constantemente
- || Cronograma
 - || Não senti necessidade de uso
 - || Não usei mas gostaria de ter usado
 - || Usei esporadicamente
 - || Usei constantemente
- || Agenda
 - || Não senti necessidade de uso
 - || Não usei mas gostaria de ter usado
 - || Usei esporadicamente
 - || Usei constantemente
- || Calendário
 - || Não senti necessidade de uso
 - || Não usei mas gostaria de ter usado
 - || Usei esporadicamente
 - || Usei constantemente
- || Textos para leitura
 - || Não senti necessidade de uso
 - || Não usei mas gostaria de ter usado
 - || Usei esporadicamente
 - || Usei constantemente
- || Textos produzidos pelos alunos
 - || Não senti necessidade de uso
 - || Não usei mas gostaria de ter usado
 - || Usei esporadicamente
 - || Usei constantemente
- || Discussão dos grupos de alunos
 - || Não senti necessidade de uso
 - || Não usei mas gostaria de ter usado
 - || Usei esporadicamente
 - || Usei constantemente
- || Lista de Discussão
 - || Não senti necessidade de uso
 - || Não usei mas gostaria de ter usado
 - || Usei esporadicamente

- || Usei constantemente
- || Quadro de Avisos
 - || Não senti necessidade de uso
 - || Não usei mas gostaria de ter usado
 - || Usei esporadicamente
 - || Usei constantemente
- || Chat
 - || Não senti necessidade de uso
 - || Não usei mas gostaria de ter usado
 - || Usei esporadicamente
 - || Usei constantemente
- || Links
 - || Não senti necessidade de uso
 - || Não usei mas gostaria de ter usado
 - || Usei esporadicamente
 - || Usei constantemente
- || Fale com o Professor
 - || Não senti necessidade de uso
 - || Não usei mas gostaria de ter usado
 - || Usei esporadicamente
 - || Usei constantemente

7) Você considera que a integração pedagógica e tecnológica vivenciada em seu curso é uma contribuição para a formação do profissional da educação? De que forma?

Resp:

8) Como você avalia a forma com que seus alunos lidaram com as tecnologias em seu curso ?

Resp:

9) Quais as suas concepções, anteriores e posteriores ao uso do PAD em seu curso, sobre a relação educação e tecnologias ?

Resp:

10) O que você achou do Programa de Apoio Didático do LITE ?

Resp:

11) Você pretende continuar fazendo uso do PAD no próximo semestre?

Resp:

12) Você gostaria de usar novas soluções tecnológicas para suas questões pedagógicas? Quais questões ?

Resp:

2. Relatos

2.1 Questões base utilizadas nas entrevistas dirigidas a Coordenadora do Programa e a alguns docentes participantes.

P/Coordenadora

Como surge o LITE?

O que motivou a criação do PAD?

O que seria segundo a sra. essa “concepção diferenciada” de Educação e Tecnologia? Onde a sra. afirma que a Tecnologia é o meio mas não o conteúdo.

Prof.s Participantes

Porque o interesse em se usar um recurso tecnológico do ponto de vista pedagógico? O que o motivou a isso?

Quais os recursos mais utilizados, limites e alcances, justifique – ênfase (Chat/Lista Disc.)

Do ponto de vista pedagógico nas disciplinas, como administrou a metodologia e didática apoiado pela Tecnologia?

Você considera que esse ambiente trouxe modificações no processo de aprendizagem? Para você? Para o aluno?

Quais as diferenças dessa relação pedagógica/tecnológica em relação às que você já vivenciou? O que mudou?

O PAPET propõe-se a criar uma nova cultura. Na sua opinião isto está acontecendo? Poderia descrever?

Em sua opinião qual(ais) foi(ram) as rupturas na relação ed./tec. quais os limites e alcances?

Quais suas perspectivas em relação ao Programa aliado à seu trabalho pedagógico?

2.2 Entrevista I

Carla – “Porque o interesse em se usar um recurso tecnológico do ponto de vista pedagógico? O que o motivou a isso?”

Docente I – “Eu acho que o interesse vem primeiro de um enorme desconhecimento do tecnológico na docência. Praticamente venho trabalhando no ensino investindo muito mais nas relações entre professor-aluno-conhecimento, no âmbito sala de aula, e sempre tudo isso mediado pelo texto escrito, que entra como digamos, assim, como um interlocutor a mais na conversa. Além disso: lousa, retroprojeter, eventualmente o vídeo que entra como uma outra forma, um outro texto que chega para gente. Então o movimento de querer é uma curiosidade, é um desejo de conseguir modificar a mim mesma e ao meu jeito de organizar o trabalho, porque a gente vai pegando um certo jeito, vai ficando muito confortável nesse jeito, depois um pouco enjoada desse jeito então, é um pouco esse desejo de ter uma coisa diferente. O desejo de apropriar-me de uma tecnologia, fazer um certo uso dela, conhecer seus limites e possibilidades.

Carla – “Quais os recursos mais utilizados, limites e alcances, justifique – ênfase (Chat/Lista Disc.)

Docente I – “Do PAPET?”

Carla – “Sim.”

Docente I – “Olha, talvez eu nem consiga responder essa pergunta. Tinha uma menina no LITE que tinha sido minha aluna na Pedagogia. Era a pessoa com quem eu interagia. Eu montei a página da disciplina passando para ela basicamente o que eu tinha como material escrito e então assim, a página funcionou para mim como uma espécie de repositório pessoal das coisas que eu gostaria de estar colocando em circulação para os alunos, normalmente a gente faz isso em uma pasta no Xerox. Tudo que sai nas revistas, nos textos que a gente acha que pode interessar para os trabalhos dos alunos, a gente faz uma matriz e deixa na caixa do Xerox.

No PAPET eu fiz a mesma coisa, eu coloquei lá: Plano de Curso. Mapa dos Estágios, era uma disciplina com número grande de alunos, trinta e tantos alunos, e que se organizava sobre a forma de trabalho aqui e trabalho no campo de estágio. Então, eu coloquei ali as alternativas de campo de estágio, coloquei alguns textos que poderiam estar respaldando-os nessa experiência, então foi dessa forma que eu usc.

Carla – (interação após término da fala do docente)

“E a senhora sentiu assim, que isso auxiliou?”

Docente I – “Isso auxiliou.”

Carla – “Mais do que deixar no Xerox? Como?”

Docente I – “Se eu quiser encontrar ali meu trabalho eu vou lá e encontro, ele está todo arquivado. Então é isso que eu falo que é um repositório quer dizer, isso um arquivo, achei uma poesia quis por lá “tuf” mandei para ela, ela colocou, achei uma imagem interessante quis levar para lá, pus; uma das coisas que eu já tinha incorporado no meu trabalho previamente ao PAPET era uma coisa de ter uma pasta com todos os endereços dos meus alunos então, eu mandava mensagens para eles, do tipo: “Olha não se esqueçam para a próxima aula da leitura de tal texto e mandava para todo mundo como uma espécie de lembrete; criei com esta pasta uma possibilidade de uma comunicação nesse tempo entre uma semana e outra, foi muito interessante.

Isso na verdade acabou funcionando até mais que a página.”

Carla – (saindo do roteiro)

“Esse recurso estava inserido na página?

Docente I – “Esse recurso não estava inserido na página. Nem sei porque não foi inserido na página.”

Carla – (saindo do roteiro)

Então, porque pelo que eu estou assim, é, tentando associar com a página, tem lá o Quadro de Avisos, ou seria então uma coisa mais ou menos assim?

Docente I – “É. Só que isso depende do aluno acessar a página para ler o Quadro de Avisos e eu fui percebendo, eu entendi muito rapidamente com os *meus alunos* que isso não era uma coisa tranquila para eles. Isso era fácil para mim, eu tenho um computador na minha casa, tenho speedy, então o meu computador é ligado às 6 da manhã e é desligado à meia noite diariamente. Eu chego ali, clico no Outlook, vejo minhas mensagens diariamente, a qualquer momento. Na verdade eu acho que os *meus alunos* no ano passado tiveram uma resposta à página muito aquém do que eu esperava. Tanto é que no 2º semestre eu dei uma superdesanimada, eu fiz a página no 1º semestre e depois eu meio que abandonei. Porque eu mandando da minha mala direta, sentava lá meia noite, fazia um aviso e mandava para todo mundo.

Que acontecia? Eles entravam no mail deles e já tava lá a notícia, eles não tinham que lembrar da página, entrar na página para buscar o meu Quadro de Avisos. Eu acho que eu entendi que funcionava assim. Posso até ter entendido errado.

Carla – “Hmmm. O que eu estou pensando é o seguinte: eles entravam de alguma maneira na Internet.”

Docente I – (interrompe) “Sim.”

Carla – “Então, eles entravam em e-mails, eles poderiam quer dizer, ã, não era a falta de acesso à Internet.”

Docente I – (interrompe) “Não.”

Carla – (continua) “Não foi o motivo para eles não terem acessado a página.”

Docente I – “Não.”

Carla – “E, assim, eles expuseram quais eram os motivos? Porque os professores cobram, eles falam para gente; porque eu também, não sei se a senhora se lembra, eu trabalhei no PAD durante algum tempo e uma das reclamações que os professores faziam era que os alunos não entravam na página, não adiantava colocar, deixar no Quadro e eles mandavam e-mail às vezes. Mas, assim, o que a gente pensava era: se o aluno entrou na Internet, quer dizer, ele tem o acesso, ele conseguiu. Se ele não está entrando na página...”

Docente I – (interrompe) “O problema sabe qual é? É o seguinte: olha, a gente já está saindo da rota, mas o que vale mais é o meu depoimento mesmo.”

Carla – “Lógico!”

Docente I – (continua) “Eu acabei entendendo uma coisa assim: quando você tem uma página, (meu marido tem um site na Internet, e eu vejo diariamente a quantidade de tempo e de energia que ele tem que despender para aquilo ali, estar dia-a-dia em movimento, atualizado e outras coisas, enfim), além de dar a aula na Graduação semanalmente e de ter os trabalhos dos alunos, e as preocupações com eles, ter que estudar, preparar aula... Com a página, você tem que cuidar dela também... do conteúdo dela. Para fazer com que esse aluno a visite, adquirindo, digamos assim, um hábito e se mobilize para visitar essa página com frequência, regularmente, essa página tem que estar apresentando coisas novas para eles. Porque se ele vai lá uma semana, outra semana, na terceira ou quarta vez ele encontra ali apenas o

mesmo Plano de Curso, o Mapa de Estágio, aqueles primeiros textos que eu coloquei, e um aviso ou outro, aquilo perde o fascínio para ele. Ele não vai mais, ele abre o e-mail dele porque tem o amigo, o namorado, mas a página ele não vai mais abrir porque aquilo é quase que só redundância.

Agora aí, o que aconteceu? Eu descobri que ter a página na verdade era ter que me ocupar daquela disciplina, que era na quarta-feira de manhã, também na quinta-feira, na sexta-feira, eventualmente no sábado. Porque aquela disciplina, ela é uma, um encontro da quarta -feira de manhã e se eu não tivesse a página teria que no máximo preparar uma aula para aquele encontro, ler um texto, me organizar para o trabalho com os alunos.

Com a página, além disso, eu ganhei uma série de outras responsabilidades e fui eu que ganhei. Mesmo tendo a menina no LITE para me dar retaguarda a responsabilidade é minha, o conteúdo daquilo lá é de responsabilidade exclusivamente minha. Então a minha aula que é 1 vez por semana virou uma coisa muito maior, você entende? Porque estava o tempo inteiro dentro de mim a necessidade de organizar, alimentar aquela página. E fora que é o seguinte: você se empolga com a coisa toda que você vê, que você acha que vale à pena seu aluno saber, você começa a querer se organizar para ter aquilo na página. Então copiar, às vezes, coisas da Internet entendeu? Então é muito complicado você ter uma página para os alunos, não é uma coisa fácil. Pelo menos dentro do que eu consegui conceber como espaço virtual na nossa relação. Então foi isso, foi uma das coisas que não deu certo, quer dizer, eu rapidamente entendi, eu não sabia se eu ia querer aquilo a menos que eu tivesse, não adianta você ter pessoas para poder ajudar a cuidar entendeu? Aquilo fica para você.

Houve uma coisa que eu não consegui fazer mesmo tendo a página: Os *meus alunos* vão para o campo de estágio e eles têm que, por obrigação, produzir um diário de campo. Eu imaginei que esse diário, essa escrita que é deles, não é minha, pudesse ser convertida em um conteúdo da página, então ao invés de eles irem à página ver “o que a Docente I colocou lá, o que ela escreveu para nós”, eles iriam na página para saber o que o fulano, os outros colegas da turma poderiam estar depositando ali como escrita, como relato de experiência, como registro de trabalho de campo e poderiam estar entrando em uma interação com estes outros colegas e inclusive estar fazendo observações das práticas deles.

Acontece que *meus alunos* não quiseram fazer isso de jeito nenhum. Porque? Porque escrever e tornar essa escrita pública não é uma coisa tranquila para eles e nem seria um público para todo mundo. Seria tornar público na esfera da turma, mas eles têm uma censura, um controle interno muito grande. Eles escrevem muito para os professores lerem e avaliarem, mas, eles não se lêem. Os alunos no último ano do curso de Letras não tinham a confiança mútua estabelecida entre eles para *um poder ser leitor do outro*. Eles também me disseram o seguinte: que a leitura na sala de informática não era uma coisa tranquila, você não lê como se estivesse sozinho na sua casa, então ler o texto de um colega, fazer observações à margem, discussões à margem, à vista de outros alunos, ainda que fossem da mesma turma era incômodo para eles. Bom, com isso a minha grande atividade pensada para a página morreu na praia, continuei recebendo caderninhos com bilhetinhos dizendo: “eu não quero que o meu caderno seja

lido em voz alta”, “eu não quero que outras pessoas leiam o meu caderno”. Então isso foi um dos motivos que digamos, assim, abalou um pouco a minha disposição de estar na página.”

Carla – “Se não houvesse essa insegurança, digamos assim, cada um em seu computador, sozinho em sua casa, seria perfeito!”

Docente I – “Perfeito!

Agora, isso acho que tinha muito a ver assim, com as características dos meus alunos, do curso no qual eles estão, que é o curso de Letras, enfim, não sei, eu fico pensando nas características daquela turma. Esse ano a gente está com a página de novo, em um trabalho mais integrado e parece que a coisa está dando sinais de que vai funcionar melhor, vamos ver o que vai acontecer!”

Carla – “Não é a mesma turma?”

Docente I – “Não. É outra turma de Letras só que eles estão misturados com turma de História, Biologia, são uma turma com perfil diferenciado. E tem 3 “Ped’s”, tem 1 menina que é “Ped” muito familiarizada com fazer Lista de Discussão, tããã, tããã, então ela está pilotando essa frente de disciplina e aí o que eu percebo também é que ela tem uma agilidade que eu não tenho, ela tem uma tranquilidade que eu não tenho. E aí a coisa vai, flui mais facilmente, eu estou junto porque eu estou querendo aprender! (risos)

Carla – “Isso (se referindo ao roteiro de questões) é mais ou menos para dirigir, mas podemos sair quando for necessário, ok?!”

Do ponto de vista pedagógico nas disciplinas, como administrou a metodologia e didática apoiado pela Tecnologia?”

Docente I – “Não administrei. A tecnologia ficou, não deslocou nada do trabalho que eu fazia. Teria deslocado se a proposta inicial tivesse sido implantada, dos textos estarem sendo produzidos na Rede, sendo disponibilizados na Rede.” (professora olha o relógio nesse momento)

Carla – “Acabamos de falar sobre isso. Vejamos...

Você considera que esse ambiente trouxe modificações no processo de aprendizagem? Para você? Para o aluno?”

Docente I – “Não.”

Carla – “Quais as diferenças dessa relação pedagógica/tecnológica em relação às que você já vivenciou? O que mudou?”

Docente I – “Olha, acho que pessoalmente eu não cheguei a experimentar diferenças por conta de tudo que eu to te falando, mas eu quero acreditar que potencialmente as diferenças são muito grandes. Acho que elas modificam as regras de conduta do nosso trabalho em sala de aula, de ensino, as regras de convivência, acho que elas modificam digamos assim, os nossos pactos, acho que uma vez inscritas e assimiladas pelo grupo elas produzem um conjunto grande de inovações na produção de conhecimentos, eu acredito nisso, sei que pode ser assim.

Agora é uma experiência que eu sinto que eu não persigo inteiramente, eu hesito, eu vou pela metade, sabe assim? Com os meus orientandos mesmo eu faço muita orientação à distância, eles me mandam textos mas, assim, eu imprimo os textos para ler, anotar (risos), faço eles pegarem. Ainda não consigo construir muita coisa com um outro, especialmente com um outro que é meu aluno, que está em uma sala numerosa e tal, pela tecnologia. Eu encontro dificuldade.” (tom da voz abaixa)

Carla – “Certo. O PAPET propõe-se a criar uma nova cultura. Na sua opinião isto está acontecendo? Poderia descrever.”

Docente I – “Então, aí eu vou te fazer uma pergunta, quando você faz essa afirmação, “o PAPET se propõe a criar uma nova cultura”, que nova cultura é essa? O que você está exatamente querendo dizer com isto?”

Carla – “Uma das coisas seria essa que a senhora acabou de expor, que não consegue, a senhora teria que partir para uma nova aquisição de conhecimentos, uma nova direção. Como posso dizer, isso estaria “aumentando” a cultura que a senhora já tem, então ele propõe-se a criar novas culturas, novos tipos de culturas relacionado sempre à educação e tecnologia. Então existem várias formas de se criar, uma seria esta, o exemplo que a senhora acabou de dar.”

Docente I – “Por exemplo, uma das coisas legais que eu acho, a expressão eu acho que é até muito maior do que o exemplo que eu vou dar mas, por exemplo, essa espécie de (pausa) “atenção”, o aluno quando entra em contato com a disciplina de um currículo ele sabe que a disciplina dele é lá das 2 às 6 e ele começa a pensar mais nessa disciplina na segunda, eventualmente no domingo dependendo da carga de leitura, os professores sabem como os alunos são. Ele começa a entrar em sintonia com aquela disciplina um ou 2 dias antes da aula chegar. Às vezes ele lembra: “ai amanhã tem aula”, chega ali e senta. Em um tipo de dinâmica como essa você poderia criar uma outra conduta, uma outra cultura, uma

outra atividade que o aluno poderia estar vinculado, estar atento, estar sintonizado com as discussões da disciplina, com as preocupações da disciplina, com as sugestões da disciplina.

Ele sai dali, ele sabe que no dia seguinte naquela página pode estar acontecendo um comentário, uma discussão entre pares dele e ele quer estar junto daquilo de novo. Em um outro dia ele quer voltar a estar junto daquilo que corre na esfera da disciplina. A gente sabe que isso é possível, são tantas as salas de discussões, fóruns, chats, isso, aquilo. Mas, eu acho que ainda o nosso aluno, ele resiste um pouco culturalmente, isso é pedir demais para ele nesse momento, você entende? Eu vejo um pouco assim. Essa turma que a gente está agora, nós mandamos 1 formulário pedindo para cada um preencher o formulário e retornar para nós. Mandamos para cada aluno para ele entrar, preencher dizendo o nome dele, o endereço eletrônico dele, o campo de estágio onde ele estava, o horário de estágio que ele estava cumprindo no decorrer das semanas, e aí uma observação que ele considerasse importante para nós, para gente saber, em um mapa de 130, quantos estão na escola, quantos estão fora da escola, quantos estão em uma mesma escola, juntando esses individuais. O número que retornou foi assim irrisório, a gente não consegue saber quase nada; aí hoje a Cristina falou: “olha, acho que nós vamos ter que fazer um papel enorme, passar entre eles para que eles escrevam no papel o que está acontecendo.

Então é isso, não tem, a nova cultura seria que a gente pudesse se dispensar desse papel e que a gente em uma *velocidade* que é o digamos assim, *o elemento chave da tecnologia é a velocidade*, a gente tivesse as respostas de volta. Acontece que você não tem as respostas e nem a velocidade. Você pode ter até a resposta, mas, daqui a uma semana que ele encana que ele vai estar respondendo. E agora o seguinte, a questão da velocidade: para você trabalhar em sintonia com as características dessa tecnologia (e isso não deixa de ser de certo modo perverso) você tem que estar em um permanente estado de prontidão; você não pode passar 1 dia sem sentar na frente daquilo entende? Você não pode, você tem que ter o que dizer para as pessoas o tempo inteiro, sim ou não, pode ser, e a velocidade é um imperativo. Eu tenho uma dificuldade pessoal para lidar com isso.

Eu arquivo mensagens e demoro 15 dias para responder, eu preciso pensar. É difícil!”

Carla – “Em sua opinião qual(ais) foi(ram) as rupturas na relação ed./tec. quais os limites e alcances?”

Docente I – “Nessa experiência não. Não chegou a acontecer. Eu acho que nessa que a gente está iniciando, eu acredito que a gente vá poder iniciar alguma coisa na direção de uma ruptura. Até porque a marca dessa disciplina que está começando esse semestre, ela já é uma ruptura. Normalmente eu trabalho com a turma de Letras, o Antonio, Biologia, etc...A gente se misturou e misturou as turmas também. Então isso, em 20 anos é a primeira vez que a gente vai fazer isso então, já tem aí uma marca de ruptura, então, acho que vai ser mais fácil a gente ir procurando outras.

A página, da forma como as meninas estão tentando montar lá, já é uma outra.

Eu acho que daqui a 6 meses a gente tem outras coisas para falar sobre isso. (risos)

Carla – “Legal, aí uma outra pessoa que for fazer uma continuação...”

Docente I – (interrompe) “É!”

Carla – “Porque esse trabalho que eu estou fazendo, se o PAPET continuar “quebrando” rupturas, tentando se desenvolver cada vez mais, vai ter muito o que falar.

Eu acho que a última coisa que eu gostaria de saber, a senhora acabou já falando, que é: sobre quais suas perspectivas em relação ao Programa aliado à seu trabalho pedagógico?”

Docente I – “Isso.”

Carla – “Não sei, se agora a senhora quiser colocar mais alguma coisa, fique à vontade.”

Docente I – “Eu acho que é isso. A minha experiência foi uma experiência pequena, mas atravessada de dificuldades, de recuos, de hesitações do que propriamente de um empenho muito grande, de um resultado muito significativo.”

Carla – “É assim, a experiência que eu tenho trabalhando no PAPET e com os professores com os quais eu já trabalhei e tal, o que fica para mim é que assim, existem algumas dificuldades não só por parte dos professores mas dos alunos também, como foi colocado aqui e, depende muito da turma e do professor, isso é muito relativo, tem casos em que flui para o professor e para o aluno não, já para outros flui para a maior parte da sala e para o professor já não, é muito relativo mesmo e muito pessoal essa relação educação/tecnologia.”

Docente I – “É, acho que é isso mesmo. Acho que está um pouco na dependência de quanto cada um já interiorizou, já assimilou da nova linguagem, da nova velocidade.”

2.2 Entrevista II

Abril/2002

Carla – “Porque o interesse em se usar um recurso tecnológico do ponto de vista pedagógico? O que o motivou a isso?”

Docente II – “Dentro do que eu trabalho conceitualmente na minhas disciplinas eu vejo como uma das coisas mais importantes para se promover a transformação é..., das atividades pedagógicas, das relações pedagógicas, relação professor/aluno na sala de aula é tanto uma mudança nos conteúdos das disciplinas que são ministradas nas escolas também, na universidade, como também uma mudança na parte metodológica; quer dizer, não adianta nada a gente falar de estruturar novos currículos, fazer novos cursos se é tanto na universidade quanto também nas escolas é..., de ensino fundamental e ensino médio e, continuar com a mesma forma de trabalhar o conteúdo; quer dizer usar uma mesma metodologia de aula. Então eu sempre estou aberto e buscando uma maneira de transformar as metodologias das aulas, a relação com os alunos e, a utilização de novas tecnologias eu vejo como um caminho extremamente promissor nessa direção.”

Carla – “Quais os recursos mais utilizados, limites e alcances, justifique – ênfase (Chat/Lista Disc.)”

Docente II – “Olha eu..., eu diria que eu participei do PAD desde o início. Já utilizei diversas coisas, umas muito bem, outras mais ou menos... Eu vejo que o que eu utilizo e que funciona bem é o recurso do próprio site. De ter o site como referência para disponibilização do material, de bibliografia, etc, Quando eu digo que só isso, apesar de ter outras coisas mas só isso já, já promove uma mudança que eu tenho esse material disponibilizado e faço um contrato com meus alunos explicando para eles o papel do site e etc. Por exemplo um aluno jamais pode dizer que não sabia que era para ler um texto em tal dia, que era a avaliação, quer dizer, ele não precisa esperar minha aula para conversar comigo, ele sabe que ele tem esse material disponibilizado a qualquer hora de dia, de noite, na casa dele, no fim de semana, a qualquer hora ele sabe que ele entrando ali naquele endereço ele vai ter o que é para ele ler, o que é para ele é, qual é a avaliação do final do semestre, que eu sempre deixo disponibilizado, bibliografia complementar. Então, só ter o recurso de ter o site disponibilizado eu acho que já ajuda a promover uma aproximação na relação professor/aluno, porque a informação, ela está acessível a qualquer momento. Não fica centrado no momento da aula.

Em relação específica à algumas ferramentas, alguns instrumentos que eu venho utilizando, já tentei de tudo um pouco..., Lista de Discussão é..., eu já utilizei 2 semestre, o 1º não deu resultado muito bom, simplesmente colocava as temáticas e as pessoas não participavam, o 2º já funcionou bem..., mas eu descobri algumas características como: o grupo tem que ser grande, não adianta ter um grupo pequeno de alunos, tem que ser grande. Ali deu certo porque eu coordenei a lista com mais de uma sala, com todas as salas que eu estava ministrando no 2º semestre. Então como a Lista de Discussão é uma coisa que vai rolando vamos dizer assim, a parte de uma temática que algumas pessoas gostam de se manifestar e outras não, nem todo assunto todo mundo quer. Eu senti que tem que ter um número grande de alunos, então, quando funciona razoavelmente eu tinha mais de 100 alunos aquele semestre. Então você tem uma participação.

A experiência que eu considero mais significativa que eu tive, mas eu só consegui por incrível que pareça, eu só consegui utilizar uma vez dentro dos meus objetivos foi o Chat. Uma aula via chat aonde eu convidei um professor da USP e ele indicou um texto dele, os alunos leram e a gente foi para, foi para esse chat.

Na verdade foram duas aulas que a gente utilizou Chat, mas essa foi a que funcionou direito, porque assim, foi uma experiência muito legal, os alunos gostaram demais sabe...? Você muda totalmente a relação com a aula, você ouve às vezes o que a gente estuda na teoria mas, só vendo ali para ver isso quanto a sua linearidade. Primeiro você não tem mais pergunta e resposta, quando tem muita gente participando vira uma zona, no bom sentido, por mais que alguém quisesse coordenar hora que a gente viu, por exemplo, estavam acontecendo discussões paralelas no próprio chat, o professor, ele ia selecionando o que ele ia respondendo, o que ele ia se manifestando; como os alunos ficaram impacientes eles foram discutindo paralelamente e aí as pessoas entravam no meio da aula e liam. Então foi uma experiência muito legal!

A segunda experiência com o chat já não foi tão positiva porque ela teve um problema técnico. Algumas pessoas não conseguiam entrar, quem estava fora da FE conseguiu entrar (risos), aqui dentro acho que deu um problema na rede da FAPESP então, quem estava fora da FE conseguiu participar, foi discutindo um texto da Maria Tereza Eglér Mantoan com ela, que estava na casa dela, quem estava aqui não conseguiu. Então ficou assim tumultuada a experiência.

Eu já tive que fazer outra vez com professores da Universidade de Barcelona mas acabou não dando certo na última hora, mas é um recurso que em algumas disciplinas que eu vejo como um recurso extremamente positivo. É um recurso que eu utilizei em uma disciplina o ano passado e que eu pretendo agora continuar utilizando, e utilizar o site também como disponibilização do material produzido pelos alunos. Não estou mexendo com Produção Coletiva de Texto, nada disso; pela característica e natureza das minhas disciplinas. Mas os alunos produzindo o material, os projetos que eles estão pesquisando, as pesquisas deles, pegarem esse material, que muitas vezes eles fazem utilizando Power Point, para apresentar para os colegas, etc, e disponibilizar no site. É um recurso legal porque você tem aquele material acessível a todo mundo a qualquer hora.

Das disciplinas que eu trabalho os alunos escolhem as temáticas, então, você tem uma diversidade muito grande de material. Então tem gente que trabalha sobre sexualidade, tem gente que trabalha sobre diversidade na escola, tem gente que trabalha sobre indisciplina, eles vão entrevistar professores; eles fazem entrevistas com os alunos, e onde qualquer um a qualquer momento pode pesquisar, para mim foi algo positivo também.”

Carla – “Funciona como uma espécie de arquivo também?!”

Docente II – “Exato! Um arquivo que você pode pesquisar a qualquer momento. Eu por exemplo agora em novembro tive em Goiás e trabalhando com a Secretaria de Educação lá com os professores, e o pessoal me pediu informação sobre determinado conteúdo que eu sabia que eu tinha um trabalho com os meus alunos eu sei que agora em fevereiro eles andaram procurando esse material no site que estava disponibilizado. Então basicamente foram estes recursos que eu utilizei, que venho utilizando.

Carla – “Do ponto de vista pedagógico nas disciplinas, como administrou a metodologia e didática apoiado pela Tecnologia?”

Docente II – “Eu diria assim: essa parte que é do site, do acesso, isso daí está tranquilo..., porque aí não envolve tanto o recurso da sala de aula, mas o recurso de informação, etc.

Do ponto de vista do Chat que eu acho que foi a experiência, utilizando esses recursos, mais significativa é, foi tranquilo; sabe, os alunos também se adaptaram super bem, não tive nenhum problema.

Carla – (“interrompe”) Desde o início? Desde a 1ª turma?

Docente II – “Eu utilizei, como eu te falei, duas vezes. A 2ª teve um problema técnico mas vamos dizer assim, fugiu da nossa mão. A 1ª funcionou bem, quer dizer, comecei a organizar o começo da aula lançando uma questão e depois deixei “a coisa rolar” livre, daí foi acontecendo naturalmente, não tive nenhum percalço, foi super rica a experiência, como eu falei, os alunos avaliaram super bem a experiência.

A Lista de Discussão, ela dá um pouco mais de trabalho para mim certo, nessa vez que ela funcionou; eu não sei se é por medo, por resistência ou falta de costume por parte dos alunos, mas ela só funcionou quando eu entrava na discussão e provocava, aí funcionou!. Mas vamos dizer assim, isso pressupõe de mim enquanto professor estar sempre com perguntas a serem lançadas então. Mas tudo bem...

Carla – “Você considera que esse ambiente trouxe modificações no processo de aprendizagem? Para você? Para o aluno?”

Docente II – “Olha para mim sim. Eu...vamos dizer, eu venho aprendendo a utilizar esses recursos, a disponibilização que o LITE sempre foi dando para a disciplina, então aprendizado foi nesse sentido, certo, de, de vencer alguns medos, algumas resistências às vezes, tentar achar formas diferentes de utilizar. E esse semestre, por exemplo, eu vou tentar fazer uma coisa diferente, que eu nunca fiz, que já é colocar toda produção e trabalho dos alunos vai ser disponibilizado em livros que eles vão produzir e ficar no site, então, um material vamos dizer assim, um material virtual que eles vão poder construir estes livros dentro do próprio site, não sei como vai rolar porque é a primeira vez.

E para os alunos eu acho que ajuda nesse sentido da, uma coisa são quando de fato conseguem implementar essas listas de discussões, esses chats, aí eu acho que eles ganham mais em termos de aprendizagem, porque você muda a linguagem, quer dizer, aquela aula deixa de acontecer simplesmente naquele espaço pré determinado, físico, então, eu acho que, por exemplo, a Lista de Discussão, ela rola a qualquer momento, durante a semana, a reflexão sobre o conteúdo está sendo trabalhado, aí eu acho que os alunos ganharam muito enquanto funcionou a Lista.

Por outro lado o Chat, ele limita um horário mas também foi uma aprendizagem diferente, os alunos tiveram acesso, por exemplo, para discutir um tema com o autor de um texto que ele não viria à Campinas para dar aula para eles. E eles puderam fazer perguntas fisicamente não para o professor mas para o autor direto do livro. Eu acho que isso é um ganho, foi um ganho para eles assim muito grande!. Quem passou pela experiência eu acho que, que percebeu isso. Essa possibilidade de vencer essa barreira física e poder aprender diretamente com o autor, tirar dúvidas sobre o que ele pensa sobre um assunto diretamente com o autor.

É também agora, como eu disse, o fato de você ter a informação disponibilizada também gera uma mal condição para o aluno se localizar melhor no curso, vamos dizer assim, isso tem reflexo na aprendizagem.”

Carla – “Quais as diferenças dessa relação pedagógica/tecnológica em relação às que você já vivenciou? O que mudou?”

Docente II – “Como assim? Não entendi.”

Carla – “Por exemplo: qual é a diferença? Antes o sr. ministrava as aulas sem o apoio de tecnologia. Agora o sr. sentiu alguma diferença?”

Docente II – “Olha, a principal diferença foi o que eu coloquei na minha relação com os meus alunos sabe, é eu ter, estou insistindo no que eu acabei mais utilizando, o Site, todo o material, toda a programação, todos os textos, isso disponibilizado, o Cronograma das disciplinas, Ementa, isso tudo no Site, isso para mim como professor promoveu mudanças, porque isso inclusive é fonte de acesso para mim. Eu mesmo vou acompanhando o que eu tenho que trabalhar a cada semana em vez de ficar: “ai meu Deus o que eu tenho que trabalhar?”, eu vou no Site vejo o Cronograma e preparo a minha aula da semana tranquilamente e sei que o aluno também tem isso aí. Eu acho que isso mexe, que uma coisa que eu trabalho no curso teórico, que isso mexe com a democracia. Isso democratiza a relação professor/aluno, porque as regras passam a estar mais claras; as regras do jogo entre professor e aluno; quer dizer, a partir do momento que eu utilizo o Cronograma, quer dizer, ele não é rígido, a gente vive

mudando, quando precisa muda a aula, aula temática, etc. Agora mesmo vai haver uma mudança na disciplina que eu estou dando nesse momento.

Então vamos dizer assim, a coisa fica mais clara, principalmente para o aluno que eu sei que é uma das coisas que eles têm também e os professores é que digamos assim, as coisas ficam nebulosas, não sabem o que eles vão trabalhar durante o semestre, porque todo professor que tem Programa não necessariamente cumpre e geralmente não cumpre os Programas mas, ali não, ali você tem uma regra clara. Eu sempre por exemplo, disponibilizei ali avaliação. Como vai ser a avaliação? Está claro como é que vai ser para cada trabalho, os critérios que eu vou utilizar; então a maior mudança para mim é que eu tenho disponibilizado e isso mexe para mim na democracia, na relação entre eu e meus alunos. Essa é a grande diferença, eu diria, que existe. Além do que isso vem permitindo que eu, que eu crie novas formas de trabalho que antes eu não, eu não tinha; por exemplo essa idéia do Chat, eu insisto, eu usei pouco perto do que eu podia ter utilizado mas que é um recurso muito interessante e que isso sim, isso mexe com as aulas. A forma como que o aluno interage com o conhecimento, com a possibilidade de eu convidar um professor de fora, por exemplo, para debater com os meus alunos. A dificuldade maior que eu tenho para ter oferecido outras aulas dessa maneira é dos professores, eles têm receio.”

Carla – “Interessante!”

Docente II – “O chat não é uma linguagem que a gente está acostumado. Então com o Júlio Aquino da USP este deu certo. Ele topou e entrou na parada e gostou. Mas eu já ofereci, já propus para dois outros professores e eles arrumaram desculpas, ficaram com receio: a eu não domino bem o computador para digitar na hora, a velocidade, certo? Então vamos dizer assim: eu diria que para os alunos seria um problema eles aturarem, mas eles entram e participam enquanto o professor ainda tem dificuldade, vou dizer, que ele tem, mas é mais um bloqueio, um medo, uma resistência de fazer isso. Agora que isso também mexe com a aula que faz uma aula no curso totalmente diferente daquelas que eu dava antes, isso eu não tenho a menor dúvida!”

Carla – “O PAPET propõe-se a criar uma nova cultura. Na sua opinião isto está acontecendo?”

Docente II – “Diferente do PAD?”

Carla – “Não. O PAD agora é o PAPET. O PAPET é o ex PAD!”

Docente II – “Nesse nível que eu descrevi sim. Porque eu mudei, as minhas aulas não são mais as mesmas de antes, nem os meus alunos que podem utilizar desses recursos para colocar o material na Rede e disponibilizar. Então, eu diria que é...eu vejo que os alunos gostam; como não é todo professor que está utilizando. Principalmente na Licenciatura que é onde eu tenho utilizado também, quer dizer, eu

não to me limitando a utilizar aqui na Pedagogia, eu aproveito estou utilizando e já que eu gostei da experiência eu utilizo para todas as disciplinas da Pós graduação a minha disciplina da Pós também está com um Site específico e também na Licenciatura. E vejo que não são todos os professores que utilizam o recurso, eu vejo que os alunos sentem a diferença e gostam porque isso facilita a vida deles.

Carla – “E o sr. vê diferença entre a Graduação, a Pós e a Licenciatura, em relação ao uso?”

Docente II – “Ainda não. Porque na Pós eu utilizei agora, eu estou utilizando esse semestre, então...(silêncio)

Carla – “Licenciatura e Graduação de Pedagogia?”

Docente II – “A mesma coisa. É, eu diria que o pessoal de Licenciatura, com o que eu trabalhei foi mais o curso de Biologia, eles tiveram mais facilidade que os alunos daqui. (silêncio)

Carla – “A que o sr. deve isso?”

Docente II – “Eles transitam mais com essas áreas tecnológicas sabe, eles é, por exemplo, todas as pesquisas que eles fizeram por exemplo, eles chegaram com o material mais elaborado no computador, sempre com apresentações em Power Point certo? Então eu não descobri o porquê, eu não investiguei isso com eles, mas eu vi que eles tinham uma relação com a tecnologia diferenciada dos alunos daqui da área de Educação; eles tinham mais facilidade, mais abertura, não sei, porque. Então isso facilitou com que eles pegassem o material e enviassem para ser disponibilizado no Site. Eles tinham já a apresentação pronta, sempre utilizando Power Point, sempre utilizando é..., toda aula eles tinham lá um não sei, não é o Canhão, é o Projetor Multimídia disponibilizado nas aulas deles.

Carla – “(risos) Bem mais avançado então?!”

Docente II – “Todas as apresentações deles nos seminários que eram os seminários temáticos, que eram de pesquisas, sempre eles vinham com a apresentação pronta e já com o Projetor Multimídia, com animações.

Eu participo de alguns grupos de Pesquisa na Medicina por exemplo, em que semanalmente os alunos apresentam trabalhos, assim eles manuseiam esses equipamentos sempre lá com Notebook e projetando as apresentações, e o Power Point que é a língua básica disso daí, eles dominam muito bem, e na Biologia também!

Eu acho que é porque os professores deles utilizam muito, porque os Congressos nessas áreas são com a tecnologia, isso está muito incorporado. Na nossa área aqui não. Na nossa área aqui tem muito cuspe e giz, parece. Tem gente querendo muito falar em mudar com os nossos alunos mas geralmente as aulas aqui na Faculdade continuam as mesmas de 200, 300 anos!

Então eu senti essa, vamos dizer assim, o aluno lá da Licenciatura, aluno que eu trabalhei naquele semestre na Biologia, ele tinha uma facilidade maior do que os outros daqui, para utilizar esses outros recursos.

Carla – “Certo. Muito interessante isso! Em sua opinião qual(ais) foi(ram) as rupturas pedagógicas na relação (ed./tec) quais os limites e alcances?”

Docente II – “Hmm. Eu acho que...”(silêncio)

Carla – “Já acabou respondendo um pouco anteriormente não?!”

Docente II – “É, pelo Site, pela mudança na relação professor/aluno que se torna mais democrática assim no sentido que você tem a informação disponibilizada e não tem como o professor ficar mudando de idéia dizendo:”ai não, eu não disse isso, falei aquilo, não era isso que eu ia fazer”, que isso muitas vezes acontece na relação. Ali não, ali está registrado. Está exposta, aluno imprimiu, se eu mudei a regra do jogo “é isso aqui ó”? (risos)

Você tinha dito que ia ser isso daqui esta, então, eu acho que essa é uma mudança significativa que eu acho interessante!

Agora o restante ela rompe aquilo que eu comentei anteriormente, principalmente a experiência do Chat para mim eu não consegui, vamos dizer assim, compreender ela em toda sua dimensão, mas eu percebi que ela mexe de maneira significativa, inclusive de novo na relação professor/aluno. Eu vi os meus alunos fazendo pergunta para o Júlio Groppa Aquino, professor da USP, que eu duvido que eles fariam na sala de aula, se ele tivesse vindo aqui pessoalmente. Eu vi eles fazendo perguntas e questionando idéias dele, do autor, professor de maneira muito dura e crítica que eu duvido que eles fariam aqui.

Carla – “E o sr. vê isso positivamente, claro?!”

Docente II – “Eu vejo isso positivamente. Porque aí vamos dizer assim é, tendo essa distância e o equipamento como uma interface vamos dizer assim, não vendo pessoalmente o outro você se libera mais para poder questionar. A figura da autoridade diminui assim deu para perceber, ela diminui sensivelmente. Em uma sala de aula regular por exemplo, toda essa discussão paralela não aconteceria quando tem autoridade ali. Mas em um ambiente em Rede como esse, aconteceu conversa paralela. Dois,

três ficaram em uma discussão paralela aqui, certo? E o professor não se metia naquilo e ninguém estava interessado de repente, no que ele estava interessado era com quem ele estava conversando. E não atrapalhava a aula. Eles estavam lá de repente eles voltavam, porque você está lendo tudo lá na tela. Então você pode selecionar. Eu vejo isso como uma possibilidade do aluno muito grande, de mexer...É outra forma...

Carla – “O sr. vê positivamente, é, por exemplo o PAPET ele tenta, quer dizer não é bem tenta, mas é que é mais ou menos semelhante a Educação à Distância, só que ele tem o diferencial que é presencial. Então isso seria mais positivo ou não, do que se fosse só ali via Chat, aula só na telinha ali. O sr. acha que é importante esse presencial aliado...”

Docente II – “Eu acho que não é preciso ser aliado só virtual, eu acho que por um lado se você ganha nessa dimensão, nessa perspectiva, por outro lado existe um tipo de pergunta, de aula que um professor dá fisicamente não tem como, não tem como ele ser substituído, é no olhar mesmo com o aluno, em uma pergunta, é a cara de dúvida que o aluno faz para confessar que ele não entendeu e que ele ficou em silêncio e aí você retoma. Então quer dizer abrir mão disto é..., não é a mesma coisa. Você ter essa experiência totalmente de fora para discutir aqui com os alunos, isso é experimentar, etc, mas, eventualmente.

Eu andei participando, daí não tem nada ver com aqui mas, eu andei participando de vídeo conferências com um grupo de Educação Continuada da USP, exatamente porque eu queria entender, foi o outro recurso que eu achei assim, muito legal!

Era eu com quatro turmas ao mesmo tempo em Carapicuíba, em Jundiaí, em Itapeverica da Serra, em São Paulo, no vídeo, quer dizer, on-line e, aí eu tinha, se aproximava mais disso que eu estou falando porque os alunos tinham condições de fazer pergunta, mas eu professor controlava se eu ia dar a palavra para eles ou não, e dava a palavra para turma de Carapicuíba, para turma de São Paulo, para turma de Jundiaí, e quando dava a palavra para um, todos os outros ouviam. Essa foi uma experiência muito interessante que eu tive, que eu achei extremamente positiva, porque ela permite essa interação de uma maneira mais eficiente ou melhor do que essa só via Chat, via computador. Porque tem imagem melhor e...”

Carla – “É uma coisa meio “presencial””

Docente II – “É. Ela se aproxima mais da presencial. Então, tem esse olhar assim, mas de novo, eu na frente do aluno pego coisas que nem nessa história da Vídeo Conferência se pega. Do silêncio do aluno que você está vendo que se olha para ele “se não entendeu”, “não”, mas ele não falou! E pelo computador ele ficaria quieto. Não substitui mas, são complementares, eu acho.”

Carla – “Quais suas perspectivas em relação ao Programa aliado à seu trabalho pedagógico?”

Docente II – “Eu gostaria de ousar mais e com isso daí a limitação é minha de tempo, e de cabeça. Eu não tenho medo de inventar, às vezes eu converso com a Ivany, ela fala de outras possibilidades e tal. Eu não tenho o medo, é mais questão de colocar a cabeça nisso para poder criar. Eu queria poder mexer com Produção Coletiva de Texto, eu queria mexer mais com pesquisas sabe? Colocar de maneira mais estruturada, fazer mais aulas via Chat; eu queria ousar mais, digamos assim, criar outras experiências, vamos dizer assim. Mas ainda não, estou indo devagar. Mas aí não é mais nem medo porque eu pressuponho uma disponibilidade de tempo na parte do professor que sou eu, que a gente tem que estar atento e ter esse tempo disponível para poder, o aluno entra em uma boa nisso daí, não tenha dúvida disso, a dúvida (risos) está em o professor se dispor a investir e utilizar o recurso do que qualquer outra coisa.

Carla – “Uma coisa que eu gostaria de perguntar para o sr. também. O sr. sentiu que teve que despendar mais do seu tempo com a utilização do PAPET? Isso facilitou ou não?”

Docente II – “Não. Facilitou. Para utilizar outras alternativas é que talvez dependeria, despenderia mais tempo nisso. Isso muda a relação do tempo como eu falei. Uma coisa é a cada semana você pensar como vai ser a aula da semana seguinte, e isso diminuiu porque agora eu organizo o curso e estabeleço um cronograma e disponibilizo na Rede, ao invés de ficar com aquela perspectiva: “a deixa eu ver o que vou fazer quarta-feira, hoje é domingo, hoje é segunda, hoje é terça, eu não preparei aula ainda...”, mas agora eu já entro ali, eu já sei o que a aula vai ser, o tema.

Então nesse sentido reduziu, facilitou a minha vida. Agora quando eu jogo Lista de Discussão, quando eu vou mexer com Chat, ou uma produção de Texto, que seja, isso acaba exigindo mais, na primeira ou na segunda vez, eu diria, porque aí você tem que contatar um professor, agendar um horário, etc, entende?

Carla – “Gostaria que o sr. ficasse à vontade para colocar mais algo que quiser...”

Docente II – “Não. Acho que já falei tudo, que gostaria.”

2.3 Entrevista III

Abril/2002

Carla – “Vamos iniciar então? Porque o interesse em se usar um recurso tecnológico do ponto de vista pedagógico? O que o motivou a isso?”

Docente III – “Eu sempre tive muito interesse por tudo que a tecnologia tem trazido de bom para a escola. Desde 1991 eu faço parte como professora convidada do LIED que é um Laboratório de Informática aplicada à Educação. E já desde aquela época minha preocupação era justamente essa: conhecer em que medidas, todos esses recursos podem favorecer a escola e a escola em todos os seus níveis.

Quando eu fiquei sabendo que o LITE tava se utilizando do PAD, para os professores que estavam dando aula para a graduação e acredito até licenciatura e pós, como os alunos, os meus alunos da graduação no caso, como é que estes se relacionavam com essas tecnologias no curso de Pedagogia; se a tecnologia estava muito distante, ou se já estavam próximo do, da atividade escolar deles ou seja, em que medida não é?...E todos esses recursos que o PAD estava oferecendo podiam ser facilmente assimilados ou pelos alunos, ou ainda, constituía assim um conjunto de possibilidades que eles ainda não conheciam e, por isso mesmo precisavam conhecer.” (sorriso)

Carla – “Quais os recursos mais utilizados, limites e alcances nessa experiência?”

Docente III – “Olha, quando a gente iniciou o PAD eu senti que todos os limites e alcances que vocês disponibilizaram para nós não eram assim muito fáceis de serem assimilados pelos alunos, no sentido de que eu não senti um interesse das duas turmas, que era noturno e diurno, de se aventurarem no PAD. Eu insisti bastante porque eu queria que pelo menos alguns recursos que vocês ofereciam fossem assim, entrassem na rotina do curso mas, eu senti por exemplo que precisou muito esforço da nossa parte e às vezes até um certo “forçar” um pouco os alunos para que usassem tudo que, desde, por exemplo: Calendário, “Textos”; é uma coisa que eu acho que foi interessante, que começou justamente a mexer um pouco com eles com relação às novas possibilidades que os recursos traziam foram os “Chat”s que a gente fez.

Eu acho que o “Chat” tornou aos alunos mais claro para o que servia o PAD na nossa disciplina, porque, mesmo quando eles só trabalhavam com “Texto”s coletivos eu sentia que era uma coisa mais forçada e que eles não entendiam muito bem porque que podiam, qual era a diferença entre fazer um “Texto” coletivo no computador e fazer em grupo depois disponibilizar. Não ficou muito claro e, achei também que não houve assim grande empenho, mas o “Chat” nesse sentido de aproveitar essa ferramenta, mas o “Chat” uma, sei lá, uma atividade do uso do “Chat” para a disciplina foi uma atividade que trouxe um

certo impacto. Então, eu diria que o “Chat” foi o recurso que a gente utilizou nesse sentido de chegar mesmo a fazer o aluno entender o que significa a ter uma possibilidade como essa, trabalhar virtualmente.”

Carla – “Isso que a sra. Falou sobre o “Chat”...a sra. Acha que ã, a sra. quis dizer que eles ficaram motivados?”

Docente III – “Muito mais! Entenderam melhor.”

Carla – “E com o “Texto” não. A sra. desconfia de qual seria a causa disso?”

Docente III – “Eu acho que é o seguinte: a interação que a gente propôs através do “Chat”, ela tinha uma especificidade ou seja, eles sentiam que em um dado momento vários alunos em vários lugares puderam conversar com 3, 5 pessoas absolutamente distantes deles no espaço, distantes também por serem pessoas de outras áreas do conhecimento, que eles não conheciam, e com os quais eles puderam estabelecer um intercâmbio, uma interatividade no “Chat” que eu acho que eles não conseguiriam se fosse assim na presença porque foi o que eu notei com esses alunos que foi muito interessante falar com uma procuradora da República, com um promotor, uma jornalista, uma princesa, porque nós tivemos um “Chat” com uma princesa, a princesa Estela. (sorrisos) Então, foi essa experiência, quer dizer, nós sem conhecermos estas pessoas sermos apresentados, e naquele momento eles tiveram uma atividade que trouxe muita novidade, que trouxe muita possibilidade deles conhecerem não só a opinião sobre os assuntos que já eram coisas bem novas, coisas, coisas como também essa novidade de poder virtualmente entrar em contato com desconhecidos, e desconhecidos que acho que se estivessem na sala, os alunos não teriam assim, a liberdade, sei lá, a interação digamos mais, mais livre, não é bem livre, mais espontânea. Isso foi muito legal! Eles perceberam isso que era um recurso que tava unindo à pessoas distantes no espaço e distantes também na área do conhecimento que, de repente ficaram íntimas falando ali como se fosse uma sala onde as pessoas se conhecessem, porque assim de perderam a timidez.

Foi muito legal!!!

E já o “Texto” eles já se conheciam podiam interagir em outros lugares, podiam se encontrar então, era menos, foi entendido menos naturalmente, não era uma novidade. E eles não viam acho que um sentido tão grande em fazer um trabalho assim como sentiam com essas personalidades aí que eles, com os quais eles conversaram.”

Carla – “Certo! Do ponto de vista pedagógico nas disciplinas, como administrou a metodologia e didática apoiado pela Tecnologia?”

Docente III – “Olha, eu fiz o eu pude, e vou te dizer forcei mesmo para que a gente tivesse que usar o PAD. Houve um retorno que eu diria regular, não foi...é, eu senti que os alunos também quiseram se envolver porém, não era hábito então, uns estavam usando pela primeira vez. Eu tenho muitos alunos que são ouvintes, e especiais então, nem tinham esse hábito de entrar na Rede entendeu? Então, eu senti tudo que, por exemplo, se eu fazia com que eles se encontrassem, se eu fazia com que eles colocassem um “Texto” de leitura dentro do PAD para que eles lessem, essas coisas, um recado, essas coisas assim digamos, minhas, todas essas coisas foram a parte do meu esforço didático pedagógico sabe? Agora não posso te dizer que esse esforço também foi alcançado pelo que eu esperava. Eu esperava uma colaboração, um maior interesse por parte dos alunos mas, dentro daquilo que eu esperava até que eu esperava até que...e eu acho até que se eles tivessem mais habilidades em usar nós teríamos tirado um partido maior!”

Carla – “A sra. sentiu que em relação à outras vezes que deu aula, comparadas com agora e com o PAD, sentiu uma diferença em por exemplo: um final de semana teve que sentar mais tempo para preparar mais coisas além da aula?...”

Docente III – (interrompe) “Não. Não senti. Porque quando eu lia o “Texto” na Internet era a mesma coisa que ver o de casa, no trabalho, a mesma coisa ver os que os alunos me entregavam. Adorei participar do “Chat”, achei super legal! Da minha parte achei muito bom dispor, participar do “Fale com o professor”, apesar de que pouquíssimos alunos usaram.”

Carla – “A que a sra. acha que se deve isso?”

Docente III – “Porque os alunos não estão habituados a falar com o professor na história. Os meus alunos até falam comigo mas, é quando eles se encontram comigo ou me telefonam. Mas isso porque eu insisto falando para eles me procurarem, telefonarem, conversarem, mas isso, eu acho que por e-mail as pessoas ainda vêm como uma forma de comunicação mais pessoal ainda, telefone já está mais no dia a dia, é mais corriqueiro e a pessoa fica mais à vontade de falar comigo por telefone. Eles me encontram fora e me encontravam ali e também acho que porque não havia tanta necessidade de usar. Mas, hoje por exemplo, com essa nova turma eu estou sentindo muito mais afinidade em se trabalhar, já tenho atividades com eles no PAD e percebo que eles já estão mais habituados, talvez por já terem tido outras experiências como essa, eu é que estou agora sentindo dificuldade! (risos)

Eu vou viajar em maio e já tenho um “Chat” preparado, os seminários que eles estão apresentando eles já disseram que pode colocar no PAD, colocar no site enfim, se tornar comunitário; eles estão começando a se organizar mais quem sabe...? É uma questão de cultura, a cultura do ensino, eu acho que

tem muita coisa ainda para mudar, porque na verdade nós estamos participando de uma coisa em transformação muito interessante. (sorriso)

...Eu acho que está se tentando na cultura dos cursos, da Graduação e da Pós. Eu acho que a Pós é muito mais difícil, muito mais difícil. Porque na Graduação tem muito mais jovem e os jovens são muito mais atentos, eles têm muito mais interesse. Na Pós eles querem que a gente dê informações, entendeu? Bibliografia, tããã e, principalmente eles não querem que dê assunto, eles querem que passe...”
(docente, fala sobre seus alunos da Pós)

Carla – (interrompe) “É uma questão de bloqueio? Cultural?”

Docente III – “É uma questão cultural.”

Carla – “Minha geração ainda não está totalmente habituada com essa inovação, mas meus filhos estarão com certeza...”

Docente III – (interrompe) “Estarão! As crianças, eu vejo pelo site do Caleidoscópio, eles fazem trabalho pela Internet, elas têm o maior jeito e os professores ficam todos: “aaaaa meu Deus será?!”, eles não medo de errar, eles apagam quando não dá certo, eles fazem de novo, é uma festa! É como você falou, isso aí é uma questão cultural. Não tem que esperar a pessoa se preparar, tem que cada vez mais ir solicitando as pessoas, motivando as pessoas, impressionando as pessoas com as novidades para que elas tenham uma absorção maior, uma curiosidade maior. Eu acho que a gente não pode esperar que as pessoas se preparem. A gente tem que preparar as pessoas para que elas usem cada vez mais e mais!

Vocês do PAD certamente! Eu acho muito legal isso! E sabe uma coisa que me preocupa? Me preocupa muito, a forma como outros lugares vêm se utilizando dessa ferramenta, por isso que eu gosto do PAD e não gosto de Laboratório de Informática, de Laboratório de Informática nas escolas porque o que a gente vê nas escolas principalmente nas de ensino fundamental, infantil é o uso da ferramenta em si. Porque não pegar o que tem no laboratório e aproveitar? Aproveitar legal, porque o que tem lá no computador para trabalhar é bom, o resto é para quem gosta de programação (piscadinha). Por mais novidade que tenha eu acho que é a gente que está sabendo utilizar bem!”

Carla – “O PAPET propõe-se a criar uma nova cultura. Na sua opinião isto está acontecendo?”

Docente III – “Na medida em que está acontecendo ele está criando uma nova cultura. E rompendo com certos paradigmas existentes, coisas arcaicas, desatualizadas...”

Carla – Então em sua opinião está ocorrendo o que podemos chamar de “rupturas pedagógicas?”

Docente III – Sim, eu acho que esse novo hábito que os alunos estão criando é uma nova ruptura, uma nova forma de cultura que rompe barreiras didáticas, metodológicas, eu acho sim! Para mim é isso como eu disse nossa experiência no começo foi regular, mas está melhorando e se vocês se desenvolverem e ampliarem mais, nós usuários, alunos e professores vamos ficar cada vez mais motivados e habituados...isso que vocês estão fazendo é muito inovador, é muito bom, é diferente!” (sorriso)

Carla – “Agora a sra. fique à vontade se quiser colocar algo mais...”

Docente III – “Eu acho que é isso, eu gostei muito, achei muito legal, quero continuar no PAD e tenho só uma sugestão que vocês apresentem o PAD, como se usa, o que oferece, antes para nós e para os alunos, em uma reunião, uma apresentação em um auditório, seria muito melhor; porque vocês não fazem isso? A gente fica meio perdido no começo, seria interessante que vocês fizessem isso. E é isso eu adorei participar do PAD...!”

2.4 Entrevista IV

Abril/2002

Carla – “O que a motivou a criar o PAD?”

Docente IV – “De uma certa forma você participou dessa história. Estava dando um curso de metodologia de pesquisa quando pensei na oportunidade de desenvolver determinados recursos da tecnologia de informação que poderia reforçar adequadamente as relações do processo de interação entre professores e alunos. Permitiria também acompanhar com mais facilidade os problemas que os alunos poderiam apresentar na elaboração dos seus projetos. É um curso complicado, é um curso difícil e eu achei que se começasse a usar algumas possibilidades interativas que nos oferece essas tecnologias de informação, essas possibilidades só poderiam reforçar nosso trabalho pedagógico no curso.

Foi assim então que eu lhe propus (você era bolsista aqui com a Andressa e aluna da disciplina) criar no curso uma lista de discussão. Propus que desenvolvêssemos alguns recursos da tecnologia da informação para fortalecer o processo interativo o que poderia ajudar bastante os alunos na elaboração dos seus projetos. Seu entusiasmo foi imediato. Começamos então, muito simplesmente, não sei direito, sem muito sonho, criando uma lista de discussão que se revelou extremamente interessante. Então eu comecei a ver como a tecnologia da informação poderia estar presente no presencial com uma potencialidade de fortalecimento do processo interativo, e dando continuidade à relação de sala de aula no mundo virtual durante uma semana de intervalo entre um curso e outro. E essas potencialidades foram abrindo perspectivas e, ao mesmo tempo que abria perspectivas abria também questões em alguns sentidos como por exemplo: será que qualquer tecnologia da informação seria interessante para os cursos presenciais? Será que teriam alguns recursos que se adaptariam melhor do que outros, segundo a natureza do curso, o tipo de trabalho pedagógico de professores e alunos? Como ela poderia facilitar mais o trabalho pedagógico do professor? Como também poderia facilitar o trabalho pedagógico do aluno? Eram muitas questões, eu tinha mais questões do que resposta. Percebi que, pelo fato de dar esse curso durante alguns anos, eu sabia que os alunos tinham dificuldade e que eles me procuravam muito soluções e eu também. Fazíamos vários encontros e, na maioria das vezes, esse curso foi dado com monitoria. É muito interessante a necessidade de contato aluno professor, e a lista de discussão permitiu ao aluno colocar suas descobertas e suas dificuldades, como também suas lamúrias. Lembro-me de um grupo de alunos que dizia assim: “essa lista de discussão está parecendo o muro das lamentações!” Foi muito gratificante também porque tínhamos uma relação excelente com essa turma, portanto, a nossa

relação era ótima e o fato de ter ainda a lista de discussão, reforçou ainda mais o processo pedagógico, aproximando-nos mais permitindo-me perceber as dificuldades que os alunos tinham, no momento em que tentavam pensar, refletir e criar... Esse processo de criação, sobretudo na fase de problematização, de definição de tema, construção e recorte do objeto, é difícil para o aluno; e aí a lista era uma válvula de escape das suas emoções, permitindo-lhes manifestar seus sentimentos. Ocorria também a socialização, digamos assim, dessas emoções ao nível do coletivo, de todo o grupo e ao mesmo tempo permitindo que o professor participasse dela apoiando o estudante fortalecendo a cultura da busca e descoberta facilitando sua trajetória.

Comecei a me perguntar que, se o efeito de uma simples lista de discussão era tão grande e tão interessante, o que aconteceria se alargássemos esses recursos, essas ferramentas considerando-as como pedagógicas? Seria possível colocar questões interessantes para nossa prática pedagógica. Então construímos um site, constante de plano de curso (você que construiu pode descrevê-lo melhor do que eu: pela sua qualidade de memória viva). No término do curso analisamos a experiência, com a participação dos alunos que apresentaram suas dificuldades em freqüentar a sala de informática, das condições concretas da sala de micro, mais limitativas do que facilitadora para a permanência dos alunos. Poucos micros estavam disponíveis, além de que os alunos tinham de dividir o tempo com os alunos da pós graduação ou de outros institutos... era realmente muito complicado acrescentando-se ainda o fato de que nem todos os alunos tinham computador em casa. Foi logo colocada a questão do acesso à tecnologia, não pela dificuldade da tecnologia mas pela dificuldade de acesso ao computador que colocaria o aluno em rede. Esta foi a questão de mais relevância e mais evidenciada pelos alunos. E isso aí foi muito marcante porque eles tiveram ações interessantes organizando-se no CA (Centro Acadêmico), reivindicando melhores condições para a sala de micro, maior número de micro, etc... E eu me perguntava o motivo pelo qual outros institutos possuíam salas de micros (atualizados) para os estudantes que eram organizadas, amplas, possuindo muitos equipamentos e facilidade de acesso, enquanto que na FE a coisa era realmente complicada? Concordava com os alunos que era realmente complicada.

Essa foi um pouco a experiência que vivemos nesse primeiro semestre, quando criamos, ou melhor, nada criamos, simplesmente utilizamos algumas ferramentas em um curso que necessitava de uma presença maior do professor e, vice-versa para o estudante. Os contatos com os professores e monitores eram necessários até como incentivo, uma resposta imediata, uma pergunta, coisas dessa natureza.

Nós do LITE fizemos uma reunião, porque nessas alturas nós já tínhamos um número de bolsistas bastante interessante. No segundo semestre de 2001 já estávamos com 4 bolsistas e requisitando mais um bolsista ao SAE. Considerando o sucesso de nossa experiência reconhecido por mim, pelos

alunos e bolsistas, pelas descobertas que fizemos sobre a tecnologia no presencial, pela importância de alargamento do trabalho pedagógico, achamos que seria bastante interessante propor essa experiência para outros professores. Ao mesmo tempo seria um espaço de pesquisa para os professores que quisessem se envolver, para o próprio LITE, para todos que desejassem aprofundar a questão educação e tecnologia. Um espaço de pesquisa para os alunos de graduação e igualmente para os de pós graduação.(...) Decidimos alargar o Projeto transformando-o em um programa que chamamos de Programa de Apoio Didático ao Docente (PAD)... Fizemos uma carta para todos os professores da Faculdade oferecendo o Programa.

Se o Repositório não conseguiu sucesso definindo-se como uma força, como uma boa estratégia de polarização dos interesses dos grupos de pesquisa, talvez a possibilidade de oferecer um apoio para usar a tecnologia a partir das perspectivas pedagógicas, teóricas e o trabalho didático do curso, poderia tornar possível a criação de cultura. O PAD poderia ser um espaço adequado para desenvolvimento de uma estratégia mais forte e mais oportuna do que o Repositório no sentido de criar uma cultura de um uso crítico da tecnologia da informação como recurso pedagógico. Na verdade o que percebíamos é que na Faculdade de Educação o número dos “encantados”, “deslumbrados” com a tecnologia era muito reduzido. O que não era mal...O que mais tínhamos aqui eram professores/pesquisadores que dentro dessa tipologia, eram mais “resistentes” à tecnologia. Essa resistência, eu não a concebo como preconceito, mas sim como resultado de posições teóricas e de resultados de pesquisas já realizadas sobre o tecnicismo que, nos anos 60 e 70, assolou as políticas educativas, e que colocou questões complicadíssimas, como eu já coloquei, para o processo educativo, não se configurando em momento algum como solução aos problemas existentes. Muito pelo contrário, agravou-os ou foi uma política inócua.

E aí então achamos que a experiência do PAD poderia criar espaço para alcançarmos não só os objetivos já explicitados, mas que poderia trazer o professor para participar de um ambiente em que ele não tivesse de seguir ou adaptar sua metodologia a um modelo de organização de curso diferenciado daquele que ele próprio desenhou. O professor e a equipe do LITE teria de assumir que, do ponto de vista pedagógico, é que as decisões seriam selecionadas e tomadas e as soluções teriam de lá estar ancoradas. O desenvolvimento da tecnologia da informação no curso deveria ser de responsabilidade do LITE e teria então uma assessoria pedagógica no uso tecnológico procurando transformar em recurso metodológicos. A nossa analista de sistemas e as bolsistas estariam trabalhando com os professores. Esperava-se que essa estratégia poderia se manifestar mais interessante para polarizar o interesse dos professores do que a do Repositório; mesmo porque poderia trazer novas dimensões pedagógicas para a sua prática de sala de aula, do seu trabalho pedagógico. Acrescentamos um outro objetivo que seria a criação da cultura de desenvolvimento de

uma tecnologia partindo das questões pedagógicas para selecionar e ver que tipo de ferramentas seriam mais interessantes para as diferentes disciplinas e situações a serem vividas no curso de Pedagogia. E parece que foi uma decisão muito acertada porque ao mesmo tempo que o PAD estava permitindo o professor aproximar-se das tecnologias da informação caracterizava-se este movimento como uma aproximação crítica. Tivemos o cuidado de implantar desde o início do PAD, no fim do semestre, um processo de avaliação para alunos e professores. Essa avaliação tem se repetido em todos os semestres. Registra-se um aumento do número de professores, a cada semestre, que tem interesse no uso da tecnologia em situações presenciais com a referência pedagógica, orientando todas as escolhas das ferramentas.

Acho que conseguimos alguns sucessos interessantes, alguns professores que se interrogam sobre sua prática pedagógica e que estão abertos para inovações, para correrem riscos em termos de conduzir algumas mudanças no sentido de observar para que direção essas mudanças caminham e como marcam o processo de aprendizagem, reforçam a interatividade, a interação e a comunicação, criam situações de novas possibilidades de pesquisas tanto para professor quanto para o aluno.

Então iniciamos com algumas perspectivas de ferramentas e com algumas decisões, nós não queríamos usar nenhuma plataforma ou sistema que fosse um modelo rígido com uma direção teórica do ponto de vista pedagógico que colocasse uma “camisa de força” no pedagógico. Deixamos bastante livre o professor... Utilizamos de algumas ferramentas do WEBCT em contato diretamente com a equipe criadora do sistema nos EUA. Deixamos disponíveis para os professores ferramentas simples e interativas. Já era claro também para nós, que teríamos que caminhar com o desenvolvimento tecnológico do ponto de vista pedagógico, e que este desenvolvimento tecnológico seria a procura de soluções para solicitações colocadas pelos professores e pelos alunos.

Acho que a pesquisa SAPIENS nos deu bastante reforço nessa trajetória que no PAPET....

Docente IV – “Ainda em relação ao Repositório, não só os grupos se afastaram como também ocorreu o fato de que dentro da Faculdade de Educação, houve uma melhor organização do setor da informática, chegou uma analista de sistemas para o setor e com isto a Faculdade de Educação começou a organizar a sua página e foi decisão da Faculdade que os grupos de pesquisa deveriam estar nesse site institucional e no LITE. Tentamos evidenciar para os grupos que deveriam ser armazenados no site da Faculdade os aspectos institucionais e, no LITE, mais os aspectos acadêmicos. Ele seria a porta para mostrar o que estavam produzindo academicamente e, ao mesmo tempo, estabelecer contatos e articulações, lista e fórum de discussão, divulgar as produções de

pesquisas difundindo-as, sobretudo, para os grupos interessados no mesmo tipo de pesquisa acadêmica.

Uma outra coisa importante do ponto de vista do Repositório é que ele sempre foi muito aberto. A ele foram incorporados o site da ANFOPE (a presidente era professora da Faculdade de Educação), o site do Conselho Estadual de Educação até que o órgão foi capaz de desenvolver a tecnologia, apoiando na metodologia desenvolvida pela equipe do LITE. Acho que o LITE sempre mostrou-se aberto, como também compreensivo, entendendo que esse trabalho de parceria é interessante para o campo educacional.

Carla – “Porque o interesse em se usar um recurso tecnológico do ponto de vista pedagógico? O que o motivou a isso?”

Docente IV – “Depende sempre da natureza, do caráter da disciplina, do ponto de vista metodológico e didático, de conceitos teóricos com os quais eu quero trabalhar e da turma também, ou seja, se é uma turma diurna, ou se é uma turma do noturno. São situações bem diferentes.

A minha experiência demonstrou que para o diurno a lista de discussão, na maioria das vezes, é inócua. Entretanto, as referências e todas as informações sobre o curso, ementa, plano de curso, o programa do curso, de avaliação completa, de bibliografia bem discriminada, articulada com as unidades, com as opções possíveis como obrigatórias, complementares, de referência...podendo ser complementadas ou modificadas a qualquer momento do curso. Estas são algumas inovações que eu colocaria, que não usava. Estou trabalhando com três categorias de bibliografia: obrigatória, complementar e de referência. Agora, eu estou tendo a chance de completar o plano de curso com as bibliografias que eu chamaria referenciais, ou seja, os alunos estão sempre pedindo complementação bibliográfica, somente aqueles que querem ler, ninguém tem obrigatoriedade, e eu coloco-a no plano de curso, relativo a cada unidade o que eu chamo agora então de bibliografia referencial. Essa é uma possibilidade que a tecnologia me dá e que antes não dava porque não podia modificar o plano de curso sem reimprimi-lo...

O PAPET permite o desenvolvimento da avaliação como processo, seguindo as características do curso, a avaliação contínua, uma questão que fica aberta e articulada com a proposta de construção de significados, de aprendizagem como construção de significados dados pelos alunos e acompanhados pelo professor. Nessa situação só há o fechamento da proposta da avaliação quando os alunos estão prontos para fechar uma proposta final, por exemplo, primeira proposta da avaliação é discutida com eles, é construída com eles, e aí fica em observação, em discussão, até lá pela metade do curso...

Bom, a outra coisa também que está me permitindo a tecnologia é que as avaliações eram feitas de uma forma somativas sim mas sempre com pouquíssimas possibilidades dos alunos de trabalharem as resignificações.

Agora eu tenho tido experiências dentro do PAPET, com trabalho de produção coletiva de textos, e com dois tipos de trabalho, formação avaliativa continuada e a produção coletiva de textos. Na primeira perspectiva que engloba a segunda os alunos só terão uma nota definitiva no fim do curso, ou seja, na penúltima quinzena. Aí, termina o prazo em que ele pode modificar os textos apresentados durante o curso para fechar o processo de avaliação. Isso significa que ele pode fazer a mudança de significação que ele quiser no texto porque não foi lhe dada uma nota ainda, as observações do professor e do estagiário PED são disponibilizadas aos alunos. Estas observações são feitas muito mais em termos ajuda. O limite da tecnologia para nós no LITE é que não temos ainda disponível o sistema de anotações. No PAPET eu sou obrigada a fazer a entrada no texto impresso, porque (os blocos de anotações) permitiriam entrar no texto dos alunos e fazer as anotações para que todos os outros alunos pudessem acompanhar, discutir. Seria um processo mais socializado e avaliativo, quer dizer, todo mundo poderia aprender com todo mundo.

Não me refiro somente a potencialidade da tecnologia, ela tem aplicativos para isto e muito mais! Refiro-me ao desenvolvimento da tecnologia dentro do LITE. Este hoje para mim é um limite pesado! Entretanto, a produção coletiva de textos mesmo que do ponto de vista metodológico seja limitado pela tecnologia disponível no LITE, é bastante interessante, a gente faz de uma forma que chamaria artesanal, porque, como o aluno não pode entrar no site e completar seu texto permitindo que seus colegas também o completassem, portanto, colaborativo, realmente usando toda a possibilidade da tecnologia, eles trabalham então em disquete e vão compondo e aí então quando terminam colocam no site. O que eles querem corrigir mandam e a bolsista introduz de forma tal que os outros vejam. Então, eles podem ou não continuar a correção como quiserem. Muito embora a gente tenha trabalhado dessa forma a minha experiência foi de que realmente os alunos leram muito, estavam muito entusiasmados, entretanto a metodologia foi limitativa, eles queriam chegar até a construção de um hipertexto e só não chegaram por limitação da tecnologia. Não a tecnologia como potencialidade, ela tem tudo isto, mas a tecnologia dentro do LITE.

Outra coisa interessante que eu usei bastante também são os textos. Na área do professor disponibilizei textos que eu rescrevi, ou textos de informação geral, mas são textos importantes, seja porque são resenhas de livros sobre a temática do curso, ou algum aspecto teórico relacionado ao curso, seja porque é um texto que eu já encontrei disponível em rede. Então as pesquisas são feitas em links onde existem textos dentro da temática.

Então eu estou dizendo o seguinte, fazendo um resuminho: existem situações que realmente algumas tecnologias mostram-se inócuas, não têm tanta importância, como, por exemplo, nos presenciais diurnos em que os alunos têm muito tempo para se encontrarem para conversar, é sempre a mesma turma e vivem algumas experiências de lista de discussão (você mesma viveu uma situação), a nossa lista de discussão só pegou quando foi importante para o grupo. Não adianta você mostrar ou disponibilizar para o grupo tecnologias se ela não entra de alguma forma significativa do ponto de vista pedagógico; isso também é outro princípio que para mim é de fundamental importância nessa experiência do PAPET.

É muito interessante essa dimensão do sistema colaborativo: depende do tempo e do espaço do aluno e do tempo e do espaço pedagógico. Muito frequentemente, educadores são tentados a ver o aspecto da tecnologia em função dos benefícios individuais, ou seja, a tecnologia pode permitir o virtual a qualquer momento para o aluno, independentemente de onde ele esteja e do momento (espaço e tempo), desde que tenha acesso a Internet. É esse o grande slogan do marketing, entretanto, eu estou observando que a tecnologia tem potencialidades para trabalhos coletivos extremamente fortes mesmo em cursos presenciais, muito embora situações ocorram não de modo síncrono mas assíncrono. Entretanto, o que eu tenho percebido é que a presença da tecnologia na situação presencial reforça as interações, criando situações que possibilitam mais a construção de significados para os alunos e fica mais claro, eu sinto mais claro digamos, o caminho, a trajetória escolar de cada aluno.

Porém, eu quero frisar aquilo que estava começando a falar sobre a tendência, sobretudo daqueles que são fascinados pela tecnologia, de individualizar o ensino quando, contrariamente, a tecnologia tem uma potencialidade enorme para reforçar a aprendizagem socializando-a, a partir do conceito de que a aprendizagem ocorre em situação social, com o outro. A aprendizagem tem um nível individual mas para você elaborar significados, ampliar, fazer críticas, etc, transformar a informação no conhecimento, é preciso estar em situação social, quando trabalhado on-line de uma forma coletiva é extremamente interessante. Outra coisa também, a grande vantagem da tecnologia reforçada pelos “encantados” pelo seu uso na educação à distância ou presencial, é de que sempre os alunos podem acessar informações (conhecimento?) pois ele tem informações ao infinito a sua disposição... Eu acho equivocada a concepção de que a tecnologia tem que assumir a educação.

O inverso é que deve ocorrer, a educação tem que se apropriar da tecnologia e abrir-se a responder os desafios que sua grande potencialidade lhe coloca. A educação se modifica pela presença da tecnologia no seu processo. Reconhecer isso é de importância fundamental do ponto de vista pedagógico, do ponto de vista didático e teórico de concepção de educação. Mas eu considero também importante a tecnologia para o trabalho escolar do aluno, que é uma coisa que é

pouquíssimo estudada. Não tem pesquisa sobre isto, ou seja, como o aluno incorpora a tecnologia no seu trabalho escolar? Se para o professor, na minha avaliação, apresenta uma nova dimensão e para o aluno?

O quadro de avisos, calendário são situações interessantes permitidas pela tecnologia no processo interativo professor x aluno. Terminando uma aula eu posso entrar em contato com alunos, avisar, informar, discutir, entrando no fórum esclarecer alguma dúvida que tenha ficado no ar, coisas que o aluno não tenha entendido. Essa situação de recuperação do conteúdo, do conhecimento em termos do processo de aprendizagem de significações é muito interessante. Ela é de uma riqueza realmente infindável e também a fazer adequações, porque quando se usa tecnologia não dá para se fazer um calendário para longo tempo, é importante fazer adequações em determinados momentos e ter flexibilidade para acompanhar como o aluno está vivenciando esta experiência e como a nós mesmo, como professor, estamos vivenciando-a. Porque ela atrapalha uma perspectiva tradicional metodológica. Ela nos coloca face a perspectivas inovadoras, como dizia uma professora, ela pode provocar rupturas do ponto de vista metodológico e didático no trabalho pedagógico do professor.

Uma coisa inadequada do PAPET para mim era que todo o material ficava disponível na rede, qualquer pessoa visitando o LITE, se descobrisse depois o /cursos, chegava ao conteúdo dos cursos com a maior facilidade. Considerava essa abertura um problema sério porque não tinha áreas de acesso privilegiado para determinados trabalhos dos alunos e do professor, dirigidos estritamente à classe, aos alunos que cursam a disciplina. Pela primeira vez conseguimos colocar as senhas criando espaços de acesso público e outro privilegiados. Apesar de interessante ainda é bastante limitativo: a senha ela é específica para cada disciplina, então todos os alunos entram com a mesma senha, sem entradas individuais. Espero que o próximo passo do PAPET seja a senha individual para o aluno.

E outra coisa ainda é que sem a senha não nos é permitido ainda fazer o acompanhamento da trajetória pedagógica do aluno. É um limite do PAPET, não da tecnologia, porque já existem soluções.

O que esses limites estão trazendo? Muitas vezes, e é uma crítica que faço ao PAPET e que me preocupa, é a perspectiva “feijão com arroz” que ele pode assumir, ou seja, selecionadas pela sua facilidade de aplicação. Não que eu seja contra o “feijão com arroz”. O que quero dizer, de um lado, o Programa não pode circunscrever-se a tecnologias dadas sem explorar suas potencialidades para o trabalho pedagógico. Eu fico preocupada com a incorporação de tecnologias. Por outro lado, eu fico pensando se devemos acompanhar o ritmo, o interesse, e a descoberta dos professores. Ora, o ritmo lento de desenvolvimento do Programa acompanha mais o ritmo do movimento que ocorre na FE O ritmo do PAPET está no mesmo diapasão.. Entretanto,

não é o meu movimento, eu estaria pronta para ir mais para frente, ou seja, eu estaria pronta para ter um sistema colaborativo de aprendizagem que fosse realmente interativo, com tecnologias síncronas e assíncronas, é lá que eu quero chegar. Eu gostaria até de dizer que, como eu, já tem professores aqui na FE prontos para dar o salto. Conheço casos de dois professores: um está no PAPET e o outro dentro de um sistema colaborativo já desenvolvido. Porque não usamos modelos já conhecidos e disponíveis, modelos WebCT, AulaFácil, qualquer um desses sistemas aí? Minha resposta: o professor deve ser autônomo, livre para desenvolver teorias sobre educação, teoria pedagógica, dar sentido ao seu trabalho pedagógico, e não adaptar-se a modelos prontos, a kits...

O que eu quero é que esse modelo em desenvolvimento no LITE seja fruto do trabalho pedagógico que os professores estão desenvolvendo. Como, por exemplo, em experiências com chats, que ficam disponibilizados para os alunos. Uma experiência muito legal, um material que era síncrono passa a ser assíncrono. Alunos e professor podem debruçar-se sobre esse material e estudá-lo, fazer o recorte que eles quiserem, e também fica como material de pesquisa. É interessante porque é uma velocidade tremendamente “louca” e precisa de uma tranquilidade de participação e muita articulação não só de solidariedade mas de colaboração, porque senão se tem um professor na berlinda quando sua produção é objeto do chat, ele fica “louco” se ele for respondendo na mesma intensidade e velocidade à todas as questões. Alunos e professores aprendem um novo ritmo de comunicação pois o tempo e o espaço on-line são diferentes do tempo presencial. Mas não dá para se fazer um controle rígido, se você fizer você pode colocar tantas normas e limites para o ambiente onde o espaço e o tempo são diferentes que você coloca uma “camisa de força” no chat. Então o que tem de funcionar mesmo é a concepção de um novo espaço, a concepção de um novo tempo e os alunos e os professores controlando-os e procurando estabelecer novas posturas de trabalho pedagógico, tentando colaboração para reagrupar quando a questão é enunciada ou uma pergunta que está fora do tema em discussão. Por exemplo, ele enuncia o tema para que o professor possa ir agrupando as perguntas... As avaliações, estudos e análises do site nos permite fazer esse tipo de análise.”

Carla – “Do ponto de vista pedagógico nas disciplinas, como administrou a metodologia e didática apoiadas pela Tecnologia?”

Docente IV – “A reflexão fundamental tem de estar na pedagogia, na metodologia, portanto, na educação deslocando-se para a tecnologia em seus limites e potencialidades, e no que a tecnologia pode avançar, ou reforçar, criando situações novas, fazendo rupturas na questão

pedagógica. Então eu acho que essa relação educação/tecnologia não é uma relação unicamente na direção da educação em relação a tecnologia mas ela tende a provocar uma interação extremamente forte, não no sentido de entender a educação pela educação e a tecnologia pela tecnologia, mas no sentido de entender e de compreender as questões tecnológicas, inclusive para saber usa-las com mais propriedade, atendendo as exigências metodológicas do trabalho pedagógico, ou seja, a tecnologia não é independente. Epistemologicamente ela exige que você faça seleção, escolhas, conheça seus limites e alcances, suas potencialidades, portanto. O educador precisa conhecer a tecnologia não pela tecnologia mas para você saber como é que vai trabalhar do ponto de vista das exigências teóricas da educação. O tipo de curso e sua natureza, as concepções metodológicas e didáticas do curso são os referenciais para o professor fazer adequadamente as escolhas. Educação e Tecnologias devem estar, em relação articulada, no centro do trabalho pedagógico. Então essa é a preocupação que eu tenho sempre, fazer essa relação.”

Carla – “Você considera que esse ambiente trouxe modificações no processo de aprendizagem? Para você? Para o aluno?”

Docente IV – “Considero. Mas eu acho que mesmo esse ambiente, com todas as críticas que faço, é fortemente marcado pelo desenvolvimento tecnológico restrito e por isto tem pouca interatividade. Porque usar o WebCT ou qualquer outro ambiente já construído com sistemas incorporando concepções de avaliação, concepções de educação, concepções teóricas, alguns até fortemente ancorados nas concepções comportamentalistas, instrucionais (instrução programada, dos anos 40/50...)?.

A grande aprendizagem que essa experiência do PAPET está me trazendo é me permitir colocar questões e aprender a trabalhar com as tecnologias nos seus limites nos seus alcances respondendo as questões contemporâneas colocadas hoje pela educação, tanto do ponto de vista pedagógico, quanto didático, quanto teórico, quanto epistemológico, quanto histórico (...) e contextualizando a (...) prática pedagógica. É uma aprendizagem muito interessante! E mostrando o quão são às vezes obsoletas nossas concepções pedagógicas que nos levam a concepções tão tradicionais.

Carla – “E quanto aos alunos?”

Docente IV – “Quanto aos alunos eu sinto interesse, sinto alunos que estão bem, aproveitando bastante, mas sinto muita indiferença de outros...”

Essa questão dos alunos está aberta e é um importante objeto de pesquisa. O LITE tem acompanhado mais os professores do que os alunos. Os professores têm devolvido avaliação semestral; quanto aos alunos, apesar do empenho do LITE, são poucos os que têm dado retorno. Esta é uma questão que merece estudos. Nós temos, no LITE, uma série de hipóteses, a partir da própria experiência que estamos vivendo, entretanto, é preciso saber como é que o PAPET está sendo vivenciando pelos alunos.

- O que sempre falei com você foi sobre a diferença de situação dos alunos de graduação do diurno e do noturno. Alunos de graduação do diurno têm mais tempo, podem dedicar-se mais tempo à vida acadêmica; enquanto os alunos do noturno, pela própria condição de trabalhadores, têm pouquíssimo tempo, suas experiências de vida acadêmica são sofridas...

Para esses alunos a internet funciona como mais um caminho de interatividade e permite-lhe estar um pouco mais dentro do curso. O que eu sinto é que entre os alunos do noturno os que respondem mais rápido são os que trabalham diretamente com computador em empresas.

Carla – “Quais as diferenças dessa relação pedagógica/tecnológica em relação às que você já vivenciou? O que mudou?”

Docente IV – “Essa tecnologia da informação permite um processo interativo de imediato síncrono ou assíncrono, é a grande diferença, é a grande mudança que permite uma didática mais dinâmica, um processo de aprendizagem com relações de significados construídos mais rapidamente. Por exemplo, eu trabalhei com uma turma que estava elaborando significados, atribuindo significados as suas aprendizagens muito mais rapidamente do que os alunos que eu trabalhei com as tecnologias de giz, enfim, de transparência, essas coisas aí, as tradicionais.

Carla – “O PAPET propõe-se a criar uma nova cultura. Na sua opinião isto está acontecendo?”

Docente IV – “Eu acho que sim. Ao mesmo tempo que eu dei aqueles dois exemplos de professores que estão utilizando ambientes colaborativos mesmo que sejam modelos, eu acho que já é um indicador dessa cultura que está se formando aqui na Faculdade, ou seja, eles já não estavam mais contentes com uma possibilidade, eles estavam a procura de alternativas. As suas exigências eram mais fortes e maior do que de outros professores em outras situações, então foram procurar outras opções que os satisfizessem mais....

Eu acho que o constante retorno dos professores em todos os semestre depois do início do programa é um forte indicador do seu interesse, pois o investimento que eles fazem de tempo na disciplina

on-line é muito maior do que nas disciplinas presenciais. Eu diria que sim: essa cultura está sendo criada.

E ela não está sendo criada de uma forma imposta, isto é outra coisa absolutamente importante, não existe modelo imposto, o que é outra questão do PAPET que é inovadora. O que ocorre é que o professor vai dizer o que ele quer, e ele vai alargando segundo o que ele vai conhecendo das tecnologias e o que ele poderá refazer, o que a gente sugere, ele aceita, muitas vezes ele não aceita, ele diz eu só quero isto, ele vai no ritmo dele e no dos alunos.

Então é uma cultura que está sendo criada respeitando digamos, as necessidades, sem violação de sua privacidade, ou imposição aos professores do ponto de vista de rupturas profundas que eles teriam então dificuldades em trabalhar.

Do ponto de vista do trabalho escolar dos alunos eu acho que é uma outra questão que teria de ser pesquisada, mas eu tenho a impressão de que com todas essas análises aqui expostas e com indicadores de sucesso, ou menos sucesso é um objeto de pesquisa.

Eu percebo entre meus alunos que eles rejeitam determinada tecnologia até no momento em que ela não é importante para eles. Quando ela se torna eles começam a usa-la, porém, no seu ritmo.”

Os “encantados”, digamos, os “apaixonados e deslumbrados” em oposição a uma segunda categoria, aqueles que seriam neutros, (não existe neutralidade) , não teriam resistência. Quanto aos “neutros”, indiferentes (...) seria o oposto, uma negação total à tecnologia. O que quer usar criticamente (terceiro tipo) não tem nem negação e nem deslumbramento mas sua ação é caracterizada pela posição crítica. É nesta categoria que me enquadro. Observo que a intensificação do uso do PAPET e sua interiorização nas práticas pedagógicas na Faculdade de Educação corresponde a manipulação das tecnologias criticamente. Isso é uma nova cultura elaborada?

Então o fato de querer mais interatividade no Programa para mim é um indicador extremamente forte e a gente deveria estar contentes porque é um sinal de indicador de sucesso do Programa. E são poucas as situações em que um professor entra e abandona, não leva para frente e depois desiste. Existe ainda aqueles que não tiveram a oportunidade de desenvolver, como gostariam ,esse Programa, por isso eles abandonam (forte de exigência de tempo por exemplo).

Carla – “Em sua opinião qual(ais) foi(ram) as rupturas na relação ed./tec.?”

Docente IV – “Eu já respondi essa desde a primeira questão, eu diria fazendo uma síntese, que eu vejo ruptura pedagógica na forma de avaliação, a potencialidade da tecnologia na educação

permitindo produção coletiva de texto, permitindo produção individual, articulação entre individual e coletivo, permitindo dar mais rastro a um processo de significados e por outro lado permitindo que realmente a avaliação acompanhe toda a concepção do curso e se desenvolve no desenrolar do curso.

Outra coisa é aquela de significação dos trabalhos dos alunos, eu já estava recebendo trabalhos com mudança de significação muito rapidamente construídos.

Agora não sei como as rupturas pedagógicas do ponto de vista de interação variam segundo a natureza e característica do curso.

Eu posso estar mais perto dos alunos. Outra ruptura dos trabalhos que eu percebo, do ponto de vista dos alunos, é a ruptura que os alunos são capazes de fazer no seu trabalho pedagógico, no seu trabalho escolar, quando ele percebe que o professor pode acompanhar passo a passo seu trabalho de criação, de elaboração, de complexidade, das dificuldades, realmente isso aí é outra dimensão importante.

Carla – “Quais suas perspectivas em relação ao Programa aliado à seu trabalho pedagógico?”

Docente IV – “Minha maior perspectiva é aliar o PAPET ao SAPIENS II. Temos de articular esta aprendizagem do PAPET com o SAPIENS II, a minha grande perspectiva é que a gente consiga ter a competência técnica dentro do LITE para desenvolvimento de programas, por isso é importante reforçar a equipe do ponto de vista de programação o que certamente permitirá ao PAPET dar um grande salto. Ao mesmo tempo temos de reforçar o Programa com pesquisa para ter apoio de agências financiadoras. De todo o jeito eu acho que nós precisamos dar um salto qualitativo ou então nós não vamos ter condições de permanecer com o PAPET no LITE como ele está. Eu acho que como está, como estava, porque ele já está dando saltos este ano, como estava já se esgotou, nós estamos em uma outra fase em que a própria cultura está exigindo novas soluções e a gente tem de ter competência e organização para encontrar essas novas soluções.

Os bolsistas que tiveram uma formação diferenciada no seu curso de Pedagogia ou de Licenciatura...nós estamos formando alunos bolsistas em uma nova perspectiva de trabalho que eu considero inovadora, muito inovadora para UNICAMP, e muito positiva para os alunos, porque além das reuniões onde expõem suas dificuldades, além do acompanhamento da coordenadora do ponto de vista tecnológico que é feito pela analista de sistemas, e eu do ponto de vista pedagógico, e do aluno que tem que, com sua competência, abrir novos horizontes para professores, eles têm reuniões de estudo, bibliografia disponível no LITE para estudar o quanto interessar. Essa forma

inovadora e diferenciada é reconhecida por outros pesquisadores da área e também por empresas que estão construindo sites de ambientes colaborativos e que pedem assessoria de profissionais da educação.

A interdisciplinaridade do LITE é extremamente rica e permite o PAPET ter essa experiência diferenciada. Não conheço trabalho semelhante em desenvolvimento em outra universidade, nem no país e nem fora.